

eja

EDUCAÇÃO
PARA JOVENS
E ADULTOS

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I

Módulo 1 • Volume Único

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador

Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Educação

Antônio José Vieira de Paiva Neto

Chefe de Gabinete

Caio Castro Lima

Subsecretaria Executiva

Amaury Perlingeiro

Subsecretaria de Gestão do Ensino

Patrícia Carvalho Tinoco

Superintendência pedagógica

Carla Bertânia Conceição de Souza

Coordenadora de Educação de Jovens e adulto

Rosana Mendes

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Gustavo Reis Ferreira

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL EJA (CECIEJ)

Diretoria Adjunta de Extensão
Elizabeth Ramalho Soares Bastos
Coordenadora de Formação Continuada
Carmen Granja da Silva
Gerência do Projeto
Michelle Casal Fernandes
Diretoria Adjunta de Material Didático
Cristine Costa Barreto
Elaboração
Edna Maria Santana Magalhães
Julia Fernandes Magalhães
Marco Antonio Casanova
Maria Antonieta Antunes Cunha
Monica P. Casanova
Coordenadora Geral
de Língua Portuguesa e Literatura
Cristiane Brasileiro

Revisão de Língua Portuguesa
Julia Fernandes Lopes
Coordenação de
Desenvolvimento Instrucional
Bruno José Peixoto
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda
Desenvolvimento Instrucional
Flávia Busnardo
Livia Tafuri Giusti
Coordenação de Produção
Fábio Rapello Alencar
Assistente de Produção
Bianca Giacomelli
Projeto Gráfico e Capa
Andreia Villar
Imagem da Capa
e da Abertura das Unidades
Sami Souza

Diagramação
Alexandre d' Oliveira
Alessandra Nogueira
Bianca Lima
Carlos Eduardo Vaz
Juliana Fernandes
Juliana Vieira
Patrícia Seabra
Ricardo Polato
Ronaldo d' Aguiar Silva
Ilustração
Bianca Giacomelli
Clara Gomes
Fernando Romeiro
Jefferson Caçador
Sami Souza
Produção Gráfica
Patrícia Esteves
Ulisses Schneider

Copyright © 2012, Brasília

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito.

L755

Linguagens, códigos e suas tecnologias. Módulo I - Linguagens e códigos. / Magalhães, Edna Maria...[et al.] - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013.

254 p.; 21 x 28 cm - (Nova EJA.).

ISBN: 978-85-7648-877-4

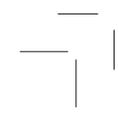
1. Linguagem. 2. Código. 3. Tecnologia. 4. Cultura.

I. Magalhães, Edna Maria. II. Série.

CDD: 401.4

Sumário

Unidade 1 • Cultura e Identidade	7
<hr/>	
Unidade 2 • Linguagem, cultura e variação linguística	29
<hr/>	
Unidade 3 • Língua falada, língua escrita e gêneros textuais	59
<hr/>	
Unidade 4 • A Prescrição	87
<hr/>	
Unidade 5 • A Narração	115
<hr/>	
Unidade 6 • A narração: os elementos linguísticos e tipos de discurso	139
<hr/>	
Unidade 7 • Literatura: A arte da palavra	167
<hr/>	
Unidade 8 • A Literatura através do Tempo	189
<hr/>	
Expansão • A norma culta e suas diversas ramificações	225
<hr/>	



Prezado Aluno,

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação.

Através da educação a pessoa toma a sua história em suas próprias mãos e consegue mudar o rumo de sua vida. Para isso, acreditamos na capacidade dos alunos de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir suas escolhas.

O material didático que você está recebendo pretende contribuir para o desenvolvimento destas capacidades, além de ajudar no acompanhamento de seus estudos, apresentando as informações necessárias ao seu aprendizado.

Acreditamos que, com ajuda de seus professores, você conseguirá cumprir todas as disciplinas dos quatro módulos da matriz curricular para Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

E assim, novas histórias acontecerão em sua vida.

Para ajudá-lo no seu percurso, segue abaixo uma tabela que apresenta a grade de disciplinas que irá cursar:

MÓDULO	NOME DISCIPLINA	CH SEMANAL	CARGA HORÁRIA TOTAL
MÓDULO I	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA I	4	80
MÓDULO I	MATEMÁTICA I	4	80
MÓDULO I	HISTÓRIA I	4	80
MÓDULO I	GEOGRAFIA I	4	80
MÓDULO I	FILOSOFIA I	2	40
MÓDULO I	SOCIOLOGIA I	2	40
MÓDULO I	ENSINO RELIGIOSO	1	20
CARGA HORÁRIA TOTAL DO MÓDULO I		420	
MÓDULO II	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA II	4	80
MÓDULO II	MATEMÁTICA II	4	80
MÓDULO II	FÍSICA I	4	80
MÓDULO II	QUÍMICA I	4	80
MÓDULO II	BIOLOGIA I	4	80
MÓDULO II	ENSINO RELIGIOSO	1	20
CARGA HORÁRIA TOTAL DO MÓDULO II		420	
MÓDULO III	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA III	4	80
MÓDULO III	MATEMÁTICA III	4	80
MÓDULO III	HISTÓRIA II	3	60
MÓDULO III	GEOGRAFIA II	3	60
MÓDULO III	FILOSOFIA II	2	40
MÓDULO III	SOCIOLOGIA II	2	40
MÓDULO III	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	40
MÓDULO III	LÍNGUA ESTRANGEIRA OPTATIVA	2	40
MÓDULO III	ENSINO RELIGIOSO	1	20
CARGA HORÁRIA TOTAL NO MÓDULO III		460	
MÓDULO IV	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA IV	4	80
MÓDULO IV	MATEMÁTICA IV	3	60
MÓDULO IV	FÍSICA II	3	60
MÓDULO IV	QUÍMICA II	3	60
MÓDULO IV	BIOLOGIA II	3	60
MÓDULO IV	LÍNGUA ESTRANGEIRA	2	40
MÓDULO IV	ARTES	2	40
MÓDULO IV	ENSINO RELIGIOSO	1	20
CARGA HORÁRIA TOTAL NO MÓDULO IV		420	

Conte conosco.
Equipe da Fundação Cecierj e SEEDUC

“

Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo.

Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma.

Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave.

Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.

Hermann Hesse

”

Cultura e Identidade

Para início de conversa...

Quando alguém diz que os brasileiros têm pouca cultura, essa pessoa pode estar certa, mas pode estar falando uma grande asneira. Pode estar mal informada sobre formas de entender a cultura brasileira e pode estar demonstrando um tremendo preconceito. De todo modo, o certo é que clarear as formas de entender a cultura é um passo importante para nos percebermos como pessoas e para compreendermos a linguagem como nossa riqueza maior.

Nesta primeira unidade, vamos discutir diversos entendimentos do termo cultura para, depois, vermos sua íntima relação com questões de linguagem e de língua. Vamos ver, também, traços da cultura brasileira, criadores de uma identidade nacional, entre os quais a língua aparece como fundamental.

Pronto para iniciar os estudos? Então, vamos lá!

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer a linguagem como elemento constituidor e constituinte da cultura.
- Identificar as relações entre língua e identidade.

Seção 1

Cultura: os muitos significados da palavra

Vamos começar a aula pensando em algumas questões.

- Em sua opinião, o que é “cultura”?
- Quando se diz que alguém “tem muita cultura”, o que, em sua opinião, caracteriza essa pessoa?

É bem provável que, suas respostas para as perguntas acima, não apenas no seu entendimento como no de muita gente, “ter cultura” signifique ter muitas leituras, falar uma ou várias línguas estrangeiras, ter muitos conhecimentos sobre História, Geografia, sobre artes, sobre questões atuais de política, economia etc.

Mas será que é isso mesmo?

Veja as manifestações ilustradas a seguir:

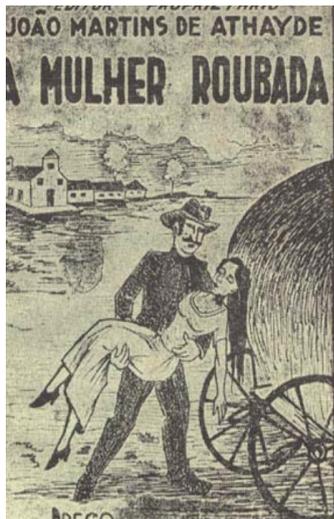


Figura 1: Literatura de Cordel – A Mulher Roubada, de João Martins de Athaide.



Figura 2: Música – Dia da Independência: 7 de setembro – Brasil.



Figura 3: Namoradeiras – Artesanato (MG).



Figura 4: Dança Afro (Salvador-Bahia).

Isso também não é cultura?

Quando expandimos nosso olhar, percebemos que cultura é muito mais do que só as manifestações de algumas pessoas ou classes sociais. Ela envolve todas as manifestações da vida de um povo.

Os especialistas chamam de “cultura erudita” aquela que se cria ou se divulga nas universidades, instituições científicas e outros centros de estudos e se apoia basicamente em registros e documentos. É, por excelência, o conhecimento de prestígio.

Para os mesmos estudiosos, ao lado dessa forma de cultura, existe a “cultura popular” – aquela cujo desenvolvimento dá-se à margem dos registros oficiais e longe das academias e sistemas de ensino. É transmitida, sobretudo, oralmente, ou por meio de registros bastante simples, basicamente artesanais, nos mais diferentes ambientes de convivência dos grupos envolvidos. Essa cultura evidencia-se nas artes (literatura, música, teatro, dança, escultura etc.), no tratamento de doenças, nas festas e comemorações. O folclore é um exemplo dessa cultura. Você conhece alguma lenda folclórica da sua região? Qual (is)?

Cultura é o conjunto de conhecimentos de um povo, transmitidos através de gerações. Estes conhecimentos congregam arte, folclore, lenda, comportamentos sociais, modos de vida, sentimentos, linguagem, modos de vida, ocupações etc.



Veja algumas lendas folclóricas brasileiras fazendo uma busca no site <http://www.suapesquisa.com>



Se a cultura erudita pode ser mais valorizada, não é isso que ocorre com a cultura popular: Esta nem sempre chamou a atenção dos cientistas e é, com frequência, vítima de preconceitos e desconsiderada. No entanto, felizmente, ela sempre foi visitada pela sensibilidade dos grandes artistas. Poderíamos dizer que boa parte da melhor arte, no mundo inteiro, e em todos os tempos, tem sua origem na cultura popular.

Para dar apenas exemplos brasileiros, pensemos em escritores, como Ariano Suassuna, cuja obra literária e teatral tem como fonte a cultura popular. Ou em Heitor Villa-Lobos, o grande compositor erudito brasileiro, que tem na cultura popular a inspiração de suas composições mais conhecidas. Ou em Antônio Nóbrega, cuja formação erudita não o impediu de ter sua arte marcada pelo folclore nordestino.

Folclore é a tradição de um povo, os costumes, as crenças, as superstições, transmitidos de geração em geração. Assim, as lendas, os contos, as canções, as danças, os artesanatos, os jogos, a religiosidade, as brincadeiras e as cantigas infantis, os mitos, as adivinhações, as festas e as atividades culturais são manifestações do folclore de um povo. O folclore é a cultura popular que identifica um determinado grupo ou povo. Por isso, é parte essencial da cultura de uma nação.





Saiba Mais

Ariano Suassuna nasceu em 1927, em João Pessoa (PB), mas desde 1942 mora em Recife (PE), de onde exerce sua arte de romancista, poeta e dramaturgo e sua luta em favor da cultura popular nordestina. Escreveu mais de 25 obras, entre as quais se destacam *Auto da Compadecida*, *O santo e a porca*, *A pedra do reino*. Foi o criador do Movimento Armorial, cuja proposta era, em todas as artes, propagar a cultura regional. Tem sua obra traduzida em sete países.



Para ler e ver Ariano Suassuna acesse os sites http://www.releituras.com/asu-assuna_menu.asp.

Heitor Villa-Lobos nasceu no Rio de Janeiro, em 1887, e morreu em 1959. Maestro e compositor, foi o principal nome da música brasileira no Modernismo. Desde 12 anos tocava violoncelo. Escreveu composições de inspiração barroca, como as famosas Bachianas, mas também inúmeras outras, de inspiração na cultura popular, como Choros, Serestas e Cirandas. Teve seu talento reconhecido mundialmente. No Rio de Janeiro, há o Museu Villa-Lobos, que você pode conhecer pela Internet. Veja mais em www.villa-lobos.org.br e <http://www.museuvillalobos.org.br/>.



Ouçã Villa-Lobos – Bachiana nº 5, orquestrada e cantada em várias partes do mundo em <http://www.youtube.com/watch?v=NxzP1XPCGJE>.

Antônio Nóbrega é de Recife, onde nasceu em 1952. Violinista desde criança acabou integrando o Quinteto Armorial, como instrumentista e compositor. Em carreira solo, criou uma série de espetáculos, unindo música, teatro e dança, pelos quais ganhou os mais altos prêmios no Brasil. Eis alguns deles: *Brincante*, *Figural*, que percorrem o Brasil e o mundo: já se apresentou em temporadas, em Cuba, Rússia, França, Portugal, Alemanha, Espanha, entre outros países. Vários de seus espetáculos estão em CD e DVD, e *Lunário Perpétuo* foi transformado em filme, sob a direção de Walter Carvalho. Consulte ainda www.antonionobrega.com.br e assista aos shows em WEB – ver se é possível disponibilizar os vídeos em nosso ambiente <http://www.youtube.com/watch?v=x2GDYP26mNc&feature=related>



Atividade

Que manifestações de cultura popular são comuns em sua cidade ou em seu bairro?
Você participa de alguma delas? Alguma lhe parece especialmente interessante? Por quê?



Anote suas respostas em seu caderno

Há, por fim, a “cultura de massa”, típica do mundo industrializado em que vivemos. Ela se instala a partir do desenvolvimento de produtos e serviços em escalas industriais, criados e oferecidos para uma massa consumidora, gerando consumo que pode ocorrer, em alguns casos, simultaneamente a esse processo de produção. Esta cultura vale-se de um sistema de comunicação complexo e sofisticado, que pretende atingir um número cada vez maior de pessoas – o que se consegue, na maioria das vezes, pela homogeneização e nivelamento das mensagens, oferecidas a milhões de “participantes” anônimos, espalhados por grandes territórios.

São veículos dessa modalidade de cultura, sobretudo, a televisão, o rádio, a imprensa, com ênfase, agora, na Internet.



Figura 5: Transmissão em Beirute



Figura 6: Portal do MEC

1. Possivelmente, você vê televisão ou ouve rádio.
 - a. Qual sua programação preferida, em cada caso?
 - b. A que programação você definitivamente não assiste? Por quê?
2. Você costuma ler jornais e revistas? Explique por quê, caso leia ou não.
3. Quais são os jornais e as revistas? E quais os assuntos preferidos?



Anote suas respostas em seu caderno

As três modalidades de cultura – erudita, popular e de massa – estão muitas vezes entrelaçadas na nossa vida e, em alguma medida, toda a sociedade e seus cidadãos usufruem delas.

Talvez possamos dizer que a chamada cultura erudita é a mais distante da sociedade como um todo, uma vez que ela exige certo hábito de leitura, certa escolarização, ou pede espaços que não são frequentados facilmente pela população em geral. Essa cultura está nos museus, nos teatros, nas galerias, arquivos e bibliotecas, lugares que nem sempre têm acesso gratuito ou preços razoáveis. Outras vezes, parecem até espaços sagrados, não é?



Em seu bairro, vilarejo ou cidade, quais são os espaços de cultura que estão à disposição da população? Qual (is) deles você frequenta regularmente?

Anote suas respostas em seu caderno

E com relação à cultura de massa? Quem participa dela?

Vale lembrar que, praticamente, todas as camadas sociais participam dela – e nem poderia ser diferente. O nome – de massa, indica que muitas pessoas.

Quanto a ser esta cultura irremediavelmente alienadora e destruidora da cultura mais original e mais típica de um povo, conviria pensarmos que, se esta forma de cultura não for exclusiva, seus “perigos” ficam bem diminuídos. Se conviverem, no cotidiano das pessoas, as várias modalidades de cultura, possivelmente os ganhos serão muitos.

Então, que tal uma pesquisa em um meio de comunicação de massa?

Produção textual em sala de aula

Em geral, os jornais têm um caderno especial de 'cultura'. Escolha um desses cadernos de um jornal de circulação regional ou nacional e liste todas as seções ou os assuntos incluídos neste. Veja se os três tipos de cultura estão representados e se algum tem mais importância para o jornal. Elabore um texto de aproximadamente 10 linhas sobre o tipo de cultura que é mais representada e explorada em sua região. Descreva como esse tipo de cultura se manifesta no dia a dia das pessoas.



Anote suas respostas em seu caderno

Tantas formas de entender e classificar cultura mostram que, como muitos outros fenômenos ou questões relacionadas ao Homem, este assunto está sempre em aberto.

Para nós, no entanto, é importante abordar a cultura na perspectiva da Antropologia, ciência que estuda o homem a partir da análise de seus diversos modos de viver. A Antropologia amplia o conceito de cultura para além das manifestações. Para ela, a cultura se manifesta a todo momento em nossas relações sociais e em nossa relação com o lugar onde vivemos.

Podemos, assim, ver traços culturais em várias situações e nas inúmeras relações que estabelecemos no nosso cotidiano. Observe algumas dessas situações ilustradas nas imagens a seguir:



Figura 7: Ao telefone, conversando.



Figura 8: Cafezinho.



Figura 9: Futebol.



Figura 10: Um cybercafé, em Paris.



A cultura é uma construção histórica e diz respeito à vida social, englobando o conjunto de fazeres e usos, todas as formas de conhecimento, todos os modos de expressão, e todos os valores construídos no processo de desenvolvimento social de cada agrupamento.

Nesse sentido, podemos assegurar que não existe agrupamento humano, nem ser humano sem cultura. Da mesma forma, podemos afirmar que não temos critérios firmes para sustentar que uma cultura é melhor do que outra, uma vez que cada agrupamento tem um modo de estar no mundo que satisfaz as suas necessidades e aspirações, criadas social e historicamente.

A cultura constitui-se a partir do desenvolvimento da fala e da capacidade do homem de criar instrumentos de atuação sobre a natureza. Nesses dois pontos, funda-se a característica humana da cultura.

Foi o desenvolvimento da linguagem oral pelo homem que gerou potencialidades extraordinárias para a cultura. A primeira delas é a capacidade de o ser humano acumular conhecimento (de toda natureza), o que tem como consequência o avanço incessante da cultura.

Seção 2

As relações entre cultura, língua e identidade cultural

Um dos grandes interesses dos vários estudiosos com relação à cultura está no fato de os agrupamentos humanos apresentarem tantas e tão acentuadas diferenças entre si. Esta é mesmo uma questão crucial, que pressupõe uma outra: em que elementos comuns se baseia a cultura de cada agrupamento humano?

Dito de outra maneira: se, por exemplo, o Brasil é diferente culturalmente de outros países, o que nos identifica como país?



Você já pensou no que faz você se sentir brasileiro? Pense um pouco nisso e responda:

- Em que situações ou acontecimentos, você gosta de ser reconhecido como brasileiro?
- Em que situações, você gostaria de não ser brasileiro?



Leia o poema a seguir e responda às questões apresentadas..



Esse poema foi extraído de um livro de Leo Cunha, autor mineiro que já escreveu mais de 40 livros para o público jovem e de crianças entre crônicas, romances, contos e poemas. Com vários deles, ganhou diferentes prêmios nacionais. Algumas de suas obras: Na marca do pênalti, Pela estrada afora, Contos de gringolados, Clave de lua, Conversa pra boy dormir, Vendo poesia.

CUNHA, Leo. Poemas pra ler num pulo. Belo Horizonte: Dimensão, 2010. p. 43.



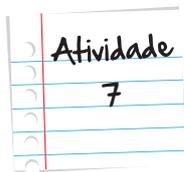
- a. O poema fez você lembrar de alguma música? Qual?
- b. Que verso mais surpreendeu? Por quê?
- c. Segundo o poema, em que atividades aparece a ginga?
- d. A que atividades as palavras "bola" e "samba", respectivamente, estão se referindo?
- e. Este poema poderia ter outro título bastante óbvio, em vez de "Tropical". – Brasil, por exemplo. Em sua opinião, qual é mais interessante? Por quê?
- f. Que traços de identidade do Brasil o poema procura indicar?
- g. Observemos, agora, a imagem da página do poema. Ela superpõe três camadas.
 1. A camada de fundo é verde. A que elementos do texto ela se refere?
 2. A segunda camada é um retângulo amarelo em perspectiva. O que ele sugere?
 3. Em primeiro plano, está a figura circular. O que ela representa? Por que está em destaque?
 4. Observe os pequenos traços mais escuros em toda a página do poema. O que você acha que eles estão sugerindo?



h. O conjunto da imagem na página sugere a você algum outro símbolo brasileiro?

Anote suas
respostas em
seu caderno

Podemos, sim, afirmar que o futebol e o carnaval são expressões culturais identificadoras do nosso país. É assim que, com certeza, muitos estrangeiros nos veem. Mas essa talvez seja apenas a parte mais visível, mais superficial do Brasil. Nenhum país caracteriza-se de forma tão simples, nenhuma sociedade é tão homogênea e não se mostra totalmente nas formas preferidas de lazer.



Vamos ler, agora, o início de uma crônica de Zuenir Ventura, na qual ele aborda as dificuldades para a definição de identidades e as simplificações sempre perigosas que os rótulos promovem.

Verbete

Zuenir Ventura, nascido em 1930, em Além Paraíba, é jornalista dos mais influentes e premiados do Brasil. Trabalhou nos mais importantes jornais e revistas do país e hoje é articulista de O Globo e da revista Época. Seu livro *1968, O ano que não acabou* recebeu vários prêmios, assim como *O Acre, de Chico Mendes*.

O Brasil o que é?

Há uma pergunta clássica que não só os brasileiros vivem se fazendo, mas também os estrangeiros: que país é esse no qual convivem tantas contradições e que parece se divertir em ser irredutível às classificações e rebelde às previsões? Um francês, Roger Bastide, chamou-o de “país dos contrastes”, mas é possível que seja mais do que isso, que seja país da **ambiguidade**.

Vai ver que não foi por acaso que “inventamos” o mulato, nosso jeitinho contra a **po- larização**, síntese mais literal e metafórica do homem brasileiro. Para o antropólogo Roberto DaMata, o mulato é a ilustração da tese de que o Brasil, ao contrário dos EUA e da África do Sul, admite o intermediário, o meio-termo, o ambivalente e o ambíguo. (...)

Os jornalistas estrangeiros, principalmente os franceses, perguntam-nos muito: “o Brasil é cordial ou violento? Se é cordial, como se explica tanta violência? Se é violento, por que as pessoas têm tanta alegria de viver, *joie de vivre*, como se pode observar, andando pelas ruas?” (...). O Brasil nunca é uma coisa ou outra, mas as duas. Não é isso *ou* aquilo, mas isso e aquilo.

Complexo e meio imprevisível, ao mesmo tempo cordial e violento, generoso e mesquinho, honesto e corrupto, operoso e preguiçoso, egoísta e solidário, o povo brasileiro a toda hora desmente o que se diz dele, a favor ou contra. Somos cheios de altos e baixos: mudamos facilmente de humor e de opinião, passamos rapidamente de um extremo a outro. Dependendo da cotação de nossa autoestima, ou somos os melhores ou somos os piores do mundo. Ou somos o primeiro ou não somos nada.

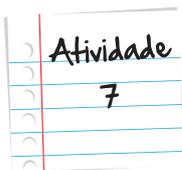
Diz-se também que o brasileiro é omissivo, não cumpre suas obrigações cívicas. No dia a dia, de fato, nem sempre servimos de exemplo para a civilidade e a cidadania. Mas também vivemos num cotidiano **iníquo** de violência e de miséria. Em compensação foi esse mesmo povo que levou o país a tomar posição contra o nazifascismo na Segunda Guerra, que saiu às ruas para lutar contra as ditaduras (...).e que, sobretudo, provocou o *impeachment* de um presidente corrupto no começo dos anos 90. E isso sem sangue e sem violência.



É provável que o Brasil seja um laboratório, no sentido de lugar ou de espaço onde se fazem experiências em geral boas ou más. De fato um laboratório de miscigenação, de multiculturalismo, de música, de cinema, de arquitetura e, claro, de futebol. É curioso como o país nasceu com essa sina. Não é só uma vocação que ele tem, mas que lhe atribuem. (...)

27 de fevereiro de 2004





Verbetes

Ambiguidade - o que pode apresentar vários sentidos ou dupla interpretação.

Polarização - fenômeno observado quando ideias, sentimentos ou interesses opostos de um grupo são confrontados nitidamente.

Iníquo - injusto, desigual, sem igualdade.

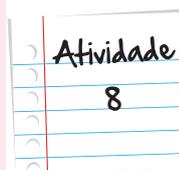
1. As afirmações a seguir estão relacionadas às ideias e à linguagem do trecho lido. Marque com V as afirmações que correspondem e com F as que não correspondem ao pensamento ou à linguagem do texto.
 - a. () A caracterização do brasileiro não admite certezas.
 - b. () O negro é uma boa representação do jeitinho brasileiro.
 - c. () Mais do que contraditório, o brasileiro é ambivalente.
 - d. () O brasileiro é imprevisível e complexo.
 - e. () O brasileiro ama a polarização.
 - f. () O texto usa muito o verbo de ligação ser, por se tratar de uma tentativa de caracterização.
 - g. () O uso frequente das interrogações mostra a dificuldade de se chegar a uma conclusão sobre o assunto.
2. Dentre os apontados pelo cronista, que traços do Brasil estão mais presentes e visíveis no seu cotidiano e no de seus colegas?

Anote suas respostas em seu caderno

Produção textual

Depois das reflexões feitas, que tal agora você criar seu próprio texto sobre o Brasil? Pode ser um texto com suas ideias sobre a nossa identidade ou mesmo um poema.

Anote suas respostas em seu caderno



Na identificação de situações em que você e seus colegas sentem-se mais brasileiros e, agora, na produção desse texto, você deve ter percebido que apareceu um traço fundamental de brasilidade: a Língua Portuguesa.

Nossa língua é, por excelência, um traço criador de nossa identidade. Por nascermos no Brasil e convivermos desde cedo com nossos familiares e grupo social, aprendemos e comunicamo-nos, usando o Português. E esta língua será o maior instrumento de expressão de nossa cultura.

Pessoas, obras das mais variadas manifestações artísticas, paisagens, comidas, a língua: as mais diferentes expressões e atividades humanas podem despertar em nós um profundo sentimento de patrimônio compartilhado, de pertencimento ao mesmo território, enfim, um sentimento de identidade com o que é a nação brasileira.

Assim, um acarajé, um feijão tropeiro, uma toalha bordada à mão, um folheto de cordel, um sino repicando de manhãzinha, um maracatu, uma situação aparentemente simples acorda em nós a memória clara de um lugar a que pertencemos. A página de um jornal ou de um livro, a fala de um conterrâneo lembra-nos nossa pátria.

A nossa língua é o traço unificador por excelência.

Como já disse um importante estudioso da linguagem, “a língua não informa sobre o mundo, informa o mundo.” É, sobretudo, a língua, que cria esse sentimento de identidade, de irmandade, de pertencimento, fundamental para que o ser humano perceba-se como ser social – sua característica mais fundamental.



E sendo a língua marca cultural de um povo, torna-se, então, o elemento agregador que nos identifica nesse grupo. A cultura, por sua vez, é responsável pela identidade entre as pessoas de uma comunidade, de um povo e de seu país.

Assim, todas as culturas são equivalentes e, como não existe sociedade nem pessoa sem cultura, nenhuma é melhor do que outra: cada uma tem as características fundamentais para o seu funcionamento. É a língua que une os elementos de uma dada sociedade ou país, tornando-se o principal traço de sua identidade.

Valorizar a cultura de qualquer povo e, conseqüentemente, sua língua materna, é um exercício de cidadania. Pense nisso!

Veja ainda

1. Procure conhecer mais sobre Ariano Suassuna

Visite o *site* da Academia Brasileira de Letras em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=305>

Assista às entrevistas com Ariano Suassuna em http://www.youtube.com/watch?v=_nLDgT3lfmg

2. Navegue pelo Museu Villa Lobos e conheça mais sobre este músico que participou da Semana de Arte Moderna, em 1922. <http://www.museuvillalobos.org.br/>

3. Conheça mais sobre a arte no Brasil navegando no *site*: http://www.programaartebrasil.com.br/hist_artisanato/hist_arte.asp

4. Que tal conhecer vários recantos de nosso grandioso, “gingante” Brasil? Viaje através do *site* <http://www.brasilviagem.com/materia/?CodMateria=42>

5. Você sabia que, em 2009, foi criado o Instituto Nacional dos Museus – IBRAM através do Ministério da Cultura? Visite alguns de nossos museus: <http://www.museus.gov.br/>

6. Leia mais!!!

Sugestão: que tal um pouco de Literatura de Cordel? Você sabe que os poemas de Cordel fazem parte da cultura do Nordeste?

a. Academia Brasileira de Literatura de Cordel: <http://www.ablc.com.br/>

b. Casa de Rui Barbosa: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>

7. Apresentamos a você um *site* onde você pode encontrar vários assuntos para suas pesquisas escolares. Quer saber mais sobre o folclore? E sobre dança? Nossa história? Então: http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/dancas_folcloricas.htm

Referências

- VENTURA, Zuenir. Melhores crônicas. São Paulo: Global, 2004.p. 55-56. Fragmento.

Imagens



- Acervo pessoal • Sami Souza



- <http://www.flickr.com/photos/admiriam/4049658898/>



- <http://www.flickr.com/photos/massacoletiva/5188249048/>



- http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5431



- <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=view&id=215067>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ariano_Suassuna.jpg Autor: Wilson Dias/ABr



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Heitor_Vila-Lobos_%28c._1922%29.jpg



- <http://www.sxc.hu/photo/714137> Autor: H Assaf



- <http://portal.mec.gov.br/index.php>



- <http://www.sxc.hu/photo/504540>



- <http://www.sxc.hu/photo/235764>



- <http://www.sxc.hu/photo/603150>



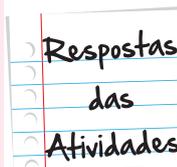
• <http://www.dominiopublico.gov.br/download/imagem/mf000391.jpg>



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>

Seção 1. Cultura: os muitos significados da palavra

- a. Esta questão é apenas uma proposta para aguçar sua curiosidade sobre o assunto da unidade – cultura. No entanto, vale dizer que cultura, entre outros conceitos é o conjunto de saberes de um povo, de hábitos, atitudes desse povo que é passado de geração para geração e que assinala sua identidade no mundo.
- b. Quando se diz que alguém tem cultura, de modo geral o que se pretende dizer é que aquela pessoa possui estudo, conhecimento. Mas, todos têm cultura. Uma cultura pode ser diferente da outra, mas todas têm sua grandeza por representar um povo e sua forma de ser no mundo.



Atividade 1

1. Resposta pessoal. As respostas de caráter pessoal são importantíssimas e serão assunto da reunião do grupo. Elas indicam exatamente o que cada pessoa tem de particular – o que é um direito de cada um, mas pode indicar também enganos que precisam ser discutidos. Daí a importância de serem sempre respondidas com sinceridade, de forma a permitir uma discussão adequada da cultura.

Atividade 2

1. Resposta pessoal.
2. Resposta pessoal.
3. Resposta pessoal.

Atividade 3

Esta atividade tem resposta pessoal. Mas veja: os espaços destinados à cultura podem ser bibliotecas, praças, cinemas, teatros, museus, exposições, locais onde há artesanato, dança, esporte, lazer etc.



Atividade 4

Esta é uma atividade de pesquisa. Nos jornais, há sempre um espaço que mostra o que acontece na região, como: eventos de música, exposições, opções de lazer, indicação de filmes, livros e peças de teatro, entrevistas com artistas etc. Você deverá pesquisar nos jornais notícias relativas à cultura erudita – peças de balé, apresentação de orquestras, exposições de pintura, por exemplo, entre outros – à cultura popular – literatura de cordel, artesanatos regionais, danças típicas da região, restaurantes de comida típica, jogos de futebol etc.- e à cultura de massa – grandes shows, grandes eventos que reúnem muitas pessoas diferentes ao mesmo tempo.

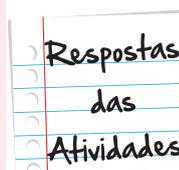
Atividade 5

- a. Resposta pessoal
- b. Resposta pessoal

Atividade 6

- a. Você deve ter-se lembrado do Hino Nacional, que apresenta o verso “Gigante pela própria natureza”. Se não se lembrou, procure a letra do Hino, para lembrá-lo.
- b. Um verso que se destaca é: Gigante – a palavra é criada pelo autor (um neologismo) para mostrar que é próprio do brasileiro a ginga no futebol e no samba. Com o neologismo, o poema brinca com nosso Hino e com duas paixões dos brasileiros.
- c. A ginga aparece no futebol e no samba. É o elemento comum às duas expressões populares.
- d. Futebol e carnaval
- e. Resposta pessoal. Mas não podemos deixar de registrar que o título “Tropical” traz uma surpresa, é mais original do que “Brasil”. Talvez você e seus colegas até se lembrem da composição musical de Jorge Benjor, que canta: “Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”.

- f. O poema mostra dois traços importantes da cultura dos brasileiros, com os quais até os estrangeiros identificam-nos. Note a diagramação do poema com o formato da Bandeira do Brasil.
- g. 1. Um campo de futebol. Mas também sugere o fundo da Bandeira Nacional.
2. Lembra o losango da Bandeira Nacional, com um círculo, que será comentado adiante.
3. A marcação do campo de futebol (círculo central), mas também o círculo central da nossa bandeira. Observe a imagem: o círculo faz uma composição entre a bola e o pandeiro, instrumento musical, usado em rodas de samba. O tipo de música é o samba, como mostra o texto.
4. Os confetes e serpentinas que são jogados tanto no carnaval quanto nos campos pelos participantes.
- h. Como já sugerido em cada resposta da pergunta G, a página nos lembra a bandeira nacional, mais um elemento de nossa identidade, ao lado do futebol e do carnaval.

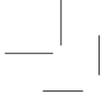
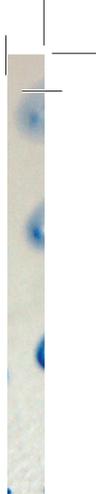


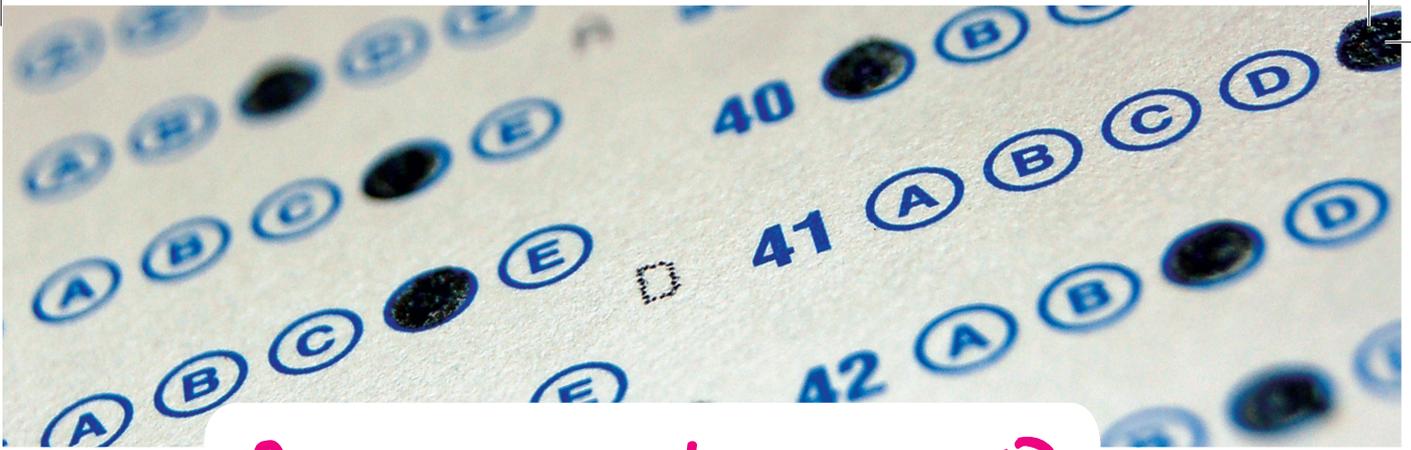
Atividade 7

1. a) V; b) F; c) V; d) V; e) F; g) V
2. Esta questão apresenta resposta pessoal. No entanto, você deve considerar o fato de que o brasileiro tem como característica a pluralidade e o multiculturalismo. Considere para responder a essa questão o seguinte fragmento: "Complexo e meio imprevisível, ao mesmo tempo cordial e violento, generoso e mesquinho, honesto e corrupto, operoso e preguiçoso, egoísta e solidário, o povo brasileiro a toda hora desmente o que se diz dele, a favor ou contra (...)".

Atividade 8

Resposta pessoal. Expresse o que você sente ou como vê o Brasil e sua identidade. Leve seu texto para discutir com seus colegas e com seu professor.





O que perguntam por aí?

ENEM 2009

QUESTÃO 9



SOUZA, Maurício de. [Chico Bento]. O Globo, Rio de Janeiro, Segundo Caderno, 19 dez. 2008, p. 7.

O personagem Chico Bento pode ser considerado um típico habitante da zona rural, comumente chamado de "roceiro" ou "caipira". Considerando a sua fala, essa tipicidade é confirmada primordialmente pela:

- (A) transcrição da fala característica de áreas rurais.
- (B) redução do nome "José" para "Ze", comum nas comunidades rurais.
- (C) emprego de elementos que caracterizam sua linguagem como coloquial.
- (D) escolha de palavras ligadas ao meio rural, incomuns nos meios urbanos.
- (E) utilização da palavra "coisa", pouco frequente nas zonas mais urbanizadas.

Resposta: Letra A

Comentário: Nesta questão, o importante é observar os traços de regionalismo na fala de Chico Bento como "arguma coisa" no lugar de "alguma coisa".

ENEM 2010



BESSINHA. Disponível em: http://pattindica.files.wordpress.com/2009/06/bessinha458904-jpg-image_1245119001858.jpeg (adaptado).

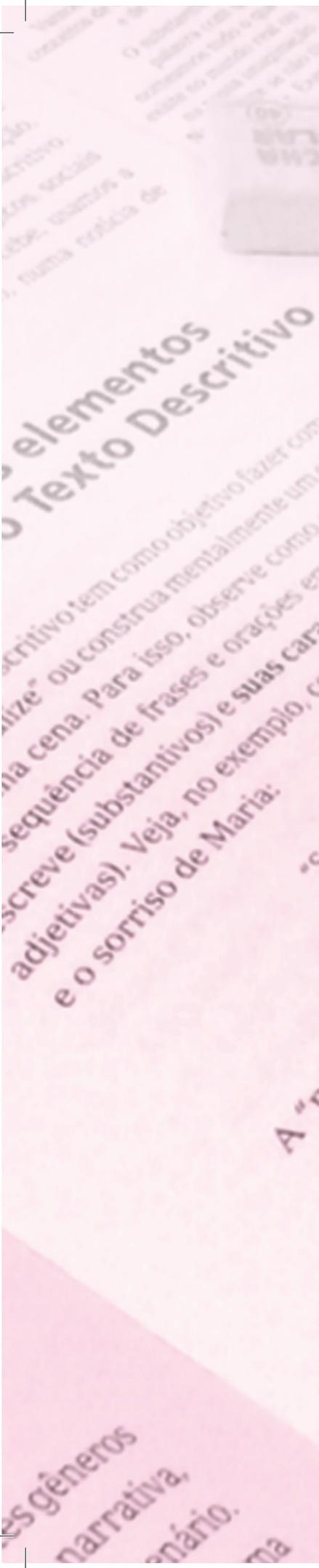
As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la às variadas situações de comunicação. Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto neste texto é

- A a opção pelo emprego da forma verbal “era” em lugar de “foi”.
- B a ausência de artigo antes da palavra “árvore”.
- C o emprego da redução “tá” em lugar da forma verbal “está”.
- D o uso da contração “desse” em lugar da expressão “de esse”.
- E a utilização do pronome “que” em início de frase exclamativa.

Resposta: Letra c

Comentário: O que marca a linguagem informal na fala entre a avó e seu neto é a redução da forma “está” para “ta”.

Até
breve!



Linguagem, cultura e variação linguística

Para início de conversa...

Você sabia que se criássemos juntos um bebê humano e um macaquinho, não veríamos muitas diferenças nas reações de cada um, nos primeiros contatos com o mundo e as pessoas?

O desenvolvimento da percepção, do modo de pegar os objetos, do jogo com os adultos é feito de forma similar. Até que, em dado momento, por volta dos dezoito meses, o progresso do bebê humano vai se tornar bem diferente. E você sabe por quê?

Porque o bebê vai começar a falar!



Saiba Mais

Leia um trecho interessante do livro do antropólogo Roque de Barros Laraia: Acompanhando o desenvolvimento de uma criança humana e de uma criança chimpanzé até o primeiro ano de vida, não se nota muita diferença: ambas são capazes de aprender, mais ou menos, as mesmas coisas. Mas quando a criança começa a aprender a falar, coisa que o chimpanzé não consegue, a distância torna-se imensa. Através da comunicação oral, a criança vai recebendo informações sobre todo o conhecimento acumulado pela cultura em que vive. (...)

É interessante observar que não falta ao chimpanzé a mesma capacidade de observação e de invenção, faltando-lhe, porém, a possibilidade de comunicação. Assim sendo, cada observação realizada por um indivíduo chimpanzé não beneficia a sua espécie, pois nasce e acaba com ele. No caso humano, ocorre exatamente o contrário: toda experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando um interminável processo de acumulação.

Assim sendo, a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura, se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. (...)

Eis aí a grande diferença entre homens e animais! A LINGUAGEM!

O homem é um ser social por excelência e diferencia-se dos animais pela faculdade da linguagem. Só o homem é capaz de comunicar os seus pensamentos por meio de diferentes recursos e, principalmente, pela fala.

O que é a linguagem? Será que expressamos a linguagem somente com palavras?

E o que é língua? Será que só existe uma forma válida de se utilizar a Língua Portuguesa? Ou existem variadas formas para diferentes situações?

Tudo isso é o que nós vamos estudar nesta unidade. Ao final, talvez você descubra que há muito mais formas de utilizar a nossa língua do que você imaginava!

Objetivos de aprendizagem

- Compreender a linguagem como uma atividade social e exclusiva do homem;
- Identificar como a diversidade linguística manifesta-se;
- Analisar a adequação de determinados usos linguísticos em diferentes situações de interação.

Seção 1

Linguagem como criação e criadora de cultura

Você já imaginou como seria uma pessoa criada sozinha, sem contato com outros seres humanos? E se essa pessoa fosse criada por animais, como diz a lenda do Tarzan?

A lenda do Tarzan conta a história de um menino que, após um naufrágio, e com os pais mortos, é “adotado” por uma macaca gorila no continente africano. Assim, Tarzan é criado como um macaco, assimilando todos os costumes e hábitos da selva. Vinte anos depois, é encontrado por...

Veja mais no site abaixo:

<http://www.youtube.com/watch?v=dFwhKVRpC8Q> – Trata-se de um filme que mostra o menino Tarzan em sua vida com os macacos, e os seus primeiros contatos com os humanos. Por ser mudo, é interessante perceber como o menino aprende novos hábitos de vida, incorpora-os à sua rotina na selva e aprende a ‘falar’.

Outro filme interessante é o “*O enigma de Kaspar Hauser*”, do diretor Werner Herzog, lançado em 1974, e baseado em um livro de mesmo nome. Narra a história de uma criança abandonada, encontrada na Alemanha. Ela não sabia falar, nem andar e não tinha o comportamento de um ser humano. Seu grande enigma mantém-se até hoje, sendo sua origem desconhecida.

<http://www.youtube.com/watch?v=2m0GVRpl5dA&playnext=1&list=PL9C7A9176D5935EB6&index=12>



Respondendo às perguntas dadas acima, você deve ter pensado em diferentes situações: essa pessoa sozinha não aprenderia a falar, não teria como desenvolver hábitos comuns a outros, não teria uma história anterior ou modelos que a ajudassem a se colocar no mundo ou mesmo se proteger. Se estivesse em meio a animais, como no caso do Tarzan, certamente acabaria por se comportar e andar como eles.

E como será que nasceu a linguagem? Será que ela só se expressa por meio das palavras?

Você já deve ter ouvido falar nos homens da caverna. Na história da humanidade, houve um momento em que, pela primeira vez, um homem fez um sinal na parede de uma caverna, fez um gesto ou emitiu um som, conferindo a eles certo significado que foi, então, compartilhado com outros seres humanos.

Essa capacidade de simbolizar, isto é, de construir e de atribuir significados a desenhos, gestos e sons são exclusivos do ser humano, que, assim, criou diferentes linguagens para se comunicar.

Saiba Mais

Veja as gravuras encontradas em algumas cavernas na Serra da Capivara, no Piauí no site da Fundação Museu do Homem Americano, http://www.fumdam.org.br/pinturas_rupestres.html. As gravuras foram inscritas na rocha no decorrer de um período que remonta há 12.000 anos. Retratam animais, humanos, árvores, danças, caçadas e com significações para os grupos sociais que viveram nesse período.

E do tempo das cavernas até os dias de hoje? Que linguagens o homem usa para se comunicar?



Figura 1: O celular: a rapidez na comunicação.



Figura 2: O computador e a linguagem universal do e-mail.



Figura 3: Os símbolos

E então? Não é difícil perceber que em nosso dia a dia convivemos com diferentes linguagens, não é?

Mas o que é linguagem?

Linguagem é o conjunto de sinais, signos, que podem ser gestos, cores, símbolos, palavras etc., usados na comunicação. Cada sinal criado pelo homem para sua comunicação corresponde a um significado e, por isso, esses sinais são denominados signos linguísticos.



Podemos expressar nossas ideias, pensamentos e sentimentos por meio de palavras – a chamada linguagem verbal –, mas também por meio de outros sistemas de representação como: o jogo de cores na pintura, o desenho, os sistema de gestos, os sons da música, a expressão corporal da dança, entre outros – a denominada linguagem não verbal.



Figura 4: O relógio representando o tempo.

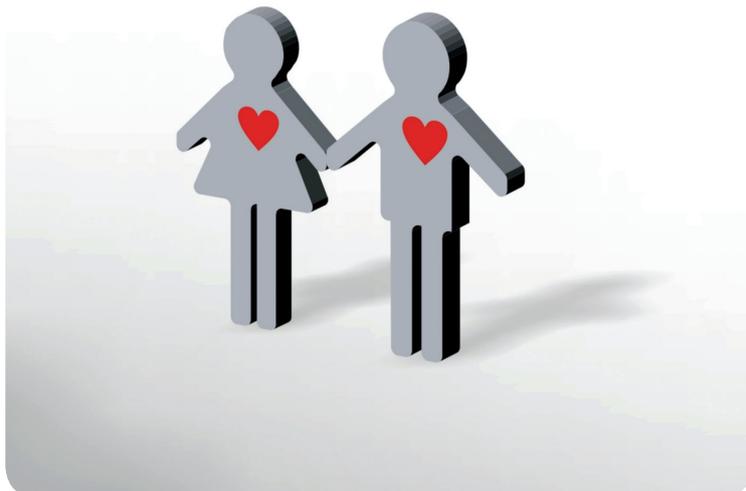


Figura 5: O amor

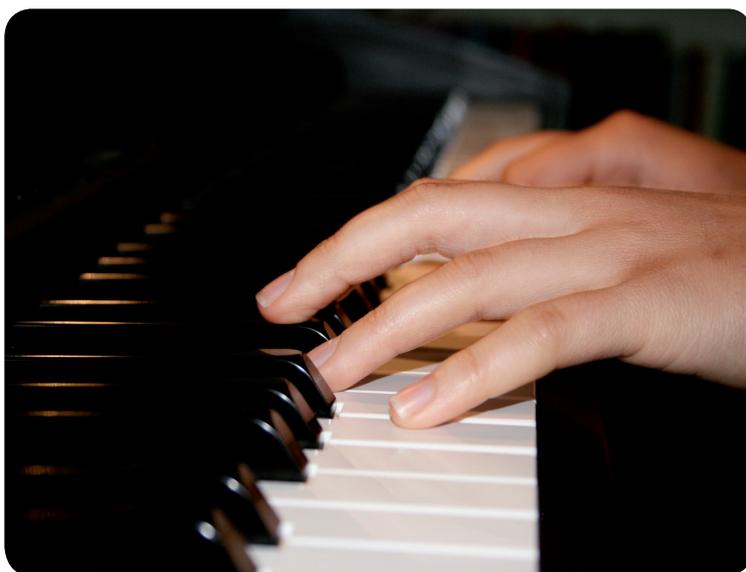


Figura 6: A música uma das formas mais antigas de comunicação.

1. Indique, para cada situação de comunicação a seguir, se a linguagem usada é verbal, não verbal ou mista (isto é, misturam a linguagem verbal e a não verbal):

- a. os sinais de trânsito numa estrada
- b. uma conversa informal entre alunos e professores
- c. as cores das bandeiras e dos semáforos
- d. as cantigas infantis

2. Reescreva em linguagem verbal a mensagem dos símbolos que apresentamos a seguir:

a.



b.



c.



3. Após a elaboração das mensagens na questão 2, qual é o tema central que une os três textos?



Com o advento das novas tecnologias e o avanço científico, verificamos que são múltiplas as formas e os recursos de interação disponibilizados no século XXI. Por meio deles, construímos novos modos de ver, de estar e de agir, no mundo a nossa volta.

Por tudo isso, dizemos que o homem é, em sua essência, um ser de linguagens: está sempre buscando novas formas de se expressar. Essa expressão torna-se cada vez mais complexa em termos dos recursos utilizados e dos modos de representar o que se quer 'dizer'.

Seção 2

Língua, identidade cultural e variação linguística

A linguagem verbal, oral ou escrita, desenvolvida por diferentes grupos humanos, concretiza-se em diversas línguas, como: o português, o inglês, o chinês, o espanhol etc.

E o que é língua?



Língua é todo conjunto de sinais verbais (expressos pelas palavras) organizados em regras que se combinam entre si, usados pelas pessoas de uma mesma comunidade para se comunicarem e interagirem.

No caso do Brasil, a nossa língua materna é a Língua Portuguesa, herdada como língua oficial em decorrência da chegada dos portugueses, em 1500.

Mas por que será, então, que o nosso Português é tão diferente do de Portugal?

Veja algumas diferenças de vocabulário entre o Português no Brasil e em Portugal.



No Brasil é:	Em Portugal é:	No Brasil é:	Em Portugal é:
abridor	tira-cápsulas	apostila	sebenta
banheiro	casa de banho	fila	bixa
aeromoça	hospedeira de bordo	blusão	camisola
água sanitária	lixívia	bonde	eléctrico
calcinha	cueca	cafezinho	bica (usado em Lisboa)

Em primeiro lugar não podemos esquecer que o Brasil, quando os portugueses chegaram, já era habitado por índios que falavam idiomas indígenas, como o Tupi, por exemplo. Depois vieram os africanos, que incorporaram à Língua Portuguesa novas expressões e vocábulos, e tantos outros imigrantes de outros países que, em épocas diferentes, trouxeram suas expressões.



Saiba Mais

Leia a seguir alguns exemplos, extraídos do livro *Método Moderno de Tupi Antigo* do professor Eduardo de Almeida Navarro:

“Reparando bem, todo mundo tem pereba, só a bailarina que não tem”, diz uma canção de Chico Buarque de Holanda. Pereba, do tupi, significa ferida.

“Pare com esse nhenhênem”. A expressão vem do verbo *nhe’eng* (falar, piar) e significa pare de ficar falando, de falar sem parar, de resmungar. (...)

“Velha coroca” é uma velha resmungona. O termo nasceu do verbo *kuruk*, que significa resmungar.

O verbo “cutucar”, em Português, origina-se do tupi *kutuk*, cujo significado original – furar, espetar – modificou-se ligeiramente. Em Português, cutucar é tocar com a mão ou com o pé.

“Estar jururu” é estar melancólico, tristonho, cabisbaixo. O termo indígena *aruru*, de onde surgiu a palavra, tem o mesmo significado.

Várias palavras mantiveram pronúncia e significado praticamente originais: mingau (papa preparada geralmente com farinha de mandioca), capim, mirim (que significa pequeno) e socar (do verbo *sok*, com o mesmo significado).

Mas, e no Brasil? A Língua Portuguesa é usada igualmente em todos os lugares?



Atividade

2

Você tem familiares, ou conhece alguma pessoa que é de outro estado brasileiro? Já percebeu se há diferenças na maneira como eles falam, comparando com a maneira como se fala na cidade onde você mora? Em caso positivo, preencha o quadro abaixo, explicando quais são as diferenças observadas:

Quem?	De onde é?	Qual a diferença observada



Anote suas respostas em seu caderno

Você já deve ter observado, até mesmo em programas de rádio e de televisão, que há mesmo diferenças na forma como as pessoas falam em diferentes regiões do Brasil. Muitas dessas diferenças estão no vocabulário; outras, na forma como constroem a frase (na sintaxe), ou na forma de pronunciar palavras e frases. Por exemplo:

1. Em São Paulo, as pessoas descem do ônibus. No Rio de Janeiro, elas saltam do ônibus. Em Caxias do Sul, elas desembarcam!
2. Uma média, na capital paulista, é café com leite. Em Santos, média é um pãozinho.
3. Em Porto Alegre, pãozinho é cacetinho. Em Ituí, é filão. O filão, em São Paulo capital, é um pão grande e em outras cidades é simplesmente uma fila grande, comprida.

Além de variações regionais, há outras variações sociais relacionadas a alguns grupos e causadas por fatores, como: a escolaridade, nível social, nível de formalidade, idade, pertencimento a um grupo específico como um grupo de Rap etc. Exemplos dessas variações são:

- Falar (dependendo do grupo social em que se está inserido) “Nós vai pra festa”/“Nós vamos para a festa”; “Nós se encontremo depois”/ “Nós nos encontramos depois”; muié/mulher, alevantar/levantar etc.
- Utilizar gírias (determinadas pela idade ou pertencimento a um grupo específico) como: “Vaza” (vai embora); “mina” (namorada); “se liga” (preste atenção/entenda); “desencana” (não se preocupe), “curtir um som” (ouvir musica).

É interessante notar como certos grupos utilizam uma linguagem própria, afirmando, assim, sua identidade grupal pela linguagem. Pense na linguagem utilizada pelos grupos de pagode, funk, rap, metaleiros etc.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Pesquise na biblioteca, na Internet, ou até mesmo com pessoas em seu bairro, exemplos de variações na Língua Portuguesa. Elabore um pequeno texto em que você enumera as variações lingüísticas encontradas na sua região, em seu bairro ou mesmo em sua casa. E não se esqueça de dizer se essa diversidade lingüística traz (ou não) algum problema na comunicação entre as pessoas.

Você pode mostrar exemplos de variação diacrônica (que ocorre através do tempo,





como, por exemplo: ladroens (1712) /ladrões (2011)), ou regionalismos (de acordo com as regiões do Brasil), ou mesmo de variações sociais (que se referem à escolaridade, nível social, grau de formalidade, idade, pertencimento a um grupo etc.).

E então? Após verificar essas diferenças, será que podemos dizer que uma dessas variações é mais correta do que a outra?

E como será que isso pode acontecer, se falamos todos a mesma língua?

Anotar suas
respostas em
seu caderno

Qualquer um de nós aprendeu naturalmente a língua em contato com a família e o grupo social. E, ao se comunicar, faz escolhas dentre o conjunto de saberes que tem sobre a língua e sobre o assunto de que vai falar. Isso, no entanto, não prejudica o caráter de unidade da língua (todos nós falamos Português), nem é contrário aos usos e os diversos modos de expressão de outros falantes.

Podemos dizer, assim, que a língua possui variações e, embora seja a mesma, apresenta diferenças de região para região, de pessoa para pessoa, de acordo com o grau de intimidade (formalidade) entre as pessoas, a faixa etária, a classe social, o grau de escolaridade, as profissões, etc.

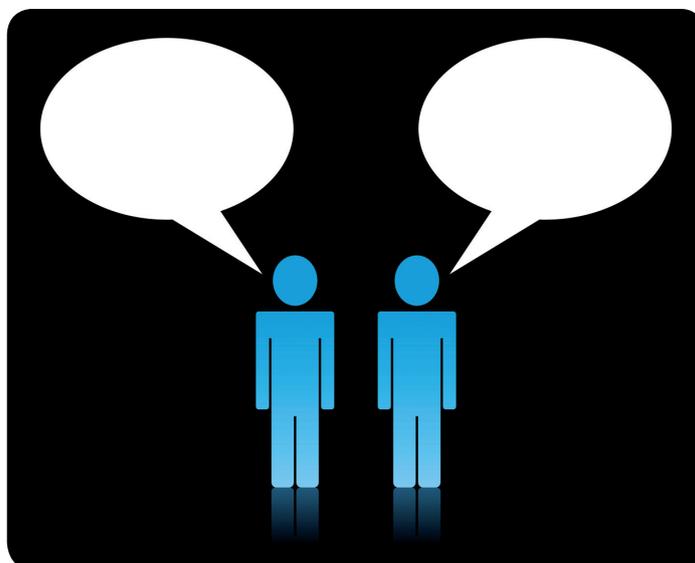


Figura 7: A nossa língua apresenta variações de região para região, mas mesmo assim conseguimos nos comunicar!

Essa variação linguística é totalmente legítima e, por isso, não há como dizermos que existe um jeito certo ou errado de falar, nem um padrão de linguagem melhor ou pior do que outro. O que determina a utilização de uma ou outra variedade, ou de uma ou outra forma, é o contexto comunicativo, a situação concreta de comunicação que se estabelece.



Ao reconhecer as possibilidades de variação da língua, estamos sendo coerentes em afirmar que ela expressa a variedade cultural existente na sociedade.

Agora, divirta-se, conhecendo algumas versões de um mesmo texto, mas com sujeitos de estados diferentes. É um bom exemplo de variação regional.

“

(...)

ASSALTANTE MINEIRO

Ô sô, prestenção. Issé um assarto, uai! Levantus braçu e fketin quié mióprucê. Esse trem na minha mão tá chein di bala... Mió passá logo os trocado que eu num to bão hoje. Vai andano, uai ! Xispa daqui!!! Tá esperanuquê,sô?!

”

“

ASSALTANTE BAIANO

Ô meu rei... (pausa). Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braçosmas não se avexe não... (outra pausa) Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado. Vai passando a grana, bem devagarinho (pausa pra pausa). Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado. Não esquenta meu irmãozinho, (pausa). Vou deixar teu documentos na encruzilhada.

”

“

ASSALTANTE PAULISTA

Isto é um assalto! Erga os braços! Porra, meu!...Passa logo a grana, meu. Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pru jogo do Corinthians, meu!... Pô, agora se manda, meu, vai... Vai...

”

“

ASSALTANTE CARIOCA

Aí, perdeu, mermão! Seguiiiinte, bichxu. Isso é um assalto, sacô? Passa a grana e levanta usch braço rapá... Não méchxi que eu te passo o cerol....Vai andando vira a isssquina e se olhar pra tráiiis vira presunto...

(Circulando pela INTERNET, com adaptações)

”

Seção 3

Variações e registros linguísticos



PRODUÇÃO TEXTUAL

Imagine-se agora na seguinte situação: você precisa de dinheiro emprestado e pode pedir para três pessoas diferentes: um amigo (ou parente), seu patrão e um gerente de banco. Que linguagem você usaria para falar com cada um? Certamente, você falaria de forma diferente, não é? Elabore as mensagens.

- Pedido a um amigo ou parente
- Pedido ao patrão
- Pedido ao gerente de um banco

Anote suas respostas em seu caderno

As três manifestações de uso da Língua Portuguesa na atividade anterior foram diferentes, não foram? Quais foram as diferenças? Nas palavras empregadas, na forma de se dirigir a cada uma das pessoas, em função de suas posições sociais?

Observe que o que mudou em cada situação foi a forma como você registrou a mensagem.

A essa variação que ocorre em função do uso que se faz da língua e que depende das condições da situação de comunicação (com quem se fala, o que se fala, quando, por que e como se fala), chamamos de registro.



Os registros de uma língua podem ser basicamente:

- a. Formal ou informal, de acordo com o grau de formalismo do discurso e o nível de intimidade existente entre as pessoas.

Exemplos: Formal: *Nós vamos* construir uma nova creche no bairro. (Contexto: administrador de uma empresa, falando a um grupo)

Informal: *A gente vai* ter uma nova creche aqui no bairro.

(Contexto: Morador do bairro informando a um vizinho)

Veja a diferença no uso de expressões como “Nós vamos” e “A gente vai”. A mensagem é a mesma, mas o que modifica, isto é, varia, é o registro diante da situação: o primeiro, mais formal – ou culto; o segundo, informal – ou coloquial.

O que delimita ser um registro formal ou culto é o conjunto de regras determinadas por uma elite intelectualizada de uma língua. Essas regras estão (pré) determinadas em livros e gramáticas consagradas e veiculadas também pelos dicionários ou pelas academias, como a Academia Brasileira de Letras.

- b. Falado ou escrito, segundo a modalidade de uso. Observe os exemplos a seguir:

Um jovem FALANDO para um amigo:

“Olha, cara, sabe que as mina de hoje só querem namorá com caras que podem gasta dinheiro com elas.”

O mesmo jovem ESCRREVENDO numa redação para o professor:

“Todos sabemos que as moças de hoje só querem namorar rapazes que podem gastar dinheiro com elas.”

Assim, embora escrevendo, se usamos uma expressão “Ta bom” num texto, dizemos que houve um registro de fala, pois reproduzimos a forma como a pessoa falou a expressão. Além disso, também, será um registro informal, pois não houve preocupação com as normas gramaticais fixadas.

E, então: será que, agora, você pode responder às perguntas?

1. O que é, afinal, falar e escrever corretamente?
2. Existe uma única norma a ser seguida?

Leia o texto a seguir e responda a essas e a outras questões na próxima atividade!

A Norma Culta (padrão) da Língua

Entre as variações da língua, existe uma que tem maior prestígio: é a norma culta ou norma padrão. Ela é utilizada em grande parte dos livros, documentos, revistas, jornais, noticiários, artigos científicos entre outros.



A norma culta de uma língua é considerada uma variante que confere prestígio àqueles que a usam.

Em geral, entende-se por norma culta ou norma padrão a variedade linguística, que vem descrita em manuais de ensino, gramáticas e dicionários. Além de ser nessa norma em que se redigem os documentos oficiais, livros técnicos, científicos, didáticos e religiosos, comunicados oficiais, reportagens etc., ela também é importante em inúmeras situações sociais na nossa vida que exigem uma maior formalidade, como uma entrevista de emprego, uma redação em uma prova ou concurso, uma carta de reclamação dirigida a alguma entidade, uma apresentação em público etc.

Não conhecer essa norma padrão pode acarretar ao falante problema tanto para produzir textos, quanto para compreendê-los, principalmente, porque, em várias situações sociais, na prática diária, esse conhecimento faz-se necessário.

Imagine-se em uma entrevista de trabalho, diante do presidente de uma importante siderúrgica. Se você não for capaz de se expressar com clareza, com correção vocabular, poderá, por melhor profissional que você seja, perder a vaga para outro candidato, cuja expressão verbal o qualifica melhor para o cargo pretendido.

(Texto elaborado especialmente para este material didático.)

Releia o texto *A Norma Culta (padrão) da Língua*, marcando o que você achou de mais interessante. A seguir, faça as atividades:

1. Entende-se por norma culta, de acordo com o texto:
 - a. a norma usada em situações corriqueiras do cotidiano;
 - b. aquela definida em nossa Constituição;
 - c. a variante linguística usada como prestígio social;
 - d. a modalidade formal da língua de uso obrigatório por todos.

2. Assinale a opção em que a situação descrita NÃO necessita de preocupação com a norma culta da língua:
 - a. um ensaio jornalístico;
 - b. um discurso político;
 - c. uma carta para o irmão;
 - d. um edital de concurso público.

3. Das alternativas abaixo, assinale aquela que está em registro informal:
 - a. Foi ele quem comprou o carro.
 - b. Alguns de nós seremos vitoriosos.
 - c. A maior parte das pessoas faltou ao encontro.
 - d. Estou indo pra São Paulo amanhã.



Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 4

A organização da frase, oração e período – Identificando Sujeito e predicado.

Todo texto falado ou escrito, seja em linguagem formal/ culta ou informal/ coloquial, organiza-se, inicialmente em frases.



Frase é todo enunciado ou informação com sentido completo em uma situação de comunicação. Na língua escrita, é finalizada por um sinal de pontuação – ponto final (.), ponto de exclamação (!), ponto de interrogação (?) ou reticências (...).

As frases podem ser escritas sem verbos (chamadas frases nominais), como em:

- a. Boa noite, professora!
- b. Socorro!
- c. Cafezinho delicioso aquele do bar da esquina: saboroso, quente e doce, na medida.

Ou podem conter verbos (chamadas frases verbais ou orações), como em:

- a. O ônibus estava lotado hoje.
- b. Cheguei atrasado para as aulas e não fui à biblioteca.
- c. O cafezinho daquele bar da esquina é mesmo delicioso: saboroso, quente e doce na medida!

Mas é interessante notar que não é qualquer sequência de palavras que formam uma frase. Por exemplo, se disséssemos:

“Rapaz ontem a moça para passear convidou.”

Ninguém entenderia nada, pois essa não é uma ordenação de palavras possível no Português. Agora, se disséssemos:

“Ontem o rapaz convidou a moça para passear.”; ou

“O rapaz convidou a moça para passear ontem.”; aí, sim, todos a compreenderiam.

Isso mostra que a língua tem, além de palavras, algumas normas que estabelecem como é possível relacionar, combinar ou ordenar essas palavras na frase, para que elas tenham sentido. Isso é a “sintaxe” da língua. Ela é que regula as relações, as combinações e as ordens possíveis entre os termos no interior de um enunciado.

Mais adiante, faremos a análise sintática de orações e períodos, identificando sua estrutura e as funções dos termos que os compõem.

Mas antes, vamos relembrar o que é oração e período?

Oração – É o enunciado que apresenta uma estrutura organizada em torno de um verbo ou locução verbal. Exemplos:

- a. O ônibus estava lotado hoje. (Uma oração)
- b. Cheguei / antes que começasse a aula. (Duas orações)

Para identificar as orações é preciso primeiro buscar onde estão os verbos ou as locuções verbais



Verbo: palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza. Ex.: Pedro trabalhou muito.; Ele é mineiro.; Trovejou bastante.

Locução verbal: verbo composto por duas ou mais palavras. Ex. Marcos estava estudando na biblioteca; Marta vai continuar no curso.

Atenção: Embora algumas frases sejam também orações, como ocorre no exemplo “O ônibus estava lotado”, uma oração nem sempre é uma frase! Veja que a segunda oração do exemplo b. acima (... antes que começasse a aula.), não constitui uma frase, porque não tem sentido completo em si.

Período – É uma frase verbal, organizada com uma ou mais orações.

Exemplos:

- a. O ônibus estava lotado hoje. (É um período simples porque é constituído de uma só oração).
- b. Cheguei atrasado para as aulas e / não fui à biblioteca. (É um período composto, pois é constituído de duas ou mais orações).



Iniciando a análise sintática do período simples

Vimos antes que fazer a análise sintática de uma oração ou período nada mais é do que observar como ela(e) se organiza, identificando a sua estrutura interna, seus elementos (termos) e as relações entre eles.

Você vai ver que não é nada complicado! Começemos analisando a oração:

“O ônibus estava lotado hoje.”



Os termos essenciais de uma oração são o sujeito e o predicado.

O *sujeito* é o termo sobre o qual se diz algo. Assim, considerando a oração acima, o sujeito é [o ônibus], pois é dele que se fala: “estava lotado hoje” (predicado).

O *predicado*, geralmente, contém o verbo e diz algo sobre o sujeito. É por isso que, na norma culta, o verbo do predicado quase sempre concorda com o sujeito (em número e pessoa). Veja os exemplos a seguir:

- a. [O ônibus] estava lotado.
SUJEITO
- b. Estavam lotados [o ônibus e a van].
SUJEITO
- c. [Nós] queremos um transporte de melhor qualidade.
SUJEITO
- d. Na sexta-feira, [a minha prima e eu] fomos à prefeitura reclamar.
SUJEITO



Quando identificamos o sujeito, torna-se mais fácil identificar o predicado na oração, pois o predicado é tudo aquilo que se declara sobre o sujeito. Assim, no último exemplo apresentado acima, o predicado é:

- *Na sexta-feira, fomos à prefeitura reclamar.*

Trata-se de um predicado verbal, pois o verbo “ir” é um verbo de ação e é o núcleo do predicado.

Por outro lado, observe que, embora seja mais comum o sujeito aparecer no começo, antes do verbo, há muitas orações em que o sujeito aparece depois do verbo, como em:

“Estavam lotados [o ônibus e a van].”

Nesse exemplo, observe também que o sujeito é composto, porque possui dois núcleos: “ônibus” e “van”, o que obrigou o verbo a ser escrito no plural: “Estavam”. Nesse caso, dizemos que é um SUJEITO COMPOSTO.

O sujeito pode também estar oculto, como na oração:

“Participei da manifestação.”

De quem se diz “participei da manifestação”? Eu, não é?! Embora não esteja escrito, sabemos que há um sujeito oculto que é “Eu”.



Atividade
6

1. Identifique os sujeitos nos períodos abaixo, sublinhando também os verbos ou locuções verbais com os quais eles se relacionam:

a. Todo falante da língua sabe gramática.

Sujeito:

b. Nas situações familiares ou encontros entre amigos, usamos a linguagem informal.

Sujeito:

c. Numa palestra, a linguagem padrão deve ser utilizada.

Sujeito:

d. Cada vez mais, nos dias de hoje, vemos manifestações contra o preconceito linguístico.

Sujeito:

e. Achei um texto bem interessante sobre a identidade dos brasileiros.

Sujeito:

2. Complete os espaços em branco com a forma adequada dos verbos que aparecem entre parênteses, considerando o sujeito de cada um. Para facilitar essa tarefa, antes de usar o verbo, identifique o sujeito.

O preconceito linguístico _____ (estar baseado) na crença de que só existe uma variedade de língua. Isso não ____ (ser) verdade. _____ (existir) diferentes variações da língua. Tanto a variante da língua falada no sul, quanto a falada no norte _____ (ser) legítimas. Assim, nós não _____ (poder) dizer que há uma variante melhor do que a outra.



Anotar suas
respostas em
seu caderno

Resumo

Estamos no final desta unidade. Vimos que a linguagem é um sistema de signos construído socialmente, que representa uma identidade cultural e que existem alguns princípios importantes no que se refere à linguagem verbal e sua variação:

- o uso da linguagem deve ser adequado a cada situação de interação, de comunicação;
- nenhuma língua é usada de maneira uniforme por seus falantes;
- o falante nativo pode dominar diferentes variantes linguísticas usadas em seu país;
- todas as variantes linguísticas são formas legítimas de expressão de um povo;
- não há um falar certo ou errado, mas, sim, usos adequados a cada situação de interação social;
- É importante conhecer e saber usar também a norma culta da língua porque ela é necessária em muitas situações de nossa vida.

Veja ainda

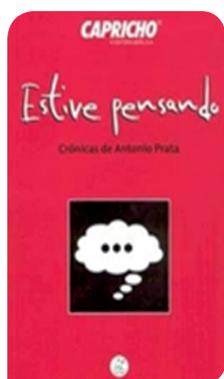
1. Você sabia que na Pré-História os homens documentavam seus costumes com pinturas nas paredes das cavernas? Estas pinturas são chamadas de rupestres. No Brasil, encontramos várias pinturas rupestres. Veja as imagens em http://www.fumdam.org.br/pinturas_rupestres.html em e <http://www.fotosdeminas.com.br/fotosminas/port/rupestres.asp>
2. Você pode aprofundar seus estudos sobre variações linguísticas em <http://enemnota100.blogspot.com/2007/08/variantes-lingsticas-variao-lingstica.html>.
3. Preconceito linguístico acontece quando desprezamos a forma como um indivíduo ou grupo social usa a língua, seja por causa do sotaque, dos regionalismos usados ou por considerarmos esta forma de maior ou menor prestígio. Este preconceito levou muitos povos indígenas a desconsiderarem suas línguas nativas. Conheça mais esse assunto no artigo <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/p00003.htm>
4. A linguagem virtual é a que usamos quando nos comunicamos na Internet. Leia sobre o assunto em <http://www.webartigos.com/articles/10408/1/Variantes-Linguisticas-no-Contexto-da-Internet/pagina1.html>

5. Que tal um pouco de leitura? Sugestões:

- a. O Diário de Tati. Heloísa Pèrissè. Editora Objetiva.

Em "**O Diário de Tati**", o leitor poderá curtir, numa boa, as paixões, medos, alegrias e desilusões desta adolescente rebelde e divertidíssima. "Mas fala sério, tem coisa aqui que você não vai poder contar nem pra sua mãe, tudo bem?"

- b. Estive Pensando. Antônio Prata. Editora Marco Zero.



"**Estive Pensando**", de Antônio Prata, é um livro de crônicas que trata de questionamentos muito comuns: Existe vida após a morte? Por que as pessoas põem faixas para Santo Expedito? Você já viu filhote de pomba? Eva tinha celulite? Vale a pena conferir.

Referências

- Extrato de: LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 16ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 51-52.
- Extraído de NAVARRO, Eduardo de Almeida. Método Moderno de Tupi Antigo. São Paulo; Global, 2006.

Imagens



- Acervo pessoal • Sami Souza



- <http://www.sxc.hu/photo/1307593>



- <http://www.sxc.hu/photo/1208424>



- <http://www.sxc.hu/photo/1265709>



• <http://www.sxc.hu/photo/1223568>



• <http://www.sxc.hu/photo/1228973>



• <http://www.sxc.hu/photo/1094543>



• <http://www.sxc.hu/photo/1266576> Autor: Svilen Milev.



• <http://www.sxc.hu/photo/388500> Autor: Sándor Balázs.



• http://www.freedigitalphotos.net/images/Other_Metaphors_and__g307-Wood_Pencil_With_Green_Leaf_p34601.html



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Flag_of_Portugal.svg • http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Flag_of_Brazil.svg



• <http://www.sxc.hu/photo/1038123>



• <http://www.sxc.hu/photo/683225>



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>



Atividade 1

1. a. mista; b. verbal; c. não verbal; d. verbal
2. Sugestões de respostas:
 - a. Recicle; b. Jogue o lixo no lixo; c. Proteja as florestas.
3. Poderia ser ecologia ou preservação do meio ambiente.

Atividade 2

A resposta depende das diferentes falas observadas. Por exemplo: Arlindo, do Ceará: Fala “girimum” no lugar de “abóbora” e “cabra macho” no lugar de “homem valente”.

Atividade 3

Esta é uma atividade de pesquisa. Na seção “Veja Ainda” desta unidade, são apresentados alguns sites que discutem Variação Linguística.

Atividade 4

Resposta pessoal. Mas observe que em (a), a linguagem será mais informal e em (b) e (c) a linguagem será formal, pois a mensagem é enviada ao patrão e ao gerente do banco.

Atividade 5

1.C; 2.C; 3.D

Atividade 6

1. a. Todo falante da língua sabe gramática.

Sujeito: Todo falante da língua

- b. Nas situações familiares ou encontros entre amigos, usamos a linguagem informal.

Sujeito: Nós (oculto)

- c. Numa palestra, a linguagem padrão deve ser utilizada.

Sujeito: a linguagem padrão

- d. Cada vez mais, nos dias de hoje, vemos manifestações contra o preconceito linguístico.

Sujeito: nós – oculto

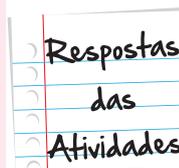
- e. Achei um texto bem interessante sobre a identidade dos brasileiros.

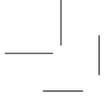
Sujeito: Eu (oculto)

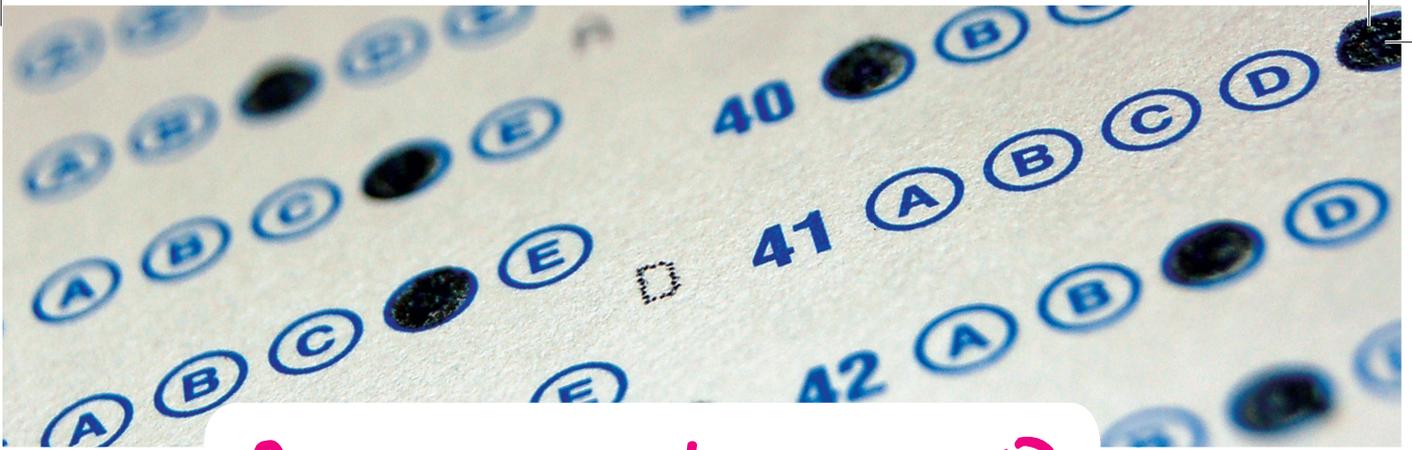
Nota: O sujeito oculto também pode ser chamado de desinencial ou elíptico, e é também um sujeito simples, pois traz um núcleo apenas.

2. Identifique o sujeito para cada verbo entre parênteses, completando os espaços em branco com a forma adequada.

O preconceito linguístico *está baseado* (estar baseado) na crença de que só existe uma variedade de língua. Isso não é (ser) verdade. *Existem* (existir) diferentes variações da língua. Tanto a variante da língua falada no sul, quanto a falada no norte *são* (ser) legítimas. Assim, nós não *podemos* (poder) dizer que há uma variante melhor do que a outra.







O que perguntam por aí?

ENEM 2009

O poema de Manoel de Barros será utilizado para resolver as questões 4 e 5.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

BARROS, Manoel de. O apanhador de desperdícios. In. PINTO, Manuel da Costa. *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 73-74.

QUESTÃO 4

É próprio da poesia de Manoel de Barros valorizar seres e coisas considerados, em geral, de menor importância no mundo moderno. No poema de Manoel de Barros, essa valorização é expressa por meio da linguagem

- (A) denotativa, para evidenciar a oposição entre elementos da natureza e da modernidade.
- (B) rebuscada de neologismos que depreciam elementos próprios do mundo moderno.
- (C) hiperbólica, para elevar o mundo dos seres insignificantes.
- (D) simples, porém expressiva no uso de metáforas para definir o fazer poético do eu-lírico poeta.
- (E) referencial, para criticar o instrumentalismo técnico e o pragmatismo da era da informação digital.

Resposta: Letra D

Comentário: A valorização das coisas simples é o tema central nesse poema, de Manoel de Barros.

QUESTÃO 5

Considerando o papel da arte poética e a leitura do poema de Manoel de Barros, afirma-se que

- (A) informática e invenção são ações que, para o poeta, correlacionam-se: ambas têm o mesmo valor na sua poesia.
- (B) arte é criação e, como tal, consegue dar voz às diversas maneiras que o homem encontra para dar sentido à própria vida.
- (C) a capacidade do ser humano de criar está condicionada aos processos de modernização tecnológicos.
- (D) a invenção poética, para dar sentido ao desperdício, precisou se render às inovações da informática.
- (E) as palavras no cotidiano estão desgastadas, por isso à poesia resta o silêncio da não comunicabilidade.

Resposta: Letra B

Comentário: O papel da arte poética a ser considerada é que possui valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.



Língua falada, língua escrita e gêneros textuais

Para início de conversa...

“Pois é. U português é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamente cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português, é só prestatenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muito diferenti. Qui bom qui a minha lingua é u português. Quem soubé falá, sabi iscrevê.”

[Extrato de texto. Jô Soares, Revista Veja, 28 de novembro de 1990].

Você deve ter estranhado muito o texto acima. Ele foi apresentado justamente para que você percebesse como seria a nossa língua escrita se escrevêssemos exatamente como falamos. Você deve ter pensado: não é assim que se escreve!

Além disso, o fato de ter sido escrito desta forma não facilitou muito a leitura de algumas palavras e a compreensão da informação. Isso nos mostra como seria complicado se cada um escrevesse do modo que entendeu ou ouviu. Já imaginou? Se não tivéssemos um padrão para a escrita de textos, como seria para uma criança ou qualquer pessoa aprender a escrever em nossa língua?

Nesta unidade, vamos perceber que em qualquer língua, inclusive na Língua Portuguesa, as pessoas falam de um jeito e escrevem de outro. Vamos identificar as diferenças entre a língua oral e a língua escrita, e apreciar diferentes tipos de texto, seus **usos e funções**.

Objetivos de aprendizagem

- Identificar as diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita.
- Reconhecer o que é texto.
- Compreender o que é gênero textual.

Seção 1

Duas modalidades da Língua Portuguesa: língua falada e língua escrita

Já vimos anteriormente que não há como dizermos que existe um jeito de falar melhor ou mais legítimo do que outro. O que determina quando usamos uma ou outra forma de linguagem é a situação de comunicação em que estamos, ou seja, com quem falamos, o que falamos, o grau de formalidade que temos com a pessoa, o lugar onde estamos e os objetivos que temos.

Quando falamos (oralidade) ou quando escrevemos (escrita), produzimos informações que se realizam de modo diferente. A fala realiza-se por meio de *sons (fonemas)* que emitimos, e a escrita pela representação gráfica ou grafia de *letras (grafemas)* e outros símbolos, como pontos e acentos.

Mas há outras diferenças também. Quando falamos, usamos outros recursos, como a entonação, gestos, movimentos do corpo e dos olhos, expressões faciais, pausas, ritmo etc. que nos ajudam a sermos compreendidos pelo outro.

Como estamos diante da pessoa que ouve, se ela não entender alguma coisa, poderá, a qualquer momento, interromper-nos e pedir explicações. Podemos repetir ou acrescentar detalhes que a ajudem a compreender o que falamos e o que queremos.

E na escrita? É diferente, não é? Embora possamos até pensar na pessoa que receberá o texto, estamos sozinhos quando escrevemos, e o leitor também não poderá contar com a nossa presença no momento em que receber a mensagem.

É por isso que o texto precisa estar claro, ter o assunto bem organizado e conter todas as informações necessárias para o leitor compreender a mensagem. Se isso não for feito, a comunicação não se efetivará.



Figura 1: Falando ao celular e lendo os classificados do jornal.

No caso de um texto jornalístico, por exemplo, os editores têm que pensar em escrever os textos em uma linguagem que seja facilmente compreendida por número grande de leitores, conforme a área de circulação do jornal. Já imaginou um jornal como o O Globo que circula no Brasil inteiro? Para atingir seu objetivo – ser lido por um público de leitores variado e numeroso – deve procurar uma escrita que seja clara e acessível a todos.

Chegamos a uma conclusão simples:



A fala e a escrita são duas modalidades diferentes da Língua Portuguesa. As pessoas não escrevem como falam. Fatores como o contexto de produção, a intenção dos usuários, a temática, as formas próprias de cada uma dessas modalidades, determinam essa diferença.



Dentre as diferenças entre a língua falada e a escrita está a não correspondência entre os “sons” (fonemas) das palavras e os seus símbolos gráficos (grafemas). Numa palavra, como “queijo”, por exemplo, o som ou fonema inicial “k” corresponde, na escrita, a duas letras: “qu”. Assim, a palavra “queijo”, na língua falada, tem 5 fonemas, e 6 grafemas, ou letras na língua escrita.

Essa não correspondência dos fonemas com os grafemas (letras) é muito observada no nosso vocabulário. Muitas vezes, um mesmo fonema possui vários possíveis grafemas na língua escrita. Por exemplo, pronuncie estas palavras:

“cansado”, “acessível”, “extraordinário”

Em todas elas, temos o som /s/ e, no entanto, ele é representado por diferentes letras em cada uma delas: “s”, na primeira, “c”, “ss”, na segunda e “x” na terceira. É por isso que, para escrever, precisamos conhecer a ortografia da Língua Portuguesa – isto é o conjunto de regras que determina a grafia das palavras e o uso de sinais gráficos, como acentos, hífen etc.

Falando nisso, você já conhece a nova convenção ortográfica da Língua Portuguesa que foi acordada entre todos os países de Língua Portuguesa?

Veja no link: <http://www.atica.com.br/novaortografia/index.htm>

O que aproxima a oralidade (fala) da escrita?

Ambas fazem referência a uma situação de interação social, precisam ser organizadas e adequadas à situação de comunicação, ou seja, respeitar o que as pessoas sabem ou não sobre o assunto tratado, o nível de conhecimento que elas têm sobre a língua (observe que não falamos/escrevemos do mesmo jeito para uma criança e um adulto, por exemplo), o grau de intimidade com a pessoa (amigo, familiar, patrão, um estranho etc..) e, claro, os objetivos da comunicação.

Além disso, é preciso pensar em que tipo de registro usar: o mais formal (culto) ou o menos formal (coloquial).

Tanto na forma oral quanto na forma escrita, o ser humano utiliza-se da linguagem para interagir com os outros e para isso utiliza TEXTOS.

Marque um X ao lado das imagens que podem ser exemplos de textos.

1. ()



2. ()

()

**ENSINO TÉCNICO
PROFISSIONALIZANTE**
CVT Centro Vocacional Tecnológico
CVT Cidade de Deus

INAUGURAÇÃO: dia 14/05/2010, às 10h
Av. Edgard Werneck nº 1615, na Freguesia,
em Jacarepaguá – Rio de Janeiro

**TORNE-SE UM PROFISSIONAL CERTIFICADO
PELA FAETEC, A MAIOR REDE DE ENSINO TÉCNICO
E PROFISSIONALIZANTE DA AMÉRICA LATINA**

CURSOS:

camareira,	operador de telemarketing,
barman,	promotor de vendas,
garçom,	encanador bombeiro hidráulico,
auxiliar de cozinha,	eletricista predial,
cozinheiro,	pedreiro,
auxiliar de restaurante,	ladriheiro,
cofeiro,	pinçador,
receptionista	carpinteiro de formas,
hoteleiro,	apontador de obras,
rotina de departamento pessoal,	IT Essenciais (CISCO) TI Básico,
estiloquista,	montagem e manutenção de micros,
assistente administrativo,	espanhol para turismo,
receptionista,	inglês e francês para turismo.

Inscrição: de 17/05 a 02/06 Matrícula: de 07 a 12/06
Sorteio das vagas: dia 04/06 Início das aulas: dia 21/06



3. ()



4. ()



5. ()



Anote suas
respostas em
seu caderno

Normalmente, as pessoas pensam que texto é só o que está escrito. Mas na verdade, TEXTO é muito mais que isso.

Na Atividade 1, por exemplo, todas as figuras trazem uma “mensagem” e provocam uma interação com o “leitor”. Todas têm alguma coisa a dizer, não é mesmo? E, nós, exercemos uma ação interpretativa sobre elas. Claro que a interpretação do que cada uma diz está relacionada com o conhecimento de mundo, com a cultura de uma forma geral e, principalmente, com as vivências que temos em nosso cotidiano.

Todas são, assim, TEXTOS.

Então o que você chamaria de texto agora?



Texto é toda e qualquer produção que resulta da comunicação ou interação entre as pessoas. É produzida com o objetivo de comunicar algo a uma ou mais pessoas e provocar interação.

"Pois é! A interação social é a base para que a sociedade se organize porque deixamos de ser indivíduos e passamos a nos comportar como grupo. O que provoca essa interação é a comunicação."



Interlocução

Quando duas pessoas ou dois grupos de pessoas se comunicam a partir de uma situação concreta, mesmo que num texto escrito, estabelece-se um diálogo entre as partes porque houve interação entre eles. Chamamos de INTERLOCUÇÃO a esse processo entre as partes envolvidas numa situação comunicativa. Assim, tanto emissor quanto receptor são chamados de INTERLOCUTORES.

Veja bem: quando uma pessoa (A) fala com outra pessoa (B) produz uma mensagem e provoca uma reação. O que A fez? Elaborou um texto. Daí, B responde, provocando nova reação em A porque elaborou outra mensagem, outro texto, e assim sucessivamente. É por meio desse processo que nos comunicamos e interagimos com o outro e identificamo-nos como membro de um grupo.



No entanto, podemos nos comunicar não apenas por meio da fala, mas também da escrita ou por meio de sinais, de uma pintura, de um gesto, de uma escultura etc. Então, toda mensagem produzida a partir de um processo de comunicação, que provoca uma reação no outro (que pode ser chamado de receptor, leitor ou interlocutor, conforme a situação comunicativa) é um texto.

Este texto, por sua vez, está impregnado das impressões de quem produz a mensagem (que é chamado de emissor, autor ou também interlocutor). O texto, assim, carrega muito além da mensagem porque também carrega atitudes, expectativas e sentimentos de quem o produz. Por isso provoca reação e, conseqüentemente, interação.

Os Elementos da Comunicação

Para que a comunicação realmente possa se concretizar são necessários SEIS elementos de comunicação:

1. o emissor: aquele que emite a mensagem. É o autor do texto escrito, o interlocutor num processo de comunicação, o falante numa produção oral, o remetente.
2. o receptor: aquele que recebe a mensagem. É o destinatário e também chamado de interlocutor no processo de comunicação.
3. a mensagem: é todo o texto falado/escrito/gesticulado/codificado elaborado pelo emissor em que o conteúdo da comunicação é processado.
4. o canal: é o meio através do qual a mensagem é transmitida. Por exemplo, numa conversa oral, o canal de comunicação é o ar; num texto escrito, o papel; num programa de televisão, a emissora do programa.
5. o código: é o conjunto de sinais através do qual a mensagem é elaborada. Num texto escrito ou falado no Brasil, o código é a Língua Portuguesa.
6. o referente: é o assunto, o objeto, o evento a que se refere a mensagem. Também é chamado de contexto.

E, atenção: só haverá comunicação quando houver esses seis elementos coexistindo e se articulando numa situação.

Se, por exemplo, o emissor estiver falando sobre futebol (o referente) e o receptor estiver preocupado com a política (outro referente), ninguém irá estabelecer uma conversa, não é mesmo? Por quê? Os referentes da comunicação são distintos.



Dessa forma, ler um texto não é apenas decodificar os sinais usados na elaboração da mensagem, mas também identificar:

em que situação esse texto foi produzido,

com que propósito foi elaborado,

que papel e função desempenha no processo de interação social.

Seção 2

Gêneros textuais



- a. Vamos fazer uma reflexão: qual foi o primeiro documento de sua vida? Para que serve esse documento? Que informações ele traz? Onde e para que você o usa ou usava? Elabore um pequeno texto encadeando as respostas a essas perguntas.
- b. Mas são vários os tipos de textos com que nos deparamos todos os dias, não? Então, leia os textos a seguir e identifique quais as situações de uso em que eles se inserem. Qual seria a função de cada um deles?

Texto 1

Paratodos

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antonio Brasileiro
(...)
Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho
Avoando de edifícios
Fume Ari, cheire Vinícius

Beba Nelson Cavaquinho

(...)

O meu pai era paulista

Meu avô, pernambucano

O meu bisavô, mineiro

Meu tataravô, baiano

Vou na estrada há muitos anos

Sou um artista brasileiro

(Chico Buarque de Holanda. Fragmentado. <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45158/>)

Situação de uso:

Função:

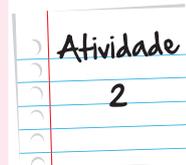
Texto 2

Nascido na cidade mineira de Três Corações, filho de Celeste e de João Ramos do Nascimento, jogador de futebol no sul de Minas Gerais, conhecido como Dondinho, Pelé desde criança manifestou a vontade de ser jogador de futebol como o pai. Em 1945, a família mudou-se para Bauru, interior de São Paulo. Com dez anos Pelé já jogava em times infanto-juvenis. O pai, então, o estimulou a montar o seu próprio time: o Sete de Setembro. Pelé trabalhava como engraxate e para adquirir material, como bolas e uniformes, os garotos do time chegaram a vender produtos em entrada de cinema e praças.

Sua consagração veio na Copa do Mundo da Suécia, em 1958, quando o Brasil foi pela primeira vez campeão mundial. Depois, Pelé participou ainda da Copa de 1966, na Inglaterra, e da Copa de 1970 no México, quando a seleção trouxe para o Brasil a taça Jules Rimet. Apelidado de "O Rei" pela imprensa francesa, criou e aperfeiçoou jogadas que encantaram o mundo: o chute a gol do meio do campo, a tabela nas pernas do adversário, o drible sem bola no goleiro, a paradinha na cobrança do pênalti.

Em 2000, na eleição de Melhor Jogador do Século da FIFA, Pelé foi aclamado como o melhor de todos os tempos, à frente do craque argentino Diego Maradona.

(Adaptação de <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u724.jhtm>)





Situação de uso:

Função:

Texto 3

“Eu sou brasileiro e não desisto nunca” – Agência Lew, Lara – ABA <http://www.aba.com.br/omelhordobrasil/>

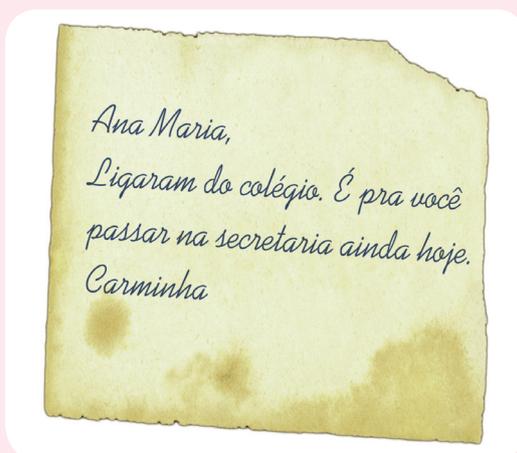
Situação de uso:

Função:

Texto 4

Precisa-se de auxiliar de enfermagem. Requisitos: Ensino Médio, curso de auxiliar de enfermagem e experiência comprovada de 1 ano. Interessados enviar CV e carta de apresentação para o endereço eletrônico: auxenfermagem@hdelmese.com.br

Texto 5



Anote suas respostas em seu caderno

Como você deve ter percebido, esses textos apresentam funções e usos diferentes. Cada um foi produzido, levando em conta uma determinada situação ou contexto e, portanto, possui uma estrutura própria.

- O texto 1 é uma música/poesia e tem a função de encantar, entreter, emocionar;
- O texto 2 é uma biografia e tem como objetivo apresentar a história de vida de Pelé;
- O texto 3 é parte de uma campanha publicitária: “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”, cuja função foi promover um movimento pró-autoestima da população, conscientizando, despertando e incentivando o sentimento de orgulho e satisfação nas pessoas a respeito de suas próprias realizações e potencialidades, e também salientando o efeito de suas atitudes e ações para sua autorrealização e para o futuro do Brasil;
- O texto 4 é um anúncio de emprego da seção de classificados de um jornal;
- E o texto 5 é um bilhete.

Podemos dizer que são as funções que determinam o conteúdo, a estrutura, a linguagem a ser usada e o modo de apresentação dos textos.

Cada um representa um *gênero textual*. E cada gênero tem uma função e uma estrutura definida.

Os gêneros textuais possuem algumas formas padronizadas, como se fossem marcas de identificação. Veja alguns exemplos. Muitos, você já deve conhecer ou ter ouvido falar:

- Poema, crônica, conto, novela, piada, charge, tirinhas...
- Bilhete, e-mail, carta, aviso, cartaz...
- Receita culinária, receita médica, bula, manual de instrução...
- Anúncio, carta de leitor, relatos, notícia, entrevista, reportagem...
- Biografia, currículo...
- Filmes, peças teatrais, músicas, desenhos animados, histórias em quadrinhos...
- Aula, conferência, artigo...
- Certificados, procurações, documentos...



Conhecer as diferentes variedades linguísticas, assim como os diferentes gêneros textuais, permite que estejamos preparados para nos comunicar de forma efetiva nas diferentes situações da vida, proporcionando a todos nós o exercício da cidadania.

Vamos, agora, explorar alguns outros gêneros textuais.



Na atividade 2, você percebeu que os textos se apresentam de formas diferentes, e, porque têm propósitos comunicativos também diferentes, pertencem a diversos gêneros textuais. No entanto, todos os textos falam um pouco da identidade de cada brasileiro, não?

Agora é a sua vez.

1. Em cada um deles, como é expressa a identidade? Que elementos demonstram a identidade de quem é descrito?
 - a. No documento da atividade 2.a:
 - b. Nos textos 1, 2 e 3 da atividade 2.b:
2. A organização e a estrutura de um texto, elementos que determinam seu gênero textual, estão diretamente ligadas a sua finalidade e ao propósito comunicativo do emissor em relação ao seu receptor, seu público-alvo.

Considerando os textos da atividade 2b, identifique qual o propósito comunicativo de cada texto e para que tipo de receptor foi elaborado.

Texto 1: Propósito comunicativo:

Tipo de receptor:

Texto 2: Propósito comunicativo:

Tipo de receptor:

Texto 3: Propósito comunicativo:

Tipo de receptor:

Texto 4: Propósito comunicativo:

Tipo de receptor:

Texto 5: Propósito comunicativo:

Tipo de receptor:

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 3

Analizando gêneros textuais: Currículo e Carta

Vamos analisar alguns textos de diferentes gêneros textuais?

Vamos começar estudando o *Currículo*, cuja função é, também, a de apresentar-nos, dizer quem somos do ponto de vista profissional, geralmente a uma empresa ou organização, num processo de seleção de pessoal.

Currículo

Este é um gênero textual muito importante para quem quer se candidatar a alguma vaga de emprego. É uma maneira de se apresentar, de se identificar e, ao mesmo tempo, distinguir-se dos demais. Por isso, ele é um dos instrumentos utilizados para selecionar os candidatos a uma vaga em processos seletivos diversos.

O currículo ou *Curriculum Vitae* – CV (nome que vem do Latim e significa “carreira de vida”) é um documento que reúne informações sobre a formação, capacitações e experiências profissionais de alguém que se candidata a um emprego, concurso ou uma bolsa de estudo, entre outros.

Em geral, um currículo contém basicamente os seguintes itens: dados pessoais, formação e experiência profissional e outras informações específicas como idiomas, por exemplo.

Veja, a seguir, um exemplo de currículo.

Currículo

Paulo Pedroso Alves

Dados Pessoais:

Brasileiro, solteiro, 29 anos

Endereço: Rua Castor de Afluentes Andradas, número 21

Bairro Prado – Belo Horizonte – MG

Telefone: (31) 8721-0009 / E-mail: fespalaug@gmail.com.br

Objetivo

Cargo de Analista Financeiro.

Formação

Graduado em Administração de Empresas. UFMG, conclusão em 2003.

Ensino Médio Profissional de Auxiliar Administrativo. Colégio Carmo, conclusão em 1998.

Experiência Profissional

2004-2008 – Luzia & Rodrigues Investimentos

Cargo: Analista Financeiro.

Principais atividades: Análise técnica de balanço patrimonial, análise de custo de oportunidade, análise de estudos de mercado.

2001-2003 – ABRAÇO Tecnologia da Informação

Cargo: Assistente Financeiro

Principais atividades: Contas a pagar e a receber, controle do fluxo de caixa, pagamento de colaboradores, consolidação do balanço mensal.

2000-2001 - FIAT Automóveis

Estágio extracurricular com duração de 6 meses junto ao Departamento de Custeio

Outros Cursos

Curso Complementar em Gestão de Investimentos de Renda Variável (2004).

Inglês – Number One, 7 anos, conclusão em 2001.

Informática: Word, Excell, Power Point – SENAC, 04 meses, março a junho de 1998.

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2011.

Paulo Pedroso Alves

PRODUÇÃO TEXTUAL

Agora chegou a hora de você fazer o seu Currículo Vitae. Organize as informações e, que tal ir ao computador para editá-lo?

Mãos à obra! Veja abaixo a estrutura básica. Mas saiba que você pode ampliá-lo, dependendo da posição a que você quer se candidatar.



Observe a estrutura de um Curriculum Vitae ou currículo:

DADOS PESSOAIS

Nome:

RG:

Endereço:

Telefone(s):

E-mail:

FORMAÇÃO

(Informar o seu maior grau de escolaridade, nome da escola e a data de conclusão)

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Informar as experiências profissionais anteriores ou estágios realizados. Começar pelo período em que trabalhou, nome completo da empresa, função ou cargo exercido e atividades atribuições desenvolvidas.

OUTROS CURSOS

Informar cursos relacionados à vaga/cargo pleiteado e línguas estrangeiras (se tiver)

Local e data

Assinatura

Importante

Para ver dicas e modelos de currículo, acesse: <http://www.meucurriculum.com/> <http://www.trabalhando.com/detallecontenido/c/candidato/idnoticia/6798/?gclid=CJHnt9DfxqYCFVBe2godpSelHw> Veja informações sobre os 10 erros mais graves que são cometidos pelas pessoas na hora de fazer um currículo.

Saiba Mais

Carta

Vejam, agora, outro exemplo de gênero textual: a carta. Certamente, você já escreveu ou recebeu cartas. Como é esse texto? É bem diferente de um documento ou de um currículo, não é?

Uma carta tem elementos que a configuram como tal: a estrutura física (formato), o assunto (conteúdo) e o modo de falar (a seleção do vocabulário e a organização do assunto). Esses mesmos elementos serão organizados diferentes se, por exemplo, a carta for endereçada a um parente ou ao departamento de pessoal de uma empresa que está recrutando pessoal. .

Veja esta carta, enviada por um candidato respondendo a um anúncio de emprego:

Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2011.

Prezado senhor

Venho, por meio desta, apresentar-me como candidato à vaga de Analista Financeiro, anunciada por esta empresa no jornal O Globo, datado de 10 de janeiro de 2011.

Tenho os requisitos solicitados no referido anúncio e experiência comprovada na área financeira em empresas da região.

Segue, em anexo, o meu currículo para análise.

Agradecendo a atenção dispensada, coloco-me à disposição para uma possível entrevista ou quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

Paulo Pedroso Alves

Esse texto tem todos os elementos que o configuram como uma carta:

- local e data, que identificam de onde e quando foi escrita a carta;
- a saudação (ou vocativo), que introduz a pessoa para quem se escreve, o destinatário;
- o assunto, que contém informações sobre como a pessoa que escreve a carta espera encontrar o destinatário, o motivo da carta e outras informações que se deseja comunicar;
- a despedida, que é uma forma elegante de encerrarmos a nossa carta.
- a assinatura de quem escreve.

A linguagem usada nessa carta do Paulo para a empresa contratante utilizou uma linguagem mais formal, já que se trata de uma carta de apresentação para se candidatar a uma vaga de emprego e não há familiaridade entre o emissor (Paulo) e o receptor(a empresa).

Mas uma carta também pode ser escrita em linguagem mais informal, quando é para um amigo ou familiar.

Para enviar a carta pelo correio é preciso providenciar um envelope. No caso de Paulo, veja como ele preencheu o envelope para enviar sua carta à empresa. Na parte da frente colocou seu nome (remetente) e endereço completo; no verso, colocou o nome do destinatário, isto é, da empresa, e o endereço completo.



PRODUÇÃO TEXTUAL

Escreva uma carta a um (a) amigo(a), contando-lhe as novidades de sua vida e que você está fazendo esse curso de Ensino Médio. Aproveite para convidá-lo, se ele não tiver concluído seus estudos, para voltar a estudar também.



Anote suas
respostas em
seu caderno



Nesta atividade, vamos trabalhar com outro gênero textual: a bula.

Imagine que você comprou um remédio e, como toda pessoa cuidadosa, resolveu ler a bula.

ENOJOL

FORMA(S) FARMACÊUTICA(S) E APRESENTAÇÃO

Ampola injetável 100ml.

Uso adulto

Uso injetável

COMPOSIÇÃO QUÍMICA

Cada ml de ENOJOL Injetável contém 6,43 mg de dipropionato de betametasona (equivalente a 5 mg de betametasona) e 2,63 mg de fosfato dissódico em veículo estéril.

Componentes inativos: fosfato de sódio dibásico, cloreto de sódio, edetato dissódico, álcool.

INFORMAÇÕES AO PACIENTE

Ação esperada do medicamento: ENOJOL Injetável é uma associação de ésteres que produz efeitos anti-inflamatórios, antialérgicos e antirreumáticos.

Cuidados de armazenamento: ENOJOL Injetável deve ser conservado em temperatura ambiente (entre 15°C e 30°C), protegido da luz. Mantenha a ampola no interior da caixa até o momento do uso.

Gravidez e lactação: ENOJOL não deve ser utilizado durante a gestação e a amamentação.

Cuidados de Administração: siga a orientação de seu médico.

Reações Adversas: informe ao seu médico o aparecimento de reações desagradáveis. Em geral, ENOJOL é bem tolerado. Podem ocorrer reações alérgicas, hipersensibilidade à luz solar, náuseas, vômito, dor de cabeça e diarreia.

1. A partir da leitura da parte “COMPOSIÇÃO QUÍMICA”, responda:

Que tipo de linguagem é usado nesta parte do texto?

Quem é o receptor para quem o laboratório escreveu esta parte do texto?

A mensagem desta parte do texto ficou clara para você? Justifique sua resposta.

De acordo com a linguagem utilizada nesta parte, é possível dizer que o propósito da comunicação foi cumprido para todo e qualquer receptor? Por quê?

Assim, todo e qualquer texto promove interação com quaisquer leitores? Por quê?

2. Imagine que você queira ter certeza de que o medicamento realmente é indicado para o mal diagnosticado pelo médico. Leia novamente a parte relativa a INDICAÇÕES ou INFORMAÇÕES AO PACIENTE e:

Identifique a finalidade do medicamento. Caso você não compreenda o significado de alguma palavra, busque o dicionário.

De acordo com o que você compreendeu, explique como o(a) paciente poderia reagir ao texto, se ele(a):

- a. morasse em um lugar quente, onde não houvesse energia elétrica e, portanto, geladeira.
- b. tivesse pânico de agulha.
- c. estivesse amamentando.



Anote suas
respostas em
seu caderno

A bula de um medicamento é um gênero textual que apresenta uma dada organização e estrutura porque tem a finalidade de orientar médicos e pacientes sobre o produto. Assim, este texto está geralmente dividido em: apresentação do produto; forma de uso, composição e informações ao paciente – onde são apresentadas as indicações, cuidados de armazenamento, a maneira de usar e possíveis efeitos colaterais.

Brasil terá duas bulas de remédio até o final do ano

“Até o final do ano, o Brasil terá duas bulas de medicamentos: uma com linguagem técnica, destinada a médicos, e outra voltada ao paciente, com informações mais didáticas.

A bula do paciente continuará dentro da caixa do remédio, enquanto a outra será eletrônica, disponível no site de ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Os pacientes também poderão acessá-la.

As letras e os espaçamentos entre os parágrafos no texto da bula devem ficar maiores, para facilitar a leitura dos textos. (...)”

(Fragmento de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u504556.shtml>, acesso em 02/04/2011.)



Nesta unidade, pudemos perceber que estamos mergulhados em uma realidade social que inclui a produção e recepção de diferentes textos que se manifestam com variadas linguagens e com propósitos distintos.

Vimos também que os textos organizam-se em categorias (gêneros textuais), de acordo com sua função e o uso que deles fazemos.

Perceber a existência e conhecer vários gêneros textuais como os que vimos nesta unidade (documento, currículo, carta, bula etc.), faz com que possamos interagir e expressar-nos de forma mais efetiva nas várias situações da vida, expandindo, assim, o exercício de nossa cidadania.



Veja ainda!

1. Assista aos vídeos sobre gêneros textuais, para aprofundar seus estudos:

- Programa Escrevendo o Futuro - Gêneros Textuais - Patrocínio Itaú http://www.youtube.com/watch?v=QQPw-xUK_tk
- Entre a imagem e a palavra: reflexões sobre fala, escrita e ensino, trecho do vídeo, parte integrante da Coleção Luiz Antonio Marcuschi, iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

Direção/Edição: Augusto Noronha e Karla Vidal. Seleção de imagens: Angela Paiva Dionisio. <http://www.youtube.com/watch?v=zYWYpHdpg7E>

2. Nos sites a seguir você poderá encontrar vários modelos de currículo e de carta:

<http://www.meucurriculum.com/modelos-de-curriculum.php>

<http://www.brasilecola.com/redacao/carta.htm>

3. Conheça mais sobre a Língua Portuguesa, visitando o site <http://cvc.instituto-camoes.pt/aprender-portugues.html>

4. Dica de leitura: Tudo o que eu queria te dizer. Martha Medeiros. Editora Objetiva.

O que você sempre quis dizer a alguém - e nunca teve coragem? O que precisa falar de uma vez por todas - mas desiste, espera, até chegar o momento mais apropriado? Em 'Tudo que eu queria te dizer', Martha Medeiros encarna personagens que assinam cartas reais, trágicas, por vezes cômicas, devastadas por sua dor.

5. Assista ao programa IMAGENS DA PALAVRA, que vai ao ar todo DOMINGO às 17h 30min pela TVE/JF - canal 12, e fique por dentro do mundo da palavra através da poesia, da música, dos livros.

Referências

Imagens



• Acervo pessoal • Sami Souza



• <http://www.sxc.hu/photo/607218>



• <http://www.sxc.hu/photo/160688>



• <http://www.cidadedededeus.org.br:8080/>



• <http://www.sxc.hu/photo/1151676>



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Flag_of_Brazil.svg



• <http://www.sxc.hu/photo/1193666>



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>



• http://www.sxc.hu/985516_96035528

Atividade 1

Todos os cinco itens representam um texto.

Atividade 2

a) O primeiro documento é a certidão de nascimento que traz os dados de nossos pais, avós, naturalidade (cidade e estado) e nossa nacionalidade. Usamos para fazer matrícula nas escolas, nos postos de saúde, ou em qualquer outro lugar em que precisamos ser identificados.

b) Texto 1: Um poema

Situação de uso: quando queremos buscar prazer na leitura; sua função é fazer o leitor refletir sobre o que está sendo tratado ou se emocionar, ou chamar a atenção.

Texto 2: Uma biografia - Situação de uso: quando queremos informar ou informarmos sobre a história de vida de uma pessoa. Função: descrever fatos e informações sobre a trajetória de vida de uma pessoa.

Texto 3: Uma propaganda - Situação de uso: quando se quer convencer ou influenciar a opinião ou a vontade das pessoas sobre alguma coisa. Função: influenciar ou convencer alguém sobre alguma coisa.

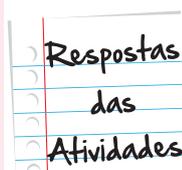
Texto 4: Anúncio de jornal - Situação de uso: quando se quer anunciar ou procurar um emprego, pois trata-se de um anúncio na seção de Classificados de um jornal. Função: Anunciar uma posição que está disponível, descrevendo a função e os requerimentos exigidos para a vaga.

Texto 5: Bilhete - Situação de uso: quando se pretende transmitir um recado escrito a alguém. Função: Transmitir a alguém, na forma escrita, uma pequena mensagem.

Atividade 3

1. No documento (2. a): Identifica um indivíduo como cidadão brasileiro, indicando nome, filiação, naturalidade e nacionalidade

No texto 1 (2. b): No poema, o autor cria a identidade de Antônio Brasileiro, que pode ser qualquer brasileiro. Mostra que todos somos constituídos de várias culturas de várias regiões do Brasil.





No texto 2 (2. b.): A identidade de um jogador de futebol é apresentada pela sua trajetória de vida, onde são descritos dados pessoais e fatos marcantes da vida do jogador.

No texto 3 (2.b.): A campanha "Sou Brasileiro e não desisto nunca" ressalta a capacidade dos brasileiros de serem lutadores e não desistirem facilmente do que querem.

2. Texto 1: Propósito comunicativo: Identificação de um indivíduo

Tipo de receptor: qualquer outra pessoa ou órgão que necessita identificar um indivíduo.

Texto 1: Propósito comunicativo: Possibilitar prazer estético e reflexão sobre o conteúdo.

Tipo de receptor: qualquer leitor

Texto 2: Propósito comunicativo: Informar sobre a trajetória de vida e os feitos do rei Pelé.

Tipo de receptor: leitor interessado em conhecer sobre a vida do jogador de futebol.

Texto 3: Propósito comunicativo: convencer ou influenciar a opinião dos brasileiros sobre si mesmos, provocando um aumento em sua autoestima e incentivando o sentimento de orgulho e satisfação sobre suas próprias realizações e potencialidades.

Tipo de receptor: brasileiros

Texto 4: Propósito comunicativo: buscar alguém interessado em um emprego e que tenha as condições exigidas.

Tipo de receptor: um leitor a procura de um emprego, no caso, uma auxiliar de enfermagem.

Texto 5: Propósito comunicativo: passar um recado

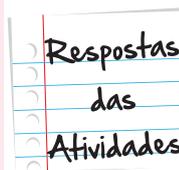
Tipo de receptor: uma amiga, um parente ou alguém próximo.

Atividade 4

Esta atividade é uma produção pessoal.

Atividade 5

Esta atividade é uma produção textual. Como toda atividade de elaboração de texto, procure fazer um planejamento antes de iniciar a escrita. Após a escritura do texto, releia-o, faça as correções necessárias e passe a limpo em um papel.



Atividade 6

1. I. Uma linguagem científica, com vocabulário ligado à farmácia, à química.

II. Provavelmente, o receptor é um médico, ou farmacêutico.

III. Resposta pessoal. Provavelmente não, pois a compreensão da composição química do remédio é difícil para uma pessoa leiga comum.

IV. Não. Porque a comunicação só é clara para quem tem domínio de um vocabulário científico.

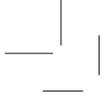
V. Não. Porque a interação só acontece quando a mensagem é completamente compreendida pelos leitores. E, nesse caso, nem todos os leitores a compreenderiam.

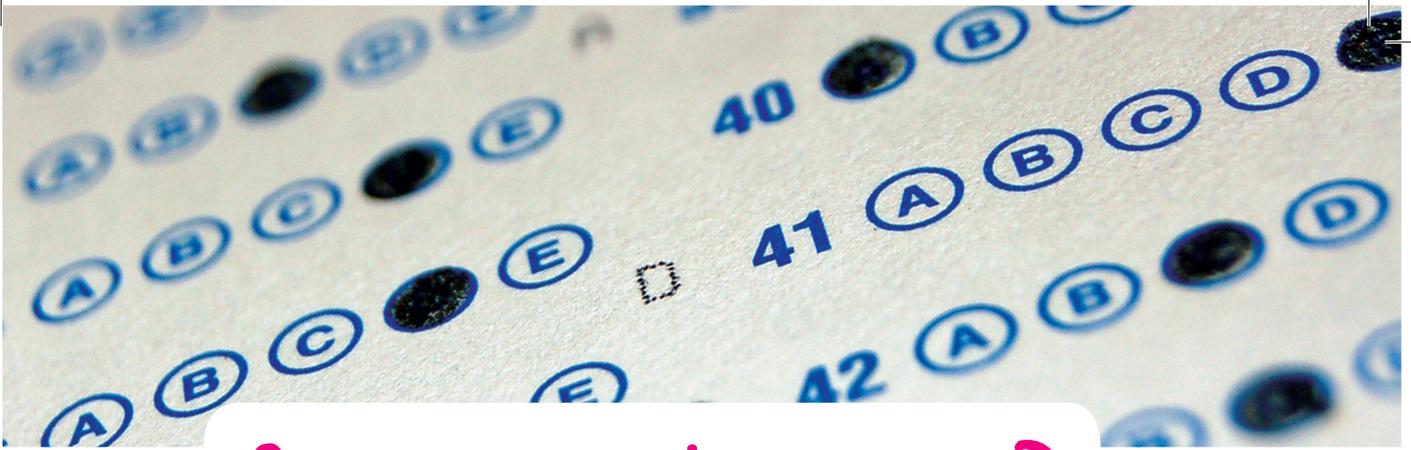
2. I. A finalidade é antiinflamatório – para inflamações, antialérgico - melhora estados de alergia- e antirreumáticos – para problemas de reumatismo.

II. a. Provavelmente, o remédio não poderia servir mais, depois de pouco tempo, já que a bula informa a necessidade de o medicamento ser mantido no gelo.

b. Provavelmente, o paciente não faria uso do medicamento, já que a bula informa que é injetável (através de injeção).

c. A paciente não faria uso do medicamento, pois poderia prejudicar o bebê que está amamentando.





O que perguntam por aí?

ENEM 2010

Questão 98

Câncer 21/06 a 21/07

O eclipse em seu signo vai desencadear mudanças na sua autoestima e no seu modo de agir. O corpo indicará onde você falha – se anda engolindo sapos, a área gástrica se ressentirá. O que ficou guardado virá à tona para ser transformado, pois este novo ciclo exige uma “desintoxicação”. Seja comedida em suas ações, já que precisará de energia para se recompor. Há preocupação com a família, e a comunicação entre os irmãos trava. Lembre-se: palavra preciosa é palavra dita na hora certa. Isso ajuda também na vida amorosa, que será testada. Melhor conter as expectativas e ter calma, avaliando as próprias carências de modo maduro. Sentirá vontade de olhar além das questões materiais – sua confiança virá da intimidade com os assuntos da alma.

Revista Cláudia. Nº 7, ano 48, jul. 2009.

O reconhecimento dos diferentes gêneros textuais, seu contexto de uso, sua função social específica, seu objetivo comunicativo e seu formato mais comum relacionam-se aos conhecimentos construídos socioculturalmente. A análise dos elementos constitutivos desse texto demonstra que sua função é

- A vender um produto anunciado.
- B informar sobre astronomia.
- C ensinar os cuidados com a saúde.
- D expor a opinião de leitores em um jornal.
- E aconselhar sobre amor, família, saúde, trabalho.

Resposta: Letra E

Comentário: Como pode ser observado em textos de horóscopos em geral, sua função é aconselhar os nativos de cada signo sobre amor, família, saúde, trabalho etc.

Questão 99

S.O.S Português

Por que pronunciamos muitas palavras de um jeito diferente da escrita? Pode-se refletir sobre esse aspecto da língua com base em duas perspectivas. Na primeira delas, fala e escrita são dicotômicas, o que restringe o ensino da língua ao código. Daí vem o entendimento de que a escrita é mais complexa que a fala, e seu ensino restringe-se ao conhecimento das regras gramaticais, sem a preocupação com situações de uso. Outra abordagem permite encarar as diferenças como um produto distinto de duas modalidades da língua: a oral e a escrita. A questão é que nem sempre nos damos conta disso.

S.O.S Português. Nova Escola. São Paulo: Abril, Ano XXV, nº 231, abr. 2010 (fragmento adaptado).

O assunto tratado no fragmento é relativo à língua portuguesa e foi publicado em uma revista destinada a professores. Entre as características próprias desse tipo de texto, identificam-se as marcas linguísticas próprias do uso

- A regional, pela presença de léxico de determinada região do Brasil.
- B literário, pela conformidade com as normas da gramática.
- C técnico, por meio de expressões próprias de textos científicos.
- D coloquial, por meio do registro de informalidade.
- E oral, por meio do uso de expressões típicas da oralidade.

Resposta: Letra C

Comentário: A presença de termos técnicos pode ser observada nesse texto, voltado para os profissionais dessa área.



A Prescrição

Para início de conversa..

Você já imaginou o que aconteceria se andássemos pelas estradas e ruas sem nenhuma orientação sobre onde dobrar, parar, estacionar ou mesmo reduzir a velocidade? Ou se junto aos produtos eletroeletrônicos que adquirimos, não houvesse instruções para sua instalação e uso?

Como seria se, ao consultarmos um médico, ele não nos orientasse sobre como realizar um tratamento? Ou se, na academia, não nos apontassem como executar os exercícios físicos?

E se tentássemos fazer um prato novo sem uma receita culinária? Ou se fôssemos a um restaurante onde não houvesse certas regras de comportamento?

Ou, ainda, já pensou como seria infernal a nossa vida num condomínio sem regras e normas?

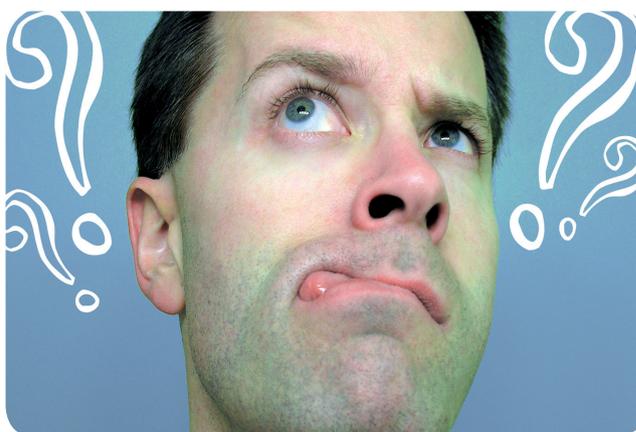


Figura 1: Você já se sentiu perdido alguma vez, sem saber para onde ir, o que fazer ou como manusear determinado aparelho? Pois é, assim é uma vida sem orientações.

Devem ter passado pela sua cabeça várias cenas em que o resultado provocado pela inexistência de orientações, instruções e normas seria bem negativo ou até desastroso, não é?

Esta Unidade vai abordar o tipo de texto que tem a função de orientar nossas ações no dia a dia e nossa vida em sociedade. Vamos trabalhar com a prescrição e com os textos de natureza prescritiva, suas manifestações, elementos e estrutura. Vamos nessa?

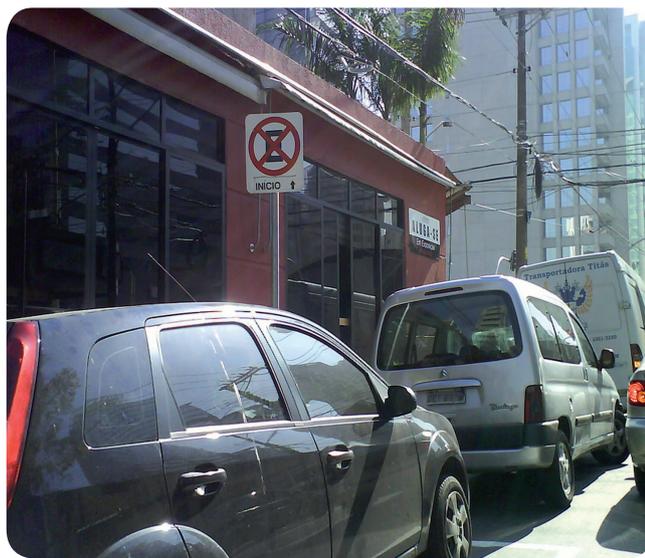


Figura 2: Se mesmo com placas e leis previstas algumas pessoas ainda desrespeitam as normas de trânsito, imagine se não houvesse nenhum tipo de regulamentação... O mundo seria um caos!

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer as características de textos prescritivos.
- Reconhecer textos prescritivos em diferentes situações do cotidiano.
- Analisar textos prescritivos a partir de suas características linguísticas.
- Reconhecer os modos verbais e empregá-los adequadamente.
- Identificar a formação do modo imperativo.
- Usar o modo imperativo na produção de textos prescritivos.

Você sabia que as placas de sinalização são classificadas em três categorias, com funções e características específicas? São elas:

Regulamentação

regulamentam o uso da via, definindo suas proibições, permissões e restrições, devendo ser obedecidas pelos condutores e pedestres, sob pena de cometerem infração de trânsito. Ex: placa de proibido estacionar.

Advertência

têm a função de alertar, orientar e advertir o condutor sobre uma situação que ele vai encontrar mais à frente, normalmente situações em que deva ter mais atenção e cuidado.



curva acentuada em "S" a esquerda

Indicação

têm a finalidade de indicar, orientar e dar localização ao condutor. Indica o caminho a ser tomado para um determinado destino, a quilometragem a ser percorrida, a quilometragem da via naquele local, a proximidade de cidades, praias, restaurantes e postos de gasolina, o nome ou prefixo da rodovia, etc.

Para saber mais sobre a sinalização de trânsito, você pode consultar:

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/sinais-de-transito/sinais-de-transito.php>



Seção 1

Prescrição

Para evitar as cenas caóticas que você deve ter imaginado e para facilitar a nossa vida, há um determinado tipo de texto que é responsável pela manifestação e explicitação de regras, normas, instruções, orientações, etc. Chamamos esse texto de prescrição, ou ainda, segundo alguns autores, injunção.



Para iniciarmos a discussão, analise os textos a seguir e responda às questões propostas.

Texto 1

Modo de preparo :

Coloque o sachê em uma xícara de chá e adicione água fervente. Deixe de 3 a 5 minutos ou até atingir a cor e o sabor desejado. Adoce a gosto.

Texto 2

Placas de regulamentação



Dê a preferência



Pare



Proibido virar à esquerda



Siga em frente-

Texto 3

Dicas para ser feliz

1 - Seja ético. A vitória que vale a pena é a que aumenta a sua dignidade e reafirma valores profundos.

2 – Estude sempre e muito.

3 – Acredite sempre no amor. Não fomos feitos para a solidão.

4 – Seja grato(a) a quem participa das suas conquistas. O verdadeiro campeão sabe que as vitórias são alimentadas pelo trabalho em equipe.

(...)

7 – Tenha metas claras. Ter objetivos claros evita desperdícios de tempo, energia e dinheiro.

8 – Cuide bem do seu corpo. Alimentação, sono e exercício são fundamentais para a vida saudável.

(...)

10 – Amplie os seus relacionamentos profissionais. Os amigos são a melhor referência em crises e a melhor fonte de oportunidades na expansão. Ter bons contatos é essencial em momentos decisivos.

(...)

20 – Celebre as vitórias. Compartilhe o sucesso, mesmo as pequenas conquistas, com pessoas queridas.

(Extrato de texto de Roberto Shinyashiki, Jornal Lourdes, janeiro de 2012, Caxias do Sul – RS.)

1. Qual o objetivo de cada um dos textos e em que situações eles se encontram?
2. Que palavras e elementos são utilizados em cada um dos textos para dar conta dos objetivos propostos?
3. Como os textos estão estruturados? Quais são as partes que os compõem?

Anote suas
respostas em
seu caderno





Produção textual

Faça um levantamento de cinco situações no seu dia a dia, nos quais você se depara com textos prescritivos ou tem que produzi-los. Agora, elabore um texto apontando a importância desses textos na vida social e profissional das pessoas.

Anote suas respostas em seu caderno

Após realizar as atividades, observe que as suas respostas devem ter apontado para o fato de que, apesar de tratarem de assuntos diferentes e de encontrarem-se em situações diferenciadas, os três textos da Atividade 1 têm um objetivo comum, que é o de orientar nossas ações.

No primeiro texto, temos os passos para preparação de um chá (coloque, deixe, adoce). No segundo, instruções precisas sobre como agir no trânsito (placas de sinalização e o que elas significam – dê a preferência, proibido, siga, etc.). E no terceiro, como devemos agir para conquistar a felicidade (seja ético, estude muito, acredite, etc.).

Dessa maneira, podemos constatar, nos três textos, a expressão de exercícios de prescrição.

A prescrição, assim como a narração, a descrição e a argumentação, constitui uma espécie de tipologia textual e atua como uma função da linguagem que nos permite apresentar e receber, de forma precisa e organizada, os passos de uma sequência, instruções, conselhos, ordens, orientações sobre como agir e se comportar e de como executar certas ações concretas.

Fornecemos informações e temos contato com textos prescritivos quando somos condutores de um processo ou temos de seguir ordens ou orientações, como por exemplo, quando damos ordens, quer no ambiente familiar ou no trabalho, quando orientamos o que as pessoas devem fazer em uma sequência (primeiro faça isso, depois, realize tal ação, etc.), quando vamos ao médico e ele nos dá uma receita de como tratar nossos sintomas, etc.

Prescrever se relaciona com ordenar, instruir, determinar regras, fixar limites. Nos textos prescritivos predomina a função conativa/apelativa da linguagem (voltada para o receptor) e eles visam tentar convencer ou persuadir quem ouve a obedecer a uma vontade, a fazer, ou a não fazer algo, seja ordenando ou pedindo gentilmente.

Os textos prescritivos são, portanto, aqueles que trazem informação sobre como realizar ações. Eles estão presentes com frequência em nosso dia a dia, podendo ser extremamente simples, como uma receita de bolo e ordens de exercícios escolares, ou assumir uma natureza mais complexa, como bulas de medicamentos, regulamentos de cursos, leis, instruções de montagem e utilização de máquinas e equipamentos, dentre outras formas.

Eles têm a função de regular com precisão o comportamento humano para a realização de algum objetivo, e são constituídos por uma explicação detalhada de como fazer determinada tarefa e, muitas vezes, contam com o auxílio de gráficos e sinais para ilustrar o conteúdo.

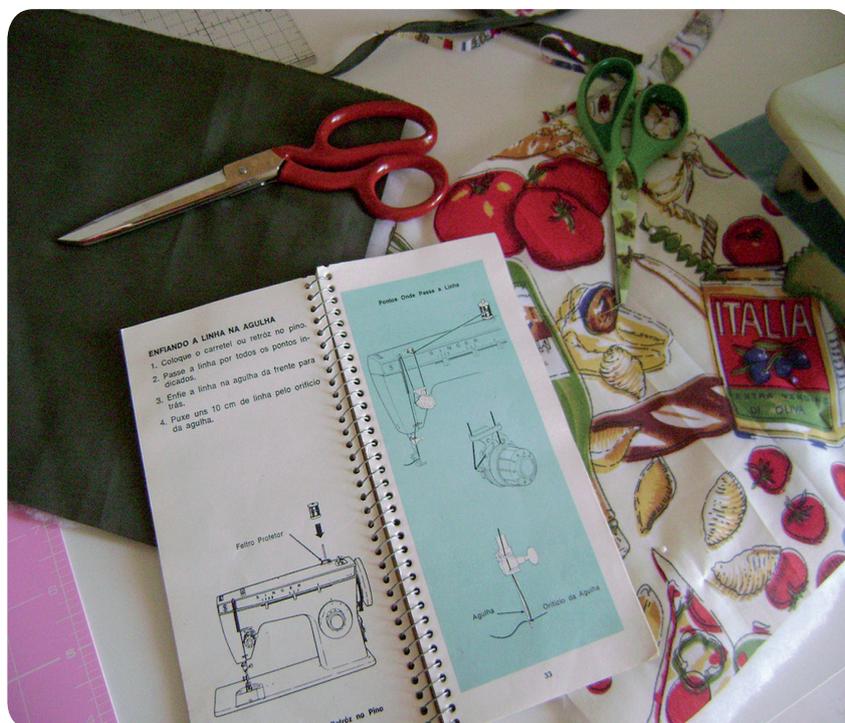


Figura 3: Você já imaginou como a nossa vida seria complicada se não fossem os manuais? Como seria difícil, por exemplo, manusear esta máquina de costura se não houvesse um manual, não é verdade?

Seção 2

Organização estrutural e linguística do texto prescritivo

Como se constituem os textos prescritivos? Para respondermos a essa questão, vamos retomar as respostas que você deu às questões 2 e 3 da Atividade 1.

Conforme já apresentado, por meio das palavras, dos elementos gráficos e estruturação é que podemos reconhecer a tipologia de um texto. No caso dos textos analisados, as palavras e expressões que nos indicam a existência da prescrição são:

- coloque, adicione, deixe, adoce (Texto 1);
- as imagens das placas e o que elas significam: dê, pare, proibido, siga (Texto 2);
- seja, acredite, tenha, cuide, amplie, celebre (Texto 3);
- e associadas a elas, as expressões modo de preparo, regulamentação e dicas, que nos apontam o que vai ser apresentado.

Podemos perceber por esse levantamento que na linguagem prescritiva são predominantemente utilizados verbos de ação.

Os verbos são palavras que indicam uma ação, um processo, inseridos no tempo. Veja: feitas ou sofridas por alguém (correr, passear, etc.);

- fenômenos da natureza (chover, nevar, ventar, etc.)
- um estado (ser, estar) ou mudança de estado (ficar, tornar-se).

Também destacamos que os verbos têm papel fundamental na frase, pois são os termos essenciais dos enunciados.

Mas será que diante desses processos assumimos sempre o mesmo tipo de atitude enquanto falantes?

É evidente que não, pois dependendo dos nossos objetivos, escolheremos diferentes formas de expressão para indicar o que queremos. Podemos apenas declarar o que fazemos ou o que pensamos; podemos apresentar nossos desejos, hipóteses e condições sobre determinados assuntos ou assumir postura de ordem, de organização de ações.

Surge aqui, então, a noção de MODO VERBAL.

Modo Verbal

O modo verbal expressa a atitude do sujeito que fala em relação aos processos expressos pelo verbo. São três os modos verbais em Português:

Indicativo:

modo da realidade, da informação, da certeza.

Os tempos do modo indicativo são:

- presente;
- pretéritos – perfeito, imperfeito e mais que perfeito;

Exemplos :

- Estou de saída; já fiz o que vim fazer. Gosto muito daqui. (presente)
- O computador surgiu para promover desenvolvimento aos povos. (pretérito perfeito)
- Ele sempre dizia que adorava futebol. (pretérito imperfeito)
- Ele me falou agora há pouco que esquecera (havia esquecido) de fazer a tarefa. (pretérito mais que perfeito)
- Viajarei na terça-feira e devo estar de volta no próximo sábado. (futuro do presente)
- Eu adoraria ter tempo para viajar mais. (futuro do pretérito)

Subjuntivo:

modo da hipótese, da suposição, da dúvida, do desejo.

Os tempos deste modo são:

- presente
- pretérito imperfeito
- futuro

Exemplos:

- Quero que você chegue em casa cedo. Talvez eu compre alguma roupa naquela promoção. (presente)
- Eu sairia mais de casa se não fosse tão frio. (pretérito imperfeito)
- Se ele fizer o que eu digo, tudo dará certo. (futuro)

Imperativo:

modo do mando, da ordem, do pedido, do conselho.

Exemplos:

- Saia agora daqui.
- Não esqueça de levar o material para a aula.
- Mantenha este produto fora do alcance das crianças.
- Se for dirigir, não beba.

Como a prescrição pressupõe a ordenação, a instrução, a orientação, assumimos uma postura de controladores dos processos e das ações e o modo imperativo é aquele que nos permite assumir tal postura. E isso pode ser feito de forma afirmativa (quando queremos que alguém faça algo) ou de forma negativa (quando manifestamos o que não queremos que alguém faça). Daí decorrem o que se denomina de Imperativo Afirmativo e Imperativo Negativo.

E como se forma o modo imperativo de um verbo? A fórmula é sempre a mesma e é muito simples. Envolve apenas o conhecimento das conjugações do Presente do Indicativo e do Presente do Subjuntivo. Veja um exemplo utilizando o verbo acreditar.

Pronomes pessoais (pessoas do discurso)	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Imperativo Negativo	Presente do Subjuntivo
Eu	acredito	-----	-----	acredite
Tu	acreditas	acredita	não acredites	acredites
Ele/Ela/Você	acredita	acredite	não acredite	acredite
Nós	acreditamos	acreditemos	não acreditemos	acreditemos
Vós	acreditais	acreditai	não acrediteis	acrediteis
Eles/Elas/Vocês	acreditam	acreditem	não acreditem	acreditem

Pelo quadro anterior, podemos perceber que o Imperativo Negativo é formado a partir do Presente do Subjuntivo e que no Imperativo Afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós), são oriundas do Presente do Indicativo sem o – s final da conjugação e as outras pessoas se originam do Presente do Subjuntivo.

Agora, preste atenção em alguns aspectos importantes envolvidos na formação do Imperativo:

1. Não utilizamos o imperativo para a primeira pessoa, pois as ordens sempre se destinam a uma segunda pessoa.
2. A forma do imperativo afirmativo a ser utilizada depende da pessoa gramatical que empregamos para nos dirigir aos nossos receptores.

Se utilizamos tu (2ª pessoa) como forma de tratamento, então teremos como forma do Imperativo Afirmativo aquelas decorrentes do Presente do Indicativo. Se utilizamos você (3ª pessoa), então teremos as formas do Presente do Subjuntivo como fonte.

Considerando que apenas em algumas regiões do nosso país usam a 2ª pessoa, o que encontraremos em textos de domínio público, na publicidade, nas campanhas, nos manuais de instrução, nas normas, etc., será a forma do Imperativo decorrente do uso da 3ª pessoa. O mais importante não é a pessoa usada, mas sim a utilização da forma correspondente correta do Imperativo

Por exemplo, podemos dizer:

- Evita (tu) o desperdício.
- Evite (você) o desperdício.



Atividade
3

Utilizando-se do quadro de referência, forme o Modo Imperativo dos verbos ter e seguir a partir da sua conjugação no Presente do Indicativo e Presente do Subjuntivo

Verbo ter

Pronomes pessoais (pessoas do discurso)	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Imperativo Negativo	Presente do Subjuntivo
Eu				
Tu				
Ele/Ela/Você				
Nós				
Vós				
Eles/Elas/Vocês				

Verbo seguir

Pronomes pessoais (pessoas do discurso)	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Imperativo Negativo	Presente do Subjuntivo
Eu				
Tu				
Ele/Ela/Você				
Nós				
Vós				
Eles/Elas/Vocês				

Anote suas respostas em seu caderno

. Reescreva as frases, transformando os verbos e expressões destacadas por verbos no Modo Imperativo.

1. É proibido estacionar aqui.
2. Você deve trazer a tarefa amanhã sem falta
3. É necessário que tu evites o consumo excessivo de álcool.
4. Após aberto, o produto deve ser mantido em geladeira por no máximo 30 dias.
5. A recomendação do professor é para seus alunos prestarem atenção às ordens dadas se eles quiserem ter sucesso nas tarefas.
6. É vedada a utilização de produtos químicos nesta área de agricultura.



Anote suas
respostas em
seu caderno

Que estrutura os textos prescritivos apresentam de modo geral?

Os textos prescritivos, em função da sua natureza, apresentam, de modo geral, as seguintes características:

- são textos geralmente curtos, com frases curtas e precisas e com léxico específico do tema, especialmente verbos de ação;
- utilizam verbos no imperativo ou no infinitivo quando há a indicação de passos;
- possuem expressões temporais para ordenar a sequência de ações, ou formas de ordenação e esquematização, como a numeração de passos a serem seguidos, roteiros, etc.;
- utilizam imagens, gráficos e ilustrações como complemento da informação textual.



Figura 4: A função dos manuais é nos orientar a realizar alguma atividade com êxito. Mas, às vezes, não é bem assim! Não é difícil encontrar alguns manuais enormes, com linguagem e desenhos confusos que mais nos atrapalham do que ajudam, não é verdade?

Seção 3

Outras manifestações de textos prescritivos e suas características

Até agora trabalhamos com textos prescritivos que apresentam ordens e instruções diretas. No entanto, conforme já mencionamos no início desta Unidade, há outros textos que trazem informações de condutas a serem adotadas, além de normas e regras que não são expressas de forma direta. Entre eles estão, por exemplo, as regras dos jogos, os regulamentos e as bulas dos remédios, onde são utilizadas outras formas para marcar as orientações, que não o verbo no Imperativo.

Regulamentos

Vamos começar analisando um trecho de um modelo de regulamento. O texto que segue, é apenas um modelo de regulamento de um condomínio e está disponível no site www.jurisway.org.br.

Regulamento Interno do Condomínio

1 - DAS NORMAS REGULAMENTARES

1.1 - Todos os condôminos, seus inquilinos e respectivos familiares, seus prepostos e os empregados do condomínio são obrigados a cumprir, respeitar e, dentro de sua competência, a fazer cumprir e respeitar as disposições deste regulamento.

1.2 - Fica estabelecido que, conforme a convenção do condomínio, no período de 22h às 6h, cabe aos moradores guardarem silêncio, evitando-se ruídos ou sons que possam perturbar o sossego e o bem-estar dos demais moradores.

1.3 - Durante 24 horas, o uso de aparelhos que produzam som ou instrumentos musicais deve ser feito de modo a não perturbar qualquer morador, observadas as disposições legais vigentes, salvo em ocasiões especiais, devidamente comunicadas com antecedência ao síndico, mas respeitando o horário estabelecido no item 1.2.

1.4 - Os jogos e/ou brincadeiras infantis somente poderão ser praticadas em locais apropriados, em geral das 9h às 22h, ressalvados os específicos para locais expressamente determinados, na forma e condições previstas neste Regulamento Interno, ou definidas previamente pelo síndico.

(...)

2 - DO USO DAS ÁREAS COMUNS

2.1 - É permitido aos moradores usar e usufruir das partes comuns do Condomínio, desde que não impeçam idêntico uso e fruição por parte dos demais condôminos.

2.2 - É vedado, a qualquer título, ceder ou alugar as partes comuns do edifício, no todo ou em parte, a pessoa que não residir no mesmo, para grupos, agremiações ou entidades de qualquer natureza, com ou sem fins lucrativos.

(...)

2.6 - É proibido o uso de bicicletas, skates, patins e similares nas áreas comuns, salvo se existir local apropriado e previamente determinado por este Regimento ou pela administração.

2.7- É expressamente proibida a utilização da recepção como extensão de sala de jogos ou lazer, como também colocar os pés ou deitar sobre os sofás, realizar brincadeiras ou qualquer outro jogo que possa causar danos aos móveis e guarnições das mesmas, ficando seus transgressores sujeitos ao pagamento das multas previstas neste Regimento.

(...)

2.16- As portas corta-fogo deverão ser mantidas permanentemente fechadas.

(...)

4 - DOS DIREITOS E DEVERES DOS CONDÔMINOS

4.2- DOS DEVERES

Constituem deveres dos condôminos, seus inquilinos e respectivos familiares (entendidos como tais os que com eles coabitarem);

4.2.1- Cumprir e fazer cumprir a Convenção e o presente Regimento Interno e as normas de Procedimento editadas pela administração.

4.2.2- Contribuir para as despesas comuns do edifício na proporção constante na Convenção do Condomínio, efetuando o recolhimento nas ocasiões oportunas.

4.2.3- Guardar decoro e respeito no uso das coisas e partes comuns, não as usando nem permitindo que as usem, bem como as unidades autônomas, para fins diversos daqueles a que se destinam.

(www.jurisway.org.br)

Você deve ter notado que o texto está estruturado em itens e subitens (1; 1.1; 2; 2.1; etc.), conforme categorias de espaços, condutas, e natureza das normas. Isso permite a consulta a itens desejados e ordena as ações a serem respeitadas.

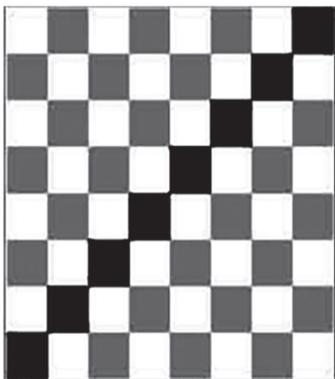
Pois bem, essas são formas e estruturas utilizadas nesse tipo de documento para expressar o que deve e o que não deve ser feito. A utilização dessas expressões garante que todos tenham clareza sobre os seus deveres e responsabilidades.

Como os Regulamentos dirigem-se a uma coletividade e servem como documento público, a utilização dessas formas têm um papel não de ordem direta, mas sim de guia de comportamento geral e coletivo.

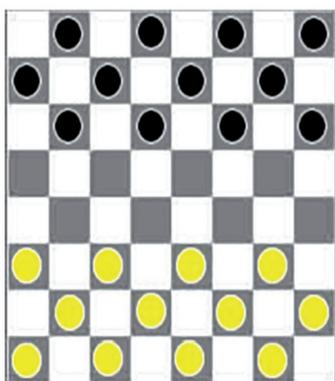
Regras de jogos

Outras formas são utilizadas nos textos que acompanham jogos de baralho, de tabuleiro, etc. Vejamos, por exemplo, um pequeno extrato de um texto com regras do jogo de damas.

Jogo de Damas: Regras Oficiais

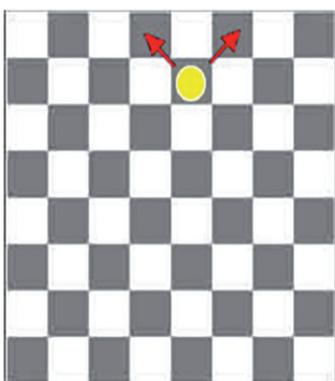


O jogo de damas é praticado em um tabuleiro de 64 casas, claras e escuras. A grande diagonal (escura) deve ficar sempre à esquerda de cada jogador. O objetivo do jogo é imobilizar ou capturar todas as peças do adversário.

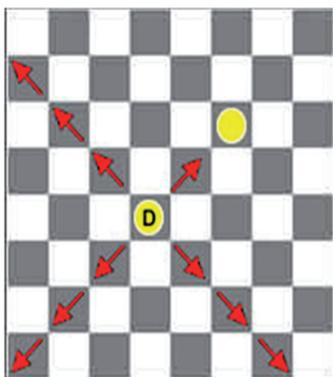


O jogo de damas é praticado entre dois parceiros, com 12 pedras brancas de um lado e 12 pedras pretas de outro lado.

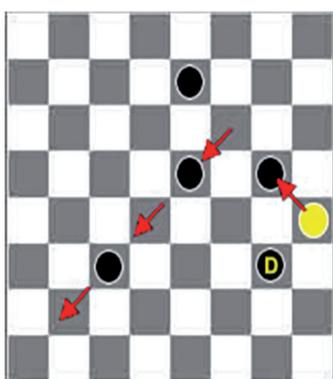
O lance inicial cabe sempre a quem estiver com as peças brancas. Também jogam-se damas em um tabuleiro de 100 casas, com 20 pedras para cada lado - Damas Internacional.



A pedra anda só para a frente, uma casa de cada vez. Quando a pedra atinge a oitava linha do tabuleiro, ela é promovida à dama.



A dama é uma peça de movimentos mais amplos. Ela anda para a frente e para trás, quantas casas quiser. A dama não pode saltar uma peça da mesma cor.



Se, no mesmo lance, se apresentar mais de um modo de capturar, é obrigatório executar o lance que capture o maior número de peças (Lei da Maioria)..

www.xadrezregional.com.br

Nesse tipo de texto, percebe-se que, além do uso de expressões que indicam os movimentos (é obrigatório executar, a dama não pode saltar, etc.), são apresentados elementos descritivos e de constituição do jogo (número de peças, objetivo do jogo, número de jogadores, características do tabuleiro, etc.).

Bulas de medicamentos

As bulas de medicamentos apresentam mais ou menos características similares aos textos de regras de jogos. Como o objetivo das bulas é fornecer informações sobre o medicamento aos usuários e orientar para uma administração segura, o texto contém desde a composição, até as indicações legais. A estrutura das bulas, em geral, contempla várias partes e, cada uma delas, dependendo da sua função, apresenta formas descritivas e prescritivas.

Escolha uma bula de um medicamento e apresente as partes que a compõem, identificando quais são de caráter prescritivo.

Atividade
5

Anote suas
respostas em
seu caderno



Para saber mais sobre a forma de constituição das bulas, você pode acessar os sites:

<http://bulario.net/>,
www.helpsaude.com/bulas,
www.anvisa.gov.br

Multimídia

Instruções de exercícios físicos

Os textos instrucionais de exercícios físicos, quer aqueles de relaxamento, de musculação, laborais, aeróbicos, ou até aqueles de ginástica olímpica, apresentam uma sequência de passos bem marcados que devem ser seguidos à risca para garantir o efeito desejado do exercício e não haver prejuízos para a saúde. Eles vêm geralmente acompanhados de ilustrações e imagens que auxiliam na identificação dos movimentos e facilitam a sua execução correta.

Por essa natureza instrucional, são utilizados marcadores temporais de sequência (primeiro, segundo, em seguida, após, etc.) e verbos no Modo Imperativo (dobre, gire, puxe, erga, etc.).

Esses textos são encontrados em revistas especializadas em saúde e beleza e também em vídeos.



Para você conferir exemplos do assunto que foi exposto nesta aula, sugerimos acessar os sites:

www.furg.br

www.minhavidacom.br

www.anvisa.gov.br

Para finalizar, devemos reconhecer a função e importância que os textos prescritivos têm em nossa vida enquanto seres humanos e como cidadãos.

Por meio dos textos prescritivos, podemos ter informações importantes para cuidar da nossa saúde, controlar a utilização de produtos na nossa alimentação, conhecer e estabelecer normas de convivência em sociedade, saber operar aparelhos e máquinas, executar ações de forma orientada e orientar a ação de outras pessoas, dentre outras possibilidades.



Produção Textual

Agora que já vimos que as manifestações prescritivas fazem parte da nossa vida e do nosso dia a dia e permitem a construção de espaços de respeito e cidadania, bem como orientam as nossas ações cotidianas, que tal aproveitarmos o tema da Campanha da Fraternidade 2012 - Saúde Pública - para realizar nossa produção de final de unidade?

A proposta de texto é que você elabore um pequeno guia com dicas e cuidados de alimentação, saúde, exercício e convivência que possam fazer com que sejamos mais saudáveis e tenhamos mais qualidade de vida.

O seu texto deve ter em torno de dez dicas, e deverá ser apresentado aos seus colegas sob a forma de folheto, panfleto, ou cartaz, como se você estivesse liderando uma campanha. Você escolhe!

Mas não se esqueça de colocar um título e de organizar as informações levando em conta os elementos linguísticos e estruturais estudados.

Bom trabalho!

Anote suas respostas em seu caderno



Veja ainda

1. Estude mais sobre textos prescritivos. Consulte os sites:
 - <http://www.brasilecola.com/redacao/textos-injuntivos-prescritivos.htm>
 - <http://www.mundoeducacao.com.br/redacao/texto-injuntivo-texto-prescritivo.htm>

2. Você sabia que as receitas culinárias são textos prescritivos? Busque alguns sites sobre o assunto!

- <http://tudogostoso.uol.com.br/>
- <http://www.clickgratis.com.br/receita/>



Atividade 1

1. Qual o objetivo de cada um dos textos e em que situações eles se encontram?

Texto 1: Orientar a preparação de um chá, indicando os passos.

Texto 2: Regular o trânsito, orientar os motoristas sobre os procedimentos e direções a serem adotados.

Texto 3: Ensinar como se pode ser feliz, indicar o que se deve levar em consideração, dar conselhos sobre como agir para ser feliz.

2. Que palavras e elementos são utilizados em cada um dos textos para dar conta dos objetivos propostos?

Texto 1: coloque, adicione, deixe, adoce.

Texto 2: as imagens das placas e o que elas significam: dê, pare, proibido, siga.

Texto 3: seja, estude, acredite, tenha, cuide, amplie, celebre

Associadas a essas palavras, as expressões modo de preparo, regulamentação e dicas.

3. Como os textos estão estruturados? Quais são as partes que os compõem?

São textos curtos, com frases curtas, estruturados em partes que apontam uma sequência específica de passos (Texto 1), ou de prioridade (Texto 3). No caso do Texto 2, há utilização de imagens que, para os motoristas, trazem significado, independente das palavras.

Atividade 2

- no café da manhã, quando temos à nossa frente produtos alimentícios, cujos rótulos indicam as condições de conservação, de validade, etc.
- na rua, quando nos dirigimos ao trabalho e vemos placas de NÃO PISE NA GRAMA
- ou outdoors de propagandas de cursos – ESTUDE INGLÊS NA ESCOLA
- em ônibus e restaurantes, quando vemos o aviso de NÃO FUME.
- na escola, quando vemos as regras de boa convivência expostas em cartazes nas salas de aula.
- na livraria, quando vemos livros de auto-ajuda, que nos dizem como viver melhor.

Atividade 3

Utilizando-se do quadro de referência, forme o modo imperativo dos verbos ter e seguir a partir da sua conjugação no Presente do Indicativo e do Presente do Subjuntivo.

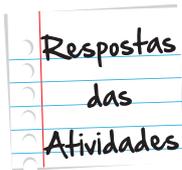
Verbo Ter

Pronomes pessoais (pessoas do discurso)	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Imperativo Negativo	Presente do Subjuntivo
Eu	tenho	-----	-----	tenha
Tu	tens	tem	não tenhas	tenhas
Ele/Ela/Você	tem	tenha	não tenha	tenha
Nós	temos	tenhamos	não tenhamos	tenhamos
Vós	tendes	tende	não tenhais	tenhais
Eles/Elas/Vocês	têm	tenham	não tenham	tenham

Verbo seguir

Pronomes pessoais (pessoas do discurso)	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Imperativo Negativo	Presente do Subjuntivo
Eu	sigo	-----	-----	siga
Tu	segues	segue	não sigas	sigas
Ele/Ela/Você	segue	siga	não siga	siga
Nós	seguimos	sigamos	não sigamos	sigamos
Vós	seguis	seguir	não sigais	sigais
Eles/Elas/Vocês	seguem	sigam	não sigam	sigam

Respostas
das
Atividades



Atividade 4

Reescreva as frases, transformando os verbos e expressões destacadas por verbos no Modo Imperativo

1. É proibido estacionar aqui.

Não estacione aqui.

2. Você deve trazer a tarefa amanhã sem falta

Traga a tarefa amanhã sem falta.

3. É necessário que tu evites o consumo excessivo de álcool.

Evita o consumo excessivo de álcool.

4. Após aberto, o produto deve ser mantido em geladeira por no máximo 30 dias.

Após aberto, mantenha o produto em geladeira por no máximo 30 dias.

5. A recomendação do professor é para seus alunos prestarem atenção às ordens dadas se eles quiserem ter sucesso nas tarefas.

Prestem atenção às ordens dadas para terem sucesso nas tarefas.

6. É vedada a utilização de produtos químicos nesta área de agricultura.

Não utilize produtos químicos nesta área de agricultura.

Atividade 5

As partes mínimas que devem estar presentes em uma bula:

- nome do produto;
- identificação do produto (forma farmacêutica e composição);
- informações ao paciente (condições de armazenamento, prazo de validade, contra-indicações, precauções e cuidados com o uso);
- informações técnicas (características, indicações, contra-indicações, precauções e advertências, interações medicamentosas, posologia, cuidado de uso, modo de usar, superdosagem);
- informações sobre o número de registro, farmacêutico responsável, número do lote, dados sobre o laboratório (nome, endereço, telefone, CNPJ).

Atividade 6

Esta questão é pessoal, porém preparamos um modelinho de panfleto para você se orientar melhor.

Respostas
das
Atividades

Muitas pessoas se entopem de remédios para tentar acabar com algum incômodo que insiste em não desaparecer. Mas, às vezes, elas precisam apenas fazer algumas mudanças simples em sua rotina para conseguirem melhorar seu dia a dia.

Para essas pessoas, seguem algumas dicas rápidas para viver bem. Estas dicas são ótimas para elevar a energia, aumentar o bom humor e levantar o astral.

1. Tome café da manhã.
2. Viva o lado positivo.
3. Invente coisas novas.
4. Beba pouco café.
5. Não minta.
6. Respire fundo.
7. Organize seu espaço.
8. Ouça música.
9. Faça atividades físicas.
10. Mantenha-se hidratado.



Referências

Imagens



• Acervo pessoal • Sami Souza



• <http://www.sxc.hu/photo/418215>



• <http://www.flickr.com/photos/cbnsp/3570818895/sizes/m/in/photostream/>



• <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/sinais-de-transito/sinais-de-transito.php>



• <http://www.flickr.com/photos/ateliervanessamaurer/2802891625/sizes/m/in/photostream/>



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ariano_Suas_suna.jpg Autor: Wilson Dias/ABr



• <http://www.sxc.hu/photo/1153877>



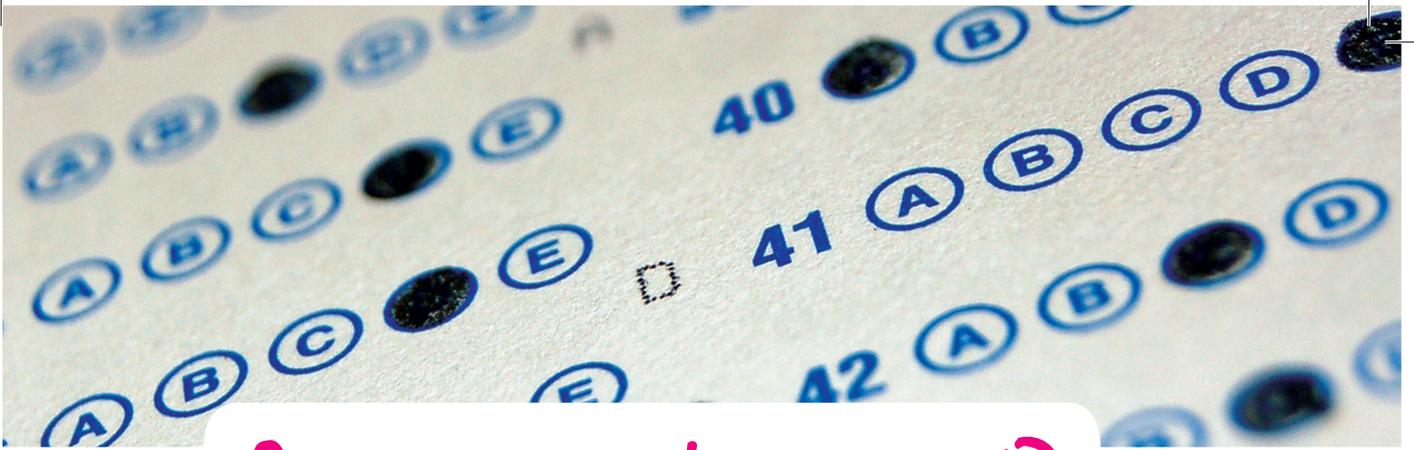
• <http://www.sxc.hu/photo/1023776>



• <http://www.cnbb.org.br>



• <http://www.sxc.hu/photo/984791>



O que perguntam por aí?

CEPERJ - 2008 - Concurso Prefeitura Angra dos Reis

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,

Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,

Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,

Que tais não encontro eu cá;

Em cismar –sozinho, à noite–

Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,

Sem que eu volte para lá;

Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias

Está flexionada no modo imperativo a forma verbal destacada no verso:

- a. "Não permita ..."; ()
- b. "...que eu morra"; ()
- c. "Sem que eu volte.."; ()
- d. " Sem que disfrute..."; ()
- e. "Sem qu'inda aviste.."; ()

Resposta: A letra A está no imperativo negativo, na 3ª pessoa do singular.



A Narração

Para início de conversa...

Você já deve ter reparado que o nosso dia a dia está cercado de momentos em que respondemos (e fazemos) perguntas como:

O que há de novo?

E daí, o que aconteceu na aula ontem?

Você não sabe o sonho que tive ontem. Foi assustador! Quer ouvir?

Sabe aquele gato que conheci na nossa festa na empresa outro dia? Encontrei com ele de novo e foi uma emoção só!

É isso mesmo! Gostamos de saber o que acontece com as pessoas que nos cercam e de contar o que acontece conosco. Ficamos empolgados, envolvemo-nos e até mesmo rimos ou choramos das histórias que nos contam. Fazemos questão de deixar registradas as nossas vivências e a nossa forma de viver em cada tempo.

Contar histórias é uma experiência constante na evolução de todos os povos. Verdadeiras ou inventadas, mesmo sendo pura ficção, eram, no início, contadas apenas oralmente, transmitidas de boca em boca pela comunidade; depois, escritas ou usando outras formas de expressão, as histórias são sempre uma tentativa de o homem entender o mundo, entender-se, expressar-se.

Assim, contar histórias, escritas ou faladas, é uma das formas que utilizamos para criarmos uma identidade entre as pessoas de nosso grupo, o que nos permite maior interação no meio em que vivemos. E mais, através dessas histórias, vamos reafirmando e construindo nossa cultura, transmitindo nossos vários conhecimentos de mundo através de gerações.

Esta unidade vai abordar, pois, essas manifestações e o tipo de texto que construímos para concretizar essas ações. Vamos trabalhar com a narração, com os textos narrativos, suas manifestações, seus elementos e estrutura.

Convidamos você a entrar e conhecer esse universo. Bom trabalho!



Figura 1. Leitura no bosque

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer o conceito de narração.
- Identificar os elementos e características de um texto narrativo.
- Reconhecer a estrutura do texto narrativo.
- Elaborar textos narrativos.

Seção 1

A narração

Mas afinal, o que é narrar?

Podemos dizer que o ser humano é, por natureza, histórico. Precisamos deixar registrada a história da existência humana: suas conquistas, suas descobertas, sua forma de viver o dia a dia, sua cultura. Fazemos questão de passar de geração a geração as nossas histórias.

E como fazemos isso?

Produzindo textos – orais e escritos – que vão retratar vivências, acontecimentos e formas de ver o mundo, construindo nossa cultura, conforme o tempo vai passando.

Esses textos constituem relatos, narrações, textos narrativos.



Para entender melhor o conceito de narração, leia os textos a seguir e responda às questões propostas.

Texto 1

Certo dia, um homem resolveu se inscrever em um concurso para locutor de rádio.

O diretor da rádio perguntou:

- O seu nome?

- Jo-jo-ão dda Ssssil-silva Ssantos.

Espantado, o diretor disse:

- Ora, meu senhor, como você espera participar de um concurso para locutor, se você é gago?

Prontamente, o homem respondeu;

- Não, eu não sou gago. Gago era meu pai e incompetente foi o escrivão que me registrou com esse nome!

(Circulando na Internet. <http://www.piadas.com.br/piadas/curtas> -adaptado)





Texto 2



As descobertas lusitanas. Por Márcio Cabral de Moura.

A descoberta do Brasil

Em 22 de abril de 1500, chegavam ao Brasil 13 caravelas portuguesas, lideradas por Pedro Álvares Cabral. À primeira vista, eles acreditavam tratar-se de um grande monte e chamaram-no de Monte Pascoal.

O descobrimento do Brasil ocorreu no período das grandes navegações quando Portugal e Espanha exploravam o oceano em busca de novas terras.(...) em 1492, Cristóvão Colombo, navegando pela Espanha, chegou à América(...) Diante do fato de ambos terem as mesmas ambições e com objetivo de evitar guerras pela posse das terras, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas, em 1494. De acordo com este acordo, Portugal ficou com as terras recém-descobertas que estavam a leste da linha imaginária (200 milhas a oeste das ilhas de Cabo Verde), enquanto a Espanha ficou com as terras a oeste desta linha.

(Adaptado de <http://www.suapesquisa.com/historia/descobrimetodobrasil/>)

Sobre os textos:

1. No primeiro texto, o que é contado? E como é contado? Qual o objetivo comunicativo desse texto?

2. E no segundo, que acontecimento é relatado? E como é feito o relato? O propósito comunicativo é o mesmo que o anterior? Qual a diferença?

Anote suas respostas em seu caderno



Conforme podemos perceber, embora os dois textos tenham objetivos comunicativos diferenciados na apresentação dos fatos, eles têm uma função em comum: tomar fatos e contá-los para dar a conhecer aos outros o que aconteceu.

O primeiro texto é uma piada e tem por propósito, pelo relato de uma situação engraçada, provocar no leitor o riso.

O segundo é um texto de natureza didática e tem a função de apresentar ao leitor, o relato de um acontecimento que marcou a nossa história.

Pelo que vimos até agora, narrar é relatar, contar fatos e episódios (reais ou fictícios) passados para dar a conhecer a alguém experiências e vivências. Narrar é contar uma história, curta ou longa.

E, quando narramos?

Narramos quando queremos que os outros saibam o que aconteceu conosco, quer para emocionar, provocar sentimentos de solidariedade, quer para divertir e mostrar os nossos (pre) conceitos e formas de encarar o mundo e as pessoas. Nossas conversas, confidências entre amigos, fofocas são exemplos desse tipo de exercício narrativo.

Narramos quando queremos, através de concepções coletivas e culturais, explicar o mundo e seu funcionamento e (re) criar realidades. Daqui surgem as lendas e as fábulas, as crônicas, contos, romances etc.

Narramos quando queremos dar a conhecer o que se passa no mundo e na sociedade e aí temos as notícias veiculadas em telejornais, jornais escritos etc.

Narramos quando queremos deixar registrados os acontecimentos e fatos da história da Humanidade. Aí temos os textos que fazem parte da disciplina História.

Narramos, quando queremos simplesmente divertir e animar. As piadas, as anedotas, as histórias em quadrinhos, os desenhos animados servem para essa função.

Como vimos até agora, o nosso dia a dia está marcado pela narração, em diferentes gêneros textuais. O ser humano precisa deixar registrado o seu tempo e a forma como vive. As histórias (relatos) passadas de geração a geração, oralmente, foram e são ainda em algumas comunidades a forma de preservar a cultura de um povo. Com o advento da escrita e das descobertas da imprensa, muitos desses relatos passaram a constituir um acervo para o conhecimento da história da humanidade.

Seção 2:

Características e elementos do texto narrativo

Que tal entendermos um pouco sobre como se estrutura uma narração, quais são seus elementos constitutivos e suas características?

Apresentamos um exemplo de texto narrativo e algumas questões como desafio para que possamos definir os elementos que caracterizam esse tipo de texto.



Figura 2. A princesa sobre os colchões.

A princesa e a ervilha

Hans Christian Andersen

Era uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa — mas tinha de ser uma princesa verdadeira. Por isso, foi viajar pelo mundo afora para encontrar uma. Viu muitas princesas, mas nunca tinha a certeza de serem genuínas. Havia sempre qualquer coisa que não parecia estar como devia ser. Por fim, regressava a casa, muito abatido.

Uma noite, houve uma terrível tempestade. No meio dela, alguém bateu à porta e o velho rei, pai do príncipe, foi abri-la.

Deparou-se com uma princesa. O estado em que ela estava era deplorável. A água escorria-lhe pelos cabelos e pela roupa, e saía pelas biqueiras e pela parte de trás dos sapatos.

No entanto, ela afirmava ser uma princesa de verdade.

A velha rainha não disse nada e foi ao quarto de hóspedes, onde a moça iria dormir, desmanchou a cama toda e pôs uma pequena ervilha no colchão. Depois empilhou mais vinte colchões e vinte cobertores por cima.

De manhã, perguntaram-lhe se tinha dormido bem.

A princesa respondeu que não havia pregado o olho a noite toda, pois tinha sentido algo na cama que a incomodou profundamente e que deixara manchas roxas em sua pele.

Então ficaram com a certeza de terem encontrado uma princesa verdadeira, pois ela tinha sentido a ervilha através de vinte cobertores e vinte colchões. Só uma princesa verdadeira podia ser tão sensível.

Então o príncipe casou com ela. E a ervilha foi para o museu.

Adaptado de: <http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/princesaervilha.html>



Hans Christian Andersen nasceu em Odense - Dinamarca, em 02 de abril de 1805 e faleceu em 04 de agosto de 1875. Ele foi um importante escritor de histórias infantis - os famosos contos de fadas. Era filho de sapateiro e teve uma infância muito pobre, mas apesar disso, sempre teve contato com histórias que lhe eram contadas e encenadas pelo seu pai. Apesar de todas as dificuldades por que passou na vida, tornou-se um escritor famoso e seus textos ultrapassam os séculos e ainda hoje encantam crianças e adultos. Entre os seus contos, destacam-se *O Patinho feio*, *A Caixinha de Surpresas*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Princesa e a Ervilha*, *A Pequena Sereia*, *A Vendedora de Fósforos*, *A Roupa Nova do Rei*, *Os Sapatinhos Vermelhos*, dentre outros.





A partir da leitura do texto, identifique e aponte o que é solicitado.

1. Qual é o título do texto?
2. Quem é o autor do texto? Você já ouviu falar dele?
3. O que está sendo contado? Que fato, acontecimento gera/desencadeia a história?
4. Quem são os personagens (sujeitos) envolvidos na história?
5. Quem conta a história? É possível identificar o narrador?
6. Em que tempo e lugar a história ocorre? Que elementos no texto mostram-nos isso?

Anote suas respostas em seu caderno

Você deve ter percebido que as questões já apresentam “pistas” sobre que *elementos* fazem parte da narração: o *fato*, gerador/desencadeador da história, personagens, narrador, enredo (a sequência de fatos e ações que formam a história em si), o *tempo* (a ordenação em que as ações são contadas e quando) e o lugar, isto é, o *espaço/ambiente*, onde ocorre a história.

No texto analisado, o autor Hans Christian Andersen, através de um *narrador* que não se identifica no texto, conta a história de um príncipe que procurava incessantemente por uma princesa para se casar.

Em dado momento, numa noite de tempestade, após ele ter retornado à casa, uma moça bate a sua porta. Este *fato* desencadeia a história. A rainha resolve se certificar da afirmação da moça de que era uma princesa e coloca uma ervilha em meio aos colchões e cobertores. E assim, a história vai se desenvolvendo, desenrolando-se, até que a moça acorda na manhã seguinte e afirma ter sentido algo que a incomodara em meio às cobertas. Este é o ponto máximo da história, o instante que cria certo clima de suspense no leitor, que vai querer saber o que acontece em seguida.

Dessa forma, através dos outros personagens, reconhece-se que ela era mesmo uma princesa. E a história termina com o casamento da moça, agora princesa, e o príncipe. É o *desfecho* da história.

A história acontece num *tempo* distante e num *lugar* onde havia reis, príncipes e princesas, próximo à natureza.

Assim, este texto é um exemplo típico de narrativa, com elementos característicos da narração: fato, persona-

gens, narrador, espaço/ambiente, tempo, enredo – dividido em apresentação, complicação (o fator problema), clímax e desfecho - e a constituem como tal.

Vamos sintetizar essas noções?

Fato gerador/desencadeador da história

A narração pressupõe sempre a existência de um fato gerador/desencadeador para uma sequência de ações que se estruturam, a partir de uma organização lógico-temporal.

Por fato gerador, entende-se aquele que, numa dada situação e tempo, merece destaque e, por isso, será narrado. Os fatos geradores podem ser *reais ou ficcionais*, imaginários, promovendo relatos referenciais/ informativos, no caso da narração de fatos reais, ou literários, se ficcionais.



Estes fatos geram uma sequência de outros fatos que, articulados entre si, formam o *enredo da história*.

Personagens

Uma narração envolve a presença de sujeitos que vivem as ações apresentadas. Esses *sujeitos* podem ser *reais* (aqueles que aparecem em relatos referenciais, como notícias de jornal) ou *criados pela imaginação de alguém*, *personagens* (como nos relatos literários, como o conto e a novela, as piadas, as fábulas etc.).

Os personagens são a razão de ser das narrativas, uma vez que os acontecimentos dizem respeito a eles. Qualquer ser, inclusive os imaginários, ou outro elemento pode se transformar em personagem.

Chamamos um personagem de *protagonista*, quando é o principal da narrativa; e de *secundário*, quando dá suporte aos eventos que giram em torno dos personagens principais. O *antagonista* é o personagem que se opõe ao principal.



Tempo e espaço da narrativa

Nas narrativas, a indicação do *tempo e o espaço* é imprescindível, mesmo que de forma implícita, percebida apenas na medida em que se lê ou ouve-se a história, pois estes elementos estão nas ações narradas que se transformam em relato.

A narrativa obrigatoriamente insere-se num tempo, uma vez que acontecimentos surgem numa sequência temporal, isto é, a sequência em que os fatos são narrados.

A duração de uma narrativa pode variar, conforme a espécie de gênero e outras características da história. Nos "causos", piadas e anedotas, os acontecimentos duram minutos, às vezes menos. São, portanto, narrativas menores. Em narrativas em que se focalizam uma ou várias gerações de uma pessoa ou grupo social, ou as etapas de um casamento, por exemplo, o tempo decorrido pode ser bem longo, dando origem a narrativas longas, como nos romances.

Narrador e foco narrativo

Um relato sempre envolve a presença de um autor, que não pode ser confundido com o narrador.



O autor é aquele que idealiza a história e manifesta, por meio do texto, intencionalidades e objetivos específicos (fazer rir, emocionar, polemizar, informar etc.).

O narrador é a figura que assume no texto o papel de ser o porta voz do autor, a "voz" que conta a história.

O narrador pode ser um personagem que vive a história ou assiste-a, ou alguém que se coloca como se estivesse do lado de fora da história e observa tudo o que acontece.

O narrador é o responsável pela história. Para nos apresentá-la, ele escolhe um *ângulo*, um ponto de vista de onde ele nos conta os fatos. Ele funciona como o diretor do filme, no cinema: só vemos o que eles (narrador, no texto, e diretor, no filme) nos permitem ver daquele lugar onde eles nos puseram, para tomar conhecimento da história.



Chamamos a essa escolha do ponto de vista do narrador de foco narrativo.

O papel que o narrador tem na narrativa está ligado a esse foco:

- a) ele pode contar a história como um personagem, participando e interferindo nas ações narradas. Daí, dizemos que o *foco narrativo é interno*, e o narrador é chamado de *narrador-personagem ou participante*;
- b) ou, ainda, como simples observador, tentando ver, objetivamente, sem interferência nas ações dos personagens e nos fatos. Nesse caso, dizemos que o *foco narrativo é externo*.

É claro que, conforme o foco narrativo, o ouvinte ou leitor vai perceber uma história bem diferente, não é? Note a diferença nos exemplos que analisamos adiante.

Se tivermos, na narrativa, um *narrador-personagem*, esta é construída na 1ª Pessoa (*eu/nós*). Veja o trecho a seguir:



“Já estava cansada de tanto esperar por uma solução para o problema do lixo na nossa comunidade. Resolvi, então, tomar uma atitude e ir procurar meu grupo de colegas da escola para, juntos, pensarmos uma campanha para conscientizar a sociedade da importância do cuidado com os resíduos domésticos.”

(texto especialmente elaborado para este material – os autores)



No exemplo anterior, percebemos que quem conta a história também é o personagem que resolve, depois de muito tempo, convivendo com um problema, agir e buscar alternativas de solução. Os elementos em 1ª pessoa, como “estava”, “resolvi” e o pronome “meu” indicam que o narrador é um personagem.

Se o narrador não faz parte da história como personagem, mas como alguém que apenas presencia e observa os acontecimentos, ou relata o que lhe contaram, a narrativa dá-se na 3ª. pessoa e o narrador é chamado de *observador*. Nesse caso, o narrador pretende ou quer dar a impressão de total objetividade e não tece comentários, apenas relata fatos do modo mais preciso possível. Além disso, não se misturam com as personagens. Essa narração “externa”, mais distante, raramente ocorre.

O narrador mais comum é o *narrador onisciente*, aquele que narra em 3ª pessoa, sem participar da história, e, como um deus, conhece tudo, vê tudo, está em todos os lugares e informa-nos até sobre o espírito dos personagens, seus pensamentos, suas intenções e sentimentos.



Veja alguns exemplos de trechos com narrador em 3ª pessoa.

- Com narrador observador:

“

“Era uma vez uma menina que se chamava Mariana. Ela morava numa cidade pequena e vivia dizendo que um dia iria embora. Quando a menina cresceu, ela foi estudar numa grande cidade e logo na sua chegada ficou encantada com o que viu: os prédios eram enormes, as ruas eram largas, o movimento dos carros era intenso e os cheiros dos restaurantes enchiam sua mente.”

(trecho especialmente elaborado pelos autores para este material)

”

- Com narrador onisciente:

“

“Todos os espaços da casa traziam a João lembranças da sua infância. Passavam por sua cabeça os momentos em que fora feliz ali: as brincadeiras de esconde-esconde com os irmãos, as fugas das brigas dos pais, o carinho da mãe que o pegava e fazia-lhe cócegas... Que saudade sentia daqueles tempos!”

(trecho especialmente elaborado pelos autores para este material)

”

Os dois trechos são escritos em 3ª pessoa (“chamava-se Mariana”, “ela morava”, “todos os espaços traziam”, “sua infância”) e demonstram que o narrador encontra-se do lado de fora aos acontecimentos. São narradores que contam a história de outras pessoas (personagens).

No primeiro caso, o narrador apenas conta o que conhece, ouviu ou viu sobre a menina, chamada Mariana. Ele assume apenas uma postura de observador.

Já no segundo, o narrador vai além do que é visto e manifesta os sentimentos mais escondidos do personagem. Ele parece saber o que o personagem está sentindo ao andar pela casa, onde passou a sua infância. Então, ele passa a ter uma postura de *onisciência*.



Ao escolher o ponto de vista, o narrador está privilegiando sua visão de mundo. E mais: ele não só conhece os mais íntimos pensamentos e reações de cada personagem, como também decide o perfil e a sorte de cada um deles. É a partir desse narrador que vamos definindo nossas opiniões a respeito dos personagens, torcendo por uns e abominando outros.

Seção 3

A estrutura do texto narrativo – a constituição do enredo

Os textos narrativos têm uma forma própria de organização e articulação entre as partes que os constituem e permitem a construção do enredo. Vamos explorar a estrutura da narrativa? Retome o texto *A Princesa e a Ervilha*, e responda à atividade seguinte.

Para apresentarmos as partes que estruturam uma narrativa, vamos solicitar sua ajuda, pode ser? Responda às questões e, em seguida, leia as explicações apresentadas.

1. Como se inicia o texto *A princesa e a ervilha*? Quais são os elementos apresentados?
Que expressão marca este início?
2. Evidencie o problema focalizado em torno do personagem principal.

Conforme você deve ter respondido, no início do texto há a apresentação de um dos personagens – o príncipe –, e do seu problema – *não encontrar uma princesa verdadeira para se casar*, identificado no trecho que vai de

A esta parte chamamos de **SITUAÇÃO INICIAL** e nela há a apresentação do ambiente, dos personagens, criando um pano de fundo onde ocorrerão as ações (como tudo estava, quem participa da história).

3. Qual o fato gerador da história e que leva a uma possibilidade de resolução do problema?

No texto, surge um fato diferente que cria expectativa no leitor e essa parte está compreendida entre “*Uma noite houve uma tempestade*” até “*foi abri-la.*”





O fato diferente que cria expectativa no leitor constitui uma segunda parte do texto, que chamamos de **FORÇA TRANSFORMADORA (complicação/problema)**, onde há a apresentação do(s) fato(s) gerador(es) da história. Considera-se como um problema em textos narrativos, qualquer acontecimento que desfaz uma ordem estabelecida.

4. Enumere os fatos desencadeados, a partir do fato gerador do problema.

Você percebeu que, apesar do seu estado, a moça afirma ser uma princesa. Mas, para se certificar disso, a rainha colocou uma ervilha entre todos os cobertores e colchões onde a princesa iria dormir, na expectativa de que ela pudesse de fato sentir a presença dela. A moça acordou, no dia seguinte, queixando-se de que não conseguira dormir, porque algo a incomodou a noite inteira, compreendido no trecho *"Deparou-se com uma princesa" até "manchas roxas em sua pele"*.

Temos aqui uma terceira parte do texto, denominada **Dinâmica de Ação (ações)**, onde é apresentado o desenvolvimento da sequência de ações da história, obedecendo a uma organização lógico-temporal (o que aconteceu primeiro e depois e depois...).

5. Aponte a solução dada ao problema do personagem.

O rei, a rainha e o príncipe descobrem, então, que ela era uma princesa verdadeira. No texto, esta parte refere-se ao trecho de *"Então ficaram com a certeza" até "sensível."*

A esta parte, chamamos de **FORÇA EQUILIBRANTE (equilíbrio)**, na qual há a apresentação de uma situação ou conjunto de ações que levam à resolução do problema apontado no início do texto (o que resolveu o problema apresentado)

6. E como termina a história?

Enfim, o príncipe casa-se com a princesa e surge uma linda história. Esta etapa corresponde à parte *"Então o príncipe (...) museu"*.

Aqui temos a última parte da narrativa, a que denominamos **SITUAÇÃO FINAL – desfecho**, mostrando como a história acabou e houve o desenlace do problema inicial.

Anotar suas respostas em seu caderno



Você percebeu com essa análise que um texto narrativo não se estrutura simplesmente em início, meio e fim. Na verdade, ele se estrutura em mais partes que nos permitem ter maior visibilidade da história e da sua organização no tempo e no espaço.

Assim, de acordo com a concepção aqui abordada, o texto narrativo padrão é composto por:

- 1º Situação Inicial
- 2º Força transformadora (complicação/problema)
- 3º Dinâmica de Ação (ações)
- 4º Força Equilibrante (equilíbrio)
- 5º Situação Final (desfecho)

Assim, nesta unidade, você percebeu que:

- a) contar histórias faz parte de nossa cultura há muito tempo.
- b) as narrativas sofreram mudanças ao longo do tempo, mas sempre exerceram fascínio nas pessoas, para fazer rir, ou chorar, ou apenas para trazer conhecimento. A curiosidade em saber o que aconteceu, com quem, como, onde e o porquê, sempre fez parte da natureza humana.
- c) contar histórias, então, permite-nos criar uma identidade com o outro e faz-nos sentir parte do grupo social em que vivemos.

Na próxima unidade, voltaremos a estudar as narrativas, abordando seus aspectos linguísticos. Até lá!



Produção Textual

Agora que você já compreendeu o que é narração e que você teve a oportunidade de ler e analisar os elementos que compõem os textos narrativos e sua estrutura, chegou a hora de colocar em prática sua capacidade de contar histórias.

Certamente, ao longo da sua vida, você vivenciou algumas situações marcantes. Situações em que você teve medo, alegria, emoção, incertezas, constrangimento etc. Lembre-se de um desses momentos e conte como ele aconteceu.

Seu texto deverá ter em torno de 30 linhas e contemplar os elementos estudados e a estrutura proposta.

Anote suas respostas em seu caderno

Apresentamos algumas questões que poderão nortear a sua escrita. Não se esqueça de fazer o plano do seu texto, antes de iniciar a produção.

Como esse momento constitui parte da sua história, não tenha medo de utilizar a forma que melhor lhe aprouver e dar o tom e colorido que você quiser. Você pode adotar uma postura mais objetiva, engraçada, dramática etc. Afinal, o texto é seu!

Orientações para produção de texto narrativo

- Que título terá seu texto?
- Qual será o foco narrativo? (1ª ou 3ª pessoa?)
- Quem participou da história (personagens)?
- Quando aconteceu?
- Onde aconteceu?
- O que aconteceu, qual foi o fato que desencadeou a história?
- O que aconteceu como consequência do fato (sequência das ações)?
- Como você iniciará o texto?
- Como tudo se resolveu?
- Como a sua história acabou?

Veja ainda

A TV Escola, canal do MEC com programas variados sobre educação, traz a série Salto para o Futuro – Cotidiano, Imagens e Narrativas, onde debate os cotidianos escolares sob três focos: as diferentes identidades, a educação ecológica e o uso de artefatos culturais na criação de tecnologias. Vale a pena você assistir a uma das séries.

http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=5598

Imagens



• Acervo pessoal • Sami Souza



• http://www.flickr.com/photos/ana_cotta/2088960357



• <http://www.flickr.com/photos/mcDEMOURA/4462708377>



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jesperhus,_dk,_20050820,_16_ubt.jpeg



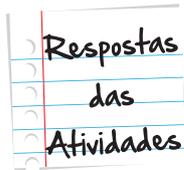
• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:HCAndersen.jpeg>



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>



• http://www.sxc.hu/985516_96035528



Atividade 1

1. O primeiro texto é uma piada e é contado o momento da entrevista de homem, filho de um gago, para locutor de rádio. O objetivo do texto é fazer o leitor/ouvinte rir e divertir-se.
2. O acontecimento contado é a Descoberta do Brasil. O relato é feito de uma forma mais objetiva, com o objetivo comunicativo de informar aos leitores sobre um acontecimento histórico. Neste texto, não se tem a pretensão de fazer rir, e sim de informar de forma objetiva o que aconteceu.

Atividade 2

1. A princesa e a ervilha
2. Hans Christian Andersen. (O restante da resposta é pessoal.)
3. Está sendo contada a história de um príncipe que por muito tempo procurou uma princesa verdadeira. O fato que desencadeia a história é o aparecimento de uma princesa na casa do príncipe, numa noite de tempestade.
4. O príncipe, a princesa, o rei e a rainha
5. A história é contada por um narrador desconhecido, que não faz parte dela.
6. A história passa-se num tempo distante onde existiam reis, rainhas, príncipes e princesas. Vemos isso pela própria forma como os personagens são nomeados.

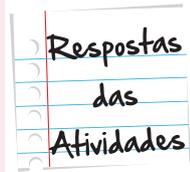
Atividade 3

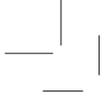
1. No início do texto, há a apresentação de um dos personagens – o príncipe –, e do seu problema – não encontrar uma princesa verdadeira para se casar, identificado no trecho que vai de “Era uma vez (...)” até “queria uma princesa verdadeira.”
2. O problema está centrado no fato de o príncipe não encontrar uma princesa verdadeira para se casar.

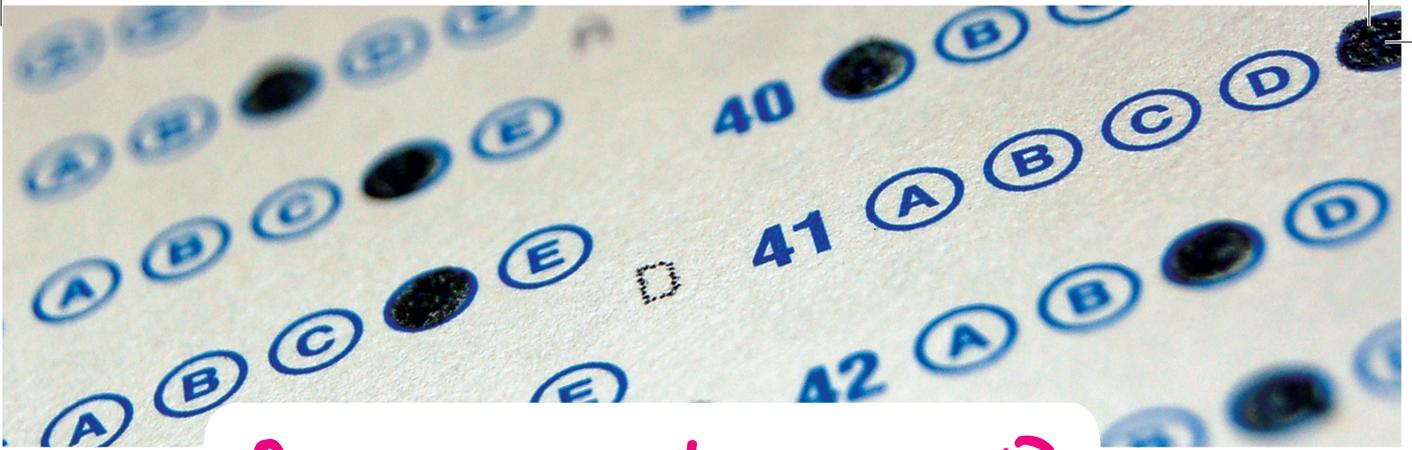
3. O fato foi a chegada de uma moça que se dizia ser uma princesa à casa do príncipe, numa noite de tempestade.
4. Apesar do seu estado, a moça afirma ser uma princesa e, para se certificar disso, a rainha colocou uma ervilha entre todos os cobertores e colchões onde a princesa iria dormir, na expectativa de que ela pudesse de fato sentir a presença dela. A moça acordou no dia seguinte, queixando-se de que não conseguira dormir, porque algo a incomodou a noite inteira.
5. O rei, a rainha e o príncipe descobrem, então, que ela era uma princesa verdadeira.
6. No final, o príncipe casa com a princesa e a ervilha vai para o museu.

Atividade 4

Resposta pessoal. Sugerimos que você discuta seu texto com o professor, para que ele possa avaliá-lo.







O que perguntam por aí?

FCC - 2011 - TRE-RN - Técnico Judiciário - Programação de Sistemas

Rio Grande do Norte: a esquina do continente

Os portugueses tentaram iniciar a colonização em 1535, mas os índios potiguares resistiram e os franceses invadiram. A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. O clima pouco favorável ao cultivo da cana levou a atividade econômica para a pecuária. O Estado tornou-se centro de criação de gado para abastecer os Estados vizinhos e começou a ganhar importância a extração do sal – hoje, o Rio Grande do Norte responde por 95% de todo o sal extraído no país. O petróleo é outra fonte de recursos: é o maior produtor nacional de petróleo em terra e o segundo no mar. Os 410 quilômetros de praias garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.

O litoral oriental compõe o Polo Costa das Dunas - com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo –, do qual faz parte a capital, Natal. O Polo Costa Branca, no oeste do Estado, é caracterizado pelo contraste: de um lado, a caatinga; do outro, o mar, com dunas, falésias e quilômetros de praias praticamente desertas. A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas; abriga sítios arqueológicos e até um vulcão extinto, o Pico do Cabugi, em Angicos. Mossoró é a segunda cidade mais importante. Além da rica história, é conhecida por suas águas termais, pelo artesanato reunido no mercado São João e pelas salinas.

Caicó, Currais Novos e Açari compõem o chamado Polo do Seridó, dominado pela caatinga e com sítios arqueológicos importantes, serras majestosas e cavernas misteriosas. Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam a imaginação do homem. O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano, cujo clima ameno e geografia formada por montanhas e grutas atraem os adeptos do ecoturismo.

Outro polo atraente é Agreste/Trairi, com sua sucessão de serras, rochas e lajedos nos 13 municípios que compõem a região. Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda toda a beleza do sertão potiguar – em breve, o

local vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. A vaquejada e o Arraiá do Lampião são as grandes atrações de Tangará, que oferece ainda um belíssimo panorama no Açude do Trairi.

(Nordeste. 30/10/2010, Encarte no jornal **O Estado de S. Paulo**).

O texto se estrutura notadamente

a) sob forma narrativa, de início, e descritiva, a seguir, visando a despertar interesse turístico para as atrações que o Estado oferece.

b) de forma instrucional, como orientação a eventuais viajantes que se disponham a conhecer a região, apresentando-lhes uma ordem preferencial de visitação.

c) com o objetivo de esclarecer alguns aspectos cronológicos do processo histórico de formação do Estado e de suas bases econômicas, desde a época da colonização.

d) como uma crônica baseada em aspectos históricos, em que se apresentam tópicos que salientam as formações geográficas do Estado.

e) de maneira dissertativa, em que se discutem as várias divisões regionais do Estado com a finalidade de comprovar qual delas se apresenta como a mais bela.

Resposta: Letra A

Comentário: O primeiro parágrafo traz um pouco sobre a história do Estado; em seguida, o autor descreve as belezas naturais do lugar, mostrando ao leitor que se trata de um lugar bastante aprazível para o turismo, como se pode constatar pelas expressões "atraem os adeptos do ecoturismo."; "voltado principalmente para o turismo religioso"; "oferece ainda um belíssimo panorama no Açude do Trairi. "

ENEM 2010

Questão 112

O dia em que o peixe saiu de graça

Uma operação do Ibama para combater a pesca ilegal na divisa entre os Estados do Pará, Maranhão e Tocantins incinerou 110 quilômetros de redes usadas por pescadores durante o período em que os peixes se reproduzem. Embora tenha um impacto temporário na atividade econômica da região, a medida visa preservá-la ao longo prazo, evitando o risco de extinção dos animais. Cerca de 15 toneladas de peixes foram apreendidas e doadas para instituições de caridade.

Época. 23 mar. 2009 (adaptado).

A notícia, do ponto de vista de seus elementos constitutivos,

- Ⓐ apresenta argumentos contrários à pesca ilegal.
- Ⓑ tem um título que resume o conteúdo do texto.
- Ⓒ informa sobre uma ação, a finalidade que a motivou e o resultado dessa ação.
- Ⓓ dirige-se aos órgãos governamentais dos estados envolvidos na referida operação do Ibama.
- Ⓔ introduz um fato com a finalidade de incentivar movimentos sociais em defesa do meio ambiente.

Resposta: Letra C

Comentário: Embora seja um texto narrativo, porque narra um fato, note que o objetivo do autor - um jornalista - foi o de informar o fato ao leitor, o que justifica a resposta C como correta.





A narração: os elementos linguísticos e tipos de discurso

Para início de conversa..

Na unidade anterior, estudamos a narração: seu conceito, os elementos que a constituem e sua forma de estruturação.

Vimos também que os textos narrativos estão presentes em nossa vida diária, por meio das piadas, das notícias, dos contos infantis, das fábulas, dos quadrinhos, das histórias que contamos e ouvimos na rua, dentre outras manifestações.

Além disso, deixamos evidenciado que narrar faz parte da vida do ser humano, que deixa, por meio de suas histórias, registradas a sua cultura e as suas formas de ver o mundo, passando, de geração em geração, as manifestações de uma época e de uma sociedade.

Nesta unidade, vamos avançar no estudo dessa forma de expressão cultural e descobrir como os elementos narrativos - tempo, ambiente, personagens, ações, enredo - organizam-se e associam-se por meio da linguagem.

Para isso, vamos explorar duas outras manifestações culturais: a lenda e as piadas. Bom estudo e divirta-se!

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer os principais elementos e mecanismos linguísticos que constituem a narração: verbos, advérbios e expressões adverbiais, indicadores de tempo, sinais de pontuação.
- Aplicar os elementos e os mecanismos linguísticos de forma adequada em exercícios e na produção de textos.

Seção 1

Os elementos linguísticos e o texto narrativo

Para definirmos o que entendemos por elementos linguísticos e qual sua função, vamos nos colocar numa situação concreta e que faz parte da nossa vida.

Começamos a escrever um texto e de repente nos deparamos com questões, tais como:

Que palavras é melhor eu usar? Que termos eu posso usar para não ficar repetindo sempre as mesmas palavras? É melhor eu usar ponto ou vírgula nessa parte? Que expressões eu posso usar para unir uma frase à outra e um parágrafo ao outro para dar sequência ao texto?



Figura 1: Escrevendo...

Pois bem, questões como estas remetem exatamente ao que chamamos de elementos linguísticos e à noção de que palavras, frases, sinais de pontuação etc., precisam ser utilizados adequadamente e conectados entre si para que o texto que construímos tenha sentido e seja coerente.

Para entendermos isso melhor ainda, podemos fazer uma comparação com uma construção de um prédio. Este só vai existir a partir do momento em que tivermos um projeto e materiais à disposição (tijolo, madeira, ferro etc.), e que se unem para dar forma ao que foi projetado. Para estabelecermos a ligação, a fusão destes materiais entre

si, precisamos de elementos que os juntem, unam de forma sólida e adequada. Nesse caso, o cimento é um desses elementos de ligação.

No caso dos textos, ocorre o mesmo processo. Para se ter um texto, é necessário um projeto e matéria-prima para sua construção – as palavras, as frases, os sinais de linguagem, a pontuação, que se juntam, unem, articulam para dar forma aos textos.

Isso acontece com todos os tipos de texto e com o texto narrativo não poderia ser diferente. Contudo, cada tipo de texto tem suas especificidades, quanto ao uso e junção dos seus elementos linguísticos.

E é sobre as especificidades do texto narrativo que iremos tratar nesta unidade.

Para iniciarmos o nosso trabalho de exploração desses elementos específicos do texto narrativo, propomos a leitura do texto A Vitória Régia, que é uma lenda indígena que explica o surgimento da vitória régia, uma planta natural da Amazônia.



As lendas são narrativas de natureza fantasiosa e fictícia, transmitidas pela tradição oral aos povos ao longo do tempo. As lendas contam histórias pela combinação da realidade e da imaginação. Podemos dizer que elas têm sua origem nos mitos e apresentam explicações para fenômenos e acontecimentos misteriosos e sobrenaturais para os quais não se tem explicações científicas comprovadas. As lendas integram o folclore de um povo e acabam tendo fortes componentes regionais. No Brasil, algumas das lendas e mitos folclóricos mais conhecidos são a do Saci-Pererê, do Boitatá, da Mula-sem-cabeça.

Saiba Mais



Figura 2: Uma flor da vitória-régia



A Vitória-Régia	
01	Corre entre o povo da Amazônia uma história muito contada pelos
02	pajés tupis-guaranis.
03	Eles diziam que, no início dos tempos, a Lua escondia-se no hori-
04	zonte para viver com suas virgens prediletas. Contavam também que, se
05	a Lua gostasse de uma jovem, imediatamente a transformava em uma es-
06	trela do Céu.
07	A filha de um chefe e princesa da tribo, chamada Naiá, sempre fi-
08	cava muito impressionada com a história que era contada. Durante mui-
09	to tempo, todas as noites, quando todos dormiam e a Lua andava pelo
10	céu, ela, subia as colinas e perseguia a Lua na esperança que esta a visse e
11	transformasse-a em estrela. Porém, a Lua parecia não notá-la e Naiá chora-
12	va e seus soluços de tristeza podiam ser ouvidos ao longe.
13	Certa noite, a índia viu, nas águas límpidas de um lago, a figura da
14	Lua. A pobre moça, imaginando que a Lua havia chegado para buscá-la,
15	atirou-se nas águas profundas do lago e nunca mais foi vista.
16	A Lua quis recompensar o sacrifício da bela jovem e resolveu trans-
17	formá-la em uma estrela diferente. Transformou-a então numa "Estrela das
18	Águas", que é conhecida como a planta Vitória Régia, que tem flores per-
19	fumadas e brancas que só se abrem à noite.
	Texto adaptado http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=188

1. A expressão "ela" (linha 10) aponta para que personagem da história?
2. O termo "eles" (linha 03) refere-se a que outro personagem da história?
3. Associe os personagens com as ações por eles realizadas.
 - a. pajés tupis-guaranis
 - b. Lua
 - c. Naiá

() ficava

() diziam

- () andava
- () se escondia
- () a transformava
- () contavam
- () subia
- () perseguia
- () chorava

4. a. Retire do texto as expressões presentes no 3º parágrafo que situam no tempo as ações dos personagens:

a.1: *"ficava muito impressionada"*.

a.2: *"ela subia as colinas e perseguia a Lua na esperança de que esta a visse e a transformasse em estrela"*.

b. As expressões que você retirou do texto indicam que as ações dos personagens se repetiram várias vezes ao longo do tempo ou aconteceram uma única vez num determinado dia?

5. No 4º e 5º parágrafos, são utilizados os verbos *viu*, *atirou*, *foi (vista)*, *quis*, *resolveu*, *transformou*.

- a. Que tempo eles indicam: presente, passado ou futuro?
- b. Com que expressões de tempo eles estão associados?
- c. Os verbos mencionados e as expressões de tempo utilizadas indicam que as ações dos personagens repetiram-se várias vezes ou aconteceram uma única vez?

Anote suas
respostas em
seu caderno



Pelo que foi solicitado nas questões, você deve ter percebido que existem palavras e expressões que predominam no texto narrativo.

Vamos, nas próximas seções, apresentar cada um desses elementos e sua associação com os elementos da narração.

Seção 2

Os substantivos e pronomes

Conhecemos os personagens numa narração a partir da forma como os nomeamos e como os retomamos no texto. Fazemos isso, utilizando o que, na gramática, chamamos de substantivos e pronomes. Na lenda sobre a vitória régia, na atividade anterior, aparecem palavras, como: Naiá, moça, pajés, Lua que são consideradas substantivos e têm a função de nomear os personagens do texto.

Quando precisamos retomar ou referir-nos a eles, sem termos de usar os seus nomes, podemos utilizar os pronomes. O pronome *ela* (linha 10), por exemplo, retoma a personagem *Naiá*; o pronome *eles* (linha 03) retoma os *pajés tupi-guaranis*.

Definindo esses elementos, temos, então que:



- Substantivos são palavras que nomeiam os seres. Estes seres podem ser pessoas, personagens, objetos, lugares, sentimentos, etc.
- Pronomes são palavras que retomam ou referem-se a outros termos já mencionados no texto.

Os pronomes referem-se sempre às pessoas do discurso, ou seja,

- quem fala (eu, nós);
- para quem se fala (tu, vós);
- e de quem ou do que se fala (ele, eles, ela, elas).

Estes são os chamados pronomes pessoais retos: Eu, tu, ele, nós, vós, eles.



Aos pronomes pessoais, associam-se outras formas de pronomes, como os pronomes possessivos que indicam posse. Por exemplo, quando dizemos: “Este é **meu** caderno”, a palavra **meu** é um pronome que indica de quem é a posse desse material.

E quando dizemos: “Fazia muito tempo que não via a Carla. Outro dia a encontrei, sem querer, no shopping”, o termo destacado – **a** – é um pronome e indica que eu encontrei alguém e este alguém foi a Carla.

No quadro a seguir, apresentamos essas formas.

Eu	Meu(s), minha(s), me, mim, comigo
Tu	Teu(s), tua(s), te, ti, contigo
Ele/ela	Seu(s), sua(s), dele, dela, se, consigo
Nós	Nosso(s), nossa(s), nos, conosco
Vós	Vosso(s), vossa(s), vos, convosco
Eles/Elas	Seu(s), sua(s), deles, delas, se, consigo

Além dos pronomes pessoais, existem também outros tipos de pronomes:

- os pronomes demonstrativos – este(s), esta(s), aquele(s), aquela(s), isso, isto
- os pronomes de tratamento - Vossa Senhoria, Senhor, Vossa Excelência
- os pronomes relativos – que, qual, quais, cujo(s), cuj(a), onde etc.
- os pronomes interrogativos – quem? Onde? Qual? Quando? etc.
- os pronomes indefinidos: tudo, nada, ninguém, todos, alguém, etc.

Se você estiver interessado em se aprofundar no assunto, consulte uma Gramática ou um site, como <http://www.brasilecola.com/gramatica/>





No trecho da lenda urbana **O homem do saco**, retire os pronomes pessoais e indique a qual outro(s) termo(s) do texto eles se referem.

"Esta é uma lenda surgida entre os mendigos que vagam em todas as cidades. As mães contam-na para assustar os seus filhos malcriados que saem para brincar sozinhos na rua. De acordo com ela, um velho malvestido e com um enorme saco de pano nas costas anda pela cidade, levando embora as crianças que fazem "arte". Há ainda versões mais detalhadas em que o velho (mendigo ou cigano) leva as crianças para sua casa e lá faz sabonetes e botões com elas."

(<http://blog.maisestudo.com.br> - texto adaptado)

Por exemplo: veja que, na frase: "As mães contam-na..." aparece o pronome "a", que se refere ao substantivo "lenda". Assim:

(n)a (contam) – o "a" refere-se à lenda.

Agora é a sua vez. Busque os outros pronomes conforme o exemplo.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Para finalizar esta seção, é importante ressaltar que o uso dos substantivos e dos pronomes é de fundamental importância no texto narrativo, na medida em que, por meio deles, sabemos quem são os personagens e como eles podem ser retomados ou mencionados no texto.

Seção 3

Os verbos e os tempos verbais

Agora que já vimos que podemos identificar os personagens num texto, por meio do uso dos substantivos e dos pronomes, vamos explorar como as ações que constituem o enredo de um texto efetivam-se.

Estas ações são conhecidas pelo leitor a partir do uso dos *verbos* e num tempo específico: o passado.

Mas o que são verbos afinal?

Os verbos são palavras que indicam:

- - ações feitas ou sofridas por alguém (correr, passear etc.) Ex.: Ele corre muito.
- - fenômenos da natureza (chover, nevar, ventar etc.) Ex.: Choveu ontem.
- - estados (ser, estar). Ex.: Ela está feliz.
- - mudanças de estado (ficar, tornar-se). Ex.: Ele *ficou* chateado.



Os verbos são termos essenciais nos enunciados. E no caso do texto narrativo, especialmente os verbos de ação, são fundamentais para o estabelecimento da progressão da história e constituição do enredo.

E como saber em que tempo essas ações, fenômenos e estados aconteceram ou acontecerão?

É fácil! É só olhar o verbo e ver o tempo que a palavra mostra. Por exemplo, na frase: “Ela *foi* ao lago” – A forma do verbo mostra que o tempo verbal é passado (pretérito). Se fosse: “Ela *irá* ao lago” – A forma do verbo mostraria que é futuro.

Veja agora como, no texto A Vitória Régia, o verbo transformar indica uma ação e assume diversas formas: “transformava” (linha 04), “transformá-la” (linha 14) e “transformou” (linha 14). As modificações no verbo servem para mostrar o tempo em que a ação de “transformar” aconteceu.

Para saber mais e ampliar o estudo sobre verbos e os tempos do pretérito, sugerimos que você consulte alguns sites sobre o assunto:

1. <https://www.algosobre.com.br/gramatica/verbo-preterito.html>
2. <http://www.infoescola.com/portugues/modo-indicativo/>
3. <http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/1581621>



Nesta unidade, vamos explorar os verbos no pretérito, no pretérito, isto é, que estão no tempo passado, pois eles são a grande marca do texto narrativo. Isso não significa que os outros tempos e formas verbais não estejam presentes no texto narrativo. Contudo é nos pretéritos que está a ênfase deste tipo de texto, já que só se conta aquilo que já aconteceu, não é? Mesmo quando inventamos uma história, ela já aconteceu em nossa imaginação. Daí, nas

narrativas, predominarem os verbos no pretérito.

Você lembra que existem diversos pretéritos: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito)? Por que será?

Bom, primeiro isso se justifica porque nem tudo aconteceu no passado num mesmo tempo. Veja os exemplos:

1. Certa noite, a índia viu, nas águas límpidas de um lago, a figura da Lua.

Aqui, a ação de ver ocorreu num determinado momento bem determinado do passado.



Quando apontamos ações, fenômenos e estados acontecidos em um determinado momento no passado e que só se realizaram de uma determinada forma uma única vez, temos o que chamamos de pretérito perfeito.

2. Os pajés tupis-guaranis diziam que, no início dos tempos, a Lua escondia-se no horizonte.

Aqui, o narrador conta algo que acontecia no passado rotineiramente sem determinar um momento exato em que ocorreu.



Quando queremos marcar ações que se repetiam ou eram rotina no passado, usamos o pretérito imperfeito.

3. A pobre moça, imaginando que a Lua havia chegado (chegara) para buscá-la, atirou-se nas águas profundas do lago.

Neste trecho, tem-se como sequência dos fatos no tempo: 1º) a imaginação da índia, quanto à chegada da Lua, e 2º) a ação de ela atirar-se no lago. Ou seja, ela se atirou no lago porque acreditou que a Lua havia chegado para buscá-la.



Se quisermos marcar que uma ação no passado ocorreu antes de outra também no passado, temos o pretérito mais-que-perfeito.

O uso adequado dos pretéritos no texto narrativo é fundamental, pois é por meio deles que sabemos:

- como era o ambiente onde a história aconteceu;
- como era a rotina e o estado dos personagens;
- o que aconteceu e em que sequência.

No primeiro caso, para a *contextualização da história* – caracterização do tempo, do espaço, do estado e rotinas dos personagens, o *pretérito imperfeito* é o tempo verbal apropriado. O pretérito imperfeito está presente nas descrições que funcionam como o pano de fundo para o que está sendo contado. O trecho “*Eles diziam que, no início dos tempos, a Lua escondia-se no horizonte para viver com suas virgens prediletas.*” exemplifica isso.

Já, para conhecermos a *sequência das ações na narrativa*, o *pretérito perfeito* e o *mais-que-perfeito* são essenciais porque eles determinam a ordem que essas ações aconteceram no passado.

O pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito marcam a progressão da história – ou seja, constituem o próprio exercício narrativo. Vemos isso no trecho:

Certa noite, a índia viu (...) a figura da Lua. A pobre moça, imaginando que a Lua *havia chegado* para buscá-la, *atirou-se* nas águas profundas do lago.

Preencha as lacunas das fábulas a seguir com os verbos entre parênteses no pretérito (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) adequadamente. Observe a utilização dos pretéritos para estabelecer a contextualização e sequência das ações da história e a concordância verbal adequada.

O cão e a ovelha

Um cão-se (por) a discutir com uma ovelha, dizendo que lhe(haver) emprestado um belo osso para evitar que morresse de fome. A ovelha (responder) que nunca lhe (pedir) emprestada coisa alguma, e ainda menos ossos, pois nem seus dentes nem seu estômago..... (aceitar) este tipo de alimento, pois (ser) herbívora e não carnívora.

Mas, pobre dela! O cão (achar) como testemunha um lobo, um urubu e um gavião. Os três se(associar) ao cão e(jurar) ter visto a ovelha receber o osso do cão e(afirmar) que a (ver) roê-lo faminta. Com esse testemunho, ela, então,(ser) condenada.





MORAL: Por mais razão que tenhas, fuja de brigas; contra o pobre, o rico e o poderoso nunca falta apoio de testemunhas corruptas capazes de tudo.

<http://www.fabulasecontos.com.br/> Texto adaptado

Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 4

As expressões temporais (advérbios e expressões adverbiais)

Vamos avançar, agora, nas formas de articulação dos fatos numa história.

Para podermos marcar a articulação entre as partes de uma história e constituir o enredo e a sequenciação das ações no texto, é necessário que utilizemos palavras e expressões que indiquem as circunstâncias em que ocorreram as ações. A essas palavras e expressões chamamos de ADVÉRBIOS e EXPRESSÕES ADVERBIAIS. Elas podem atribuir noções de tempo, de modo, de lugar, intensidade às ações e fatos que estamos contando. Veja, por exemplo:

- Advérbios de Tempo: cedo, tarde, no início da manhã, no final, sempre, nunca etc.
- Advérbios de Modo: Calmamente, nervosamente, ansiosamente, rapidamente etc.
- Advérbios de Lugar: ao longe, perto, em cima, no horizonte, lá, aqui etc.
- Advérbios de Intensidade: muito, pouco, demais, bastante

Para exemplificar melhor, vamos retomar o texto *A Vitória Régia* e as respostas que você deu às questões. Você viu que, no segundo e terceiro parágrafos do texto, foram usados predominantemente verbos no pretérito imperfeito – *diziam, contavam, escondia, dormiam, subia* – e associados a eles havia expressões como: *no início dos tempos do mundo, sempre, quando todos dormiam, todas as noites, durante muito tempo*.

Pois bem! Estas expressões indicam uma duração de tempo mais longa e que abrange períodos de tempo maiores.

Quando, no entanto, iniciamos o relato dos fatos propriamente dito com a utilização dos verbos no pretérito perfeito – *viu, quis, resolveu, transformou* – as expressões que se associam para dar conta disso são aquelas que indicam tempos mais exatos, pontuais e que indicam uma duração menor no tempo – *certa noite, então*.

Todas essas palavras e expressões são advérbios e expressões adverbiais. Veja outros (as) no texto: *no horizonte, ao longe, sempre, no início dos tempos, quando todos dormiam...*

Para aplicar as noções até aqui construídas sobre os verbos e as expressões adverbiais, a seguir você encontra uma versão popular da lenda O Negrinho do Pastoreio, cujas partes foram tiradas da ordem original.

Cabe a você, depois de ler cada uma das partes, reconstituir a ordem do texto de forma correta, numerando-as de 1 a 7. Observe as palavras que estabelecem a conexão entre cada uma das partes e a sequenciação do texto e sublinhe aquelas que você julga terem essa função.

- () Num dia de inverno, fazia muito frio e o fazendeiro mandou que um menino negro de quatorze anos fosse pastorear cavalos e potros recém-comprados.
- () Na volta à estância, o patrão, ainda mais irritado, espancou o garoto e amarrou-o, nu, sobre um formigueiro.

O *Negrinho do Pastoreio* é uma lenda com origem africana e cristã. Ela foi muito contada no final do século passado pelos brasileiros que defendiam o fim da escravidão. É muito popular no sul do Brasil. Sua origem data do final do século XIX e nasceu no Rio Grande do Sul.



Saiba Mais





- () Ao lado dele, a Virgem Nossa Senhora e, mais adiante, o baio e os outros cavalos. O estancieiro jogou-se no chão pedindo perdão, mas o negrinho nada respondeu. Apenas beijou a mão da Santa, montou no baio e partiu, conduzindo a tropilha.
- () No dia seguinte, quando ele foi ver o estado de sua vítima, ficou extremamente assustado. O menino estava lá de pé, com a pele sem nenhuma marca das chicotadas.
- () No final do tarde, quando o menino voltou, o estancieiro disse que faltava um cavalo baio. Pegou o chicote e deu uma surra tão grande no menino que ele ficou sangrando. Forçou, então, o menino a resgatar o cavalo. Muito preocupado, ele foi à procura do animal.
- () Nos tempos da escravidão, havia um estancieiro malvado que gostava de maltratar os negros e os peões que viviam na fazenda.
- () Em pouco tempo, achou-o pastando. Laçou-o, mas a corda partiu-se e o cavalo fugiu de novo.

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 5

Os Discursos na Narração

Você lembra que, na unidade anterior, mencionamos que o narrador escolhe a forma como quer fazer chegar a história ao leitor-ouvinte? Pois bem, ele faz isso pela utilização dos discursos, ou seja, pela forma como apresenta as falas e pensamentos das personagens.

Vamos ler uma adaptação de uma piada bem conhecida e ver como isso acontece.

Bancando os espertos

Num determinado dia, dois meninos foram ao campo e, por um valor irrisório, compraram um porco de um velho camponês. O homem combinou entregar-lhes o animal no dia seguinte. Mas, quando eles voltaram para levar o porco, o camponês lhes disse:

— Eu lamento muito, mas tenho uma má notícia. O porco já era. Ele morreu ontem.

— Então, por favor, devolva-nos o dinheiro!

— Não posso, já gastei todo o dinheiro.

— Não importa, de qualquer forma, queremos o porco.

— E para que o querem? O que vão fazer com ele?

— Nós vamos fazer uma rifa com ele.

— Estão loucos? Como vão rifar um porco morto?

— É evidente que não vamos dizer a ninguém que ele está morto.

Algum tempo passou-se e o camponês encontrou-se novamente com os garotos e perguntou-lhes:

— E então, o que aconteceu com o porco?

— Como já lhe dissemos, rifamos o porco. Vendemos muitos números a 5 reais cada e arrecadamos o triplo do dinheiro que pagamos ao senhor.

— E ninguém se queixou?

— Só o ganhador, porém lhe devolvemos os 5 reais e tudo foi resolvido.

(Texto elaborado especialmente para este material)





As piadas são textos narrativos curtos que contam fatos e acontecimentos engraçados, envolvendo situações de mal-entendidos, de não entendimento de certos raciocínios e lógicas, de percepções ingênuas sobre a realidade; enfim, situações que envolvem a natureza humana e as peculiaridades dos diversos tipos humanos. Nesse sentido, há piadas para todos os gostos e envolvendo os mais diversos grupos humanos: de loiras, de escola, do Joãozinho, de sogras, de portugueses etc. As piadas têm o objetivo de divertir e fazer rir.

Na mesma direção, encontram-se as anedotas, com a diferença de que estas últimas normalmente são mais extensas e trazem algum ensinamento.

Para conhecer mais sobre a diversidade de piadas que existem, consulte os sites:

www.piadas.com.br

www.piadasnet.com

www.piadasdodia.com.br

piadasantigasenovas.blogspot.com



Responda às questões:

1. Que história é contada na piada?
2. Como ficamos sabendo o que aconteceu com o porco? Pela voz do narrador ou do próprio personagem?



No texto analisado, temos uma história de dois meninos que, após serem enganados por um velho camponês, elaboram um plano para tirar vantagem da situação. A história passa-se no campo (ambiente, lugar). O narrador não participa da história, mas contextualiza as ações dos personagens, que, por meio das suas falas, acabam levando o leitor a saber o que aconteceu com eles.

A utilização do discurso a que chamamos de **direto**, onde aparecem as falas das personagens, é uma forma de contar histórias que é muito frequente em piadas, anedotas, crônicas, testemunhos e depoimentos.

Mas existem outros **tipos de discurso** e que são utilizados de acordo com a adequação à situação e objetivos que se tem.

Eles podem ser de três tipos: direto, indireto e indireto livre.

- a. **discurso direto:** é aquele em que o narrador passa a palavra aos personagens. Assim, o próprio personagem, diante de leitores ou ouvintes, apresenta-se, com sua linguagem, suas emoções, sua personalidade. Foi o que vimos na piada *Bancando os espertos*, onde, conforme já dito, os personagens – os meninos – pela sua voz associada ao do narrador, contam o que aconteceu e como saíram ganhando da situação.

Neste tipo de discurso, aparecem os famosos verbos “dicendi”, que introduzem ou seguem a fala dos personagens. São alguns deles: dizer, perguntar, reclamar, afirmar, declarar etc.

- b. **discurso indireto:** é aquele em que o narrador como que traduz a fala ou o pensamento do personagem. A preocupação do narrador não é apresentar como o personagem disse as coisas, mas apenas o que foi dito. Nesse caso, o vocabulário próprio do personagem, suas emoções ficam de fora.

Como exemplo, temos “*Os meninos contaram que tinham feito a rifa e que conseguiram lucrar com ela.*” Nesse caso, o narrador toma as palavras dos meninos e reproduz-as de forma direta e objetiva.

- c. **discurso indireto livre:** é aquele em que se mistura o discurso do narrador e a fala ou pensamento do personagem. Por isso, encontramos nesse discurso algumas características das personagens, seu vocabulário e emoções.

Para exemplificar, vamos tomar o seguinte trecho:

Eduardo saiu de casa sem saber como deveria agir. Estava extremamente ansioso pelo encontro com sua ex-namorada. **Meu Deus! Quanto tempo se passou! Será que ela vai ainda me achar atraente?** Enquanto caminhava, ia lembrando o quanto fora feliz com aquela mulher...

Neste exemplo, percebe-se, nas frases em destaque, a presença do discurso do personagem, que manifesta sua emoção e ansiedade com o encontro com sua ex-namorada. Esses sentimentos não são contados pelo narrador e sim, pelo próprio personagem. Vemos isso no uso da expressão *Meu Deus* e pela pergunta que Eduardo faz a si mesmo.

Seção 6

A pontuação nos discursos das narrativas

A estruturação desses discursos, os sinais de pontuação são essenciais. Vamos aprender como utilizá-los?

No caso do discurso direto, onde aparecem as falas dos personagens, o uso dos travessões, dos dois pontos, das interrogações e exclamações são fundamentais e têm uma função de articulação e construção de sequência e de sentido. Nesse sentido, deixam de ser vistos apenas como sinais formais de transcrição da fala.

O travessão (-)

Tem a função de indicar a fala do personagem ou a mudança de interlocutor no diálogo. Por exemplo:

“Algum tempo passou-se e o camponês encontrou-se novamente com os garotos e perguntou-lhes:

– E então, o que aconteceu com o porco?”

Além disso, pode servir para colocar em evidência palavras, expressões e frases. Um exemplo disso pode ser visto em “O acidente – e que acidente! – deixou muitos mortos e vários feridos.”

Os dois pontos (:)

São usados para anunciar:

1. a fala dos personagens numa narrativa.

Exemplo:

“... o camponês disse-lhes:

- Lamento muito, mas tenho uma má notícia: o porco já era. Ele morreu ontem.”

2. uma enumeração.

Exemplo:

"Foi ao supermercado e comprou os seguintes produtos: farinha, chocolate, carne, verduras etc."

3. uma citação.

Exemplo:

"Nunca consegui esquecer do verso do famoso escritor Camões :“o amor é fogo que arde sem doer”.

Os pontos de interrogação (?) e de exclamação (!)

São sinais que marcam a expressividade no texto. O ponto de interrogação tem a função de marcar perguntas e questionamentos; os de exclamação marcam a manifestação de admiração, espanto, alegria, emoção dos interlocutores.

Exemplo:

– “Estão loucos? Como vão rifar um porco morto?”

– “Não acredito! Vocês esqueceram meu aniversário!”

– “Socorro!”

Vamos tentar exercitar o uso desses sinais de pontuação?

Foram retirados os sinais de pontuação dos textos a seguir e cabe a você reescrevê-los, em seu caderno, colocando os sinais de pontuação (ponto final, travessão, dois pontos, pontos de interrogação e exclamação) adequados para a construção do sentido. Não se esqueça de utilizar as letras maiúsculas no início de cada frase.

Texto 1

Dois amigos encontram-se depois de muito anos e um deles fala casei separei e já fizemos a partilha dos bens o outro amigo pergunta e as crianças prontamente o primeiro disse o juiz decidiu que ficariam com aquele que mais bens recebeu sem titubear o amigo pergunta então ficaram com a mãe o amigo separado exclama não, ficaram com nosso advogado.

Texto 2

Um homem e uma bonita mulher estavam jantando à luz de velas num restaurante de luxo de repente o garçom notou que o homem escorregava lentamente para debaixo da mesa a mulher parecia não reparar que o companheiro tinha desaparecido perdão, senhora disse o garçom mas eu acho que seu marido está debaixo da mesa a mulher responde não está não e olhando calmamente para o garçom afirma meu marido acabou de entrar no restaurante.

Produção de texto

Nesta unidade, você teve a oportunidade de estudar mais sobre diferentes gêneros que se utilizam da narração, como as lendas e as piadas. Estes gêneros também integram e expressam diversas formas culturais e fazem parte do nosso dia a dia.





Agora é sua vez de manifestar um pouco da sua cultura. Escolha um *fato folclórico, misterioso ou sobrenatural* que seus pais, avós, tios ou idosos da sua comunidade e região contavam, e contam ainda hoje, e elabore um texto narrativo relatando esses fatos.

Não se esqueça de estruturar seu texto de acordo com o que se estudou e de utilizar os verbos, as expressões temporais, a pontuação de forma adequada. Faça um plano de texto, antes de iniciar a escrita. Insira a fala dos personagens, utilizando discurso direto para dar vivacidade e colorido à narrativa.

Seu texto deve ter em torno de 30 linhas.

Bom trabalho!

Anotar suas
respostas em
seu caderno

Veja ainda

1. As lendas fazem parte de nossa cultura. Conheça outras histórias de nosso folclore. Pesquise em:

- <http://www.suapesquisa.com/mitos/>
- <http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=188>
- www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/lendas.htm

2. Você já ouviu falar das lendas urbanas, que “povoam” o imaginário das cidades, passadas de boca em boca.

São situações de suspense e de horror, quase sempre.

São histórias que ouvimos de um amigo, que ouviu de outro amigo que...

Pesquise:

- www.mrmalas.com/lendas;
- vultosnanoiite.vilabol.uol.com.br/lendas.htm

Referências

Imagens



• Acervo pessoal • Sami Souza



• <http://www.sxc.hu/photo/492145>



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vit%C3%B3ria_R%C3%A9gia.jpg



• Autor: jakared.<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Negrinhodopastoreio.jpg>



• <http://www.sxc.hu/photo/1344320>



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>

Respostas
das
Atividades

Atividade 1

1. A expressão “ela” (linha 10) aponta para que personagem da história?

“Ela” - refere-se à Naiá.

2. O termo “eles” (linha 03) refere-se a que outro personagem da história?

“Eles” - refere-se aos pajés tupis-guaranis.

3.

a. pajés tupis-guaranis

b. Lua

c. Naiá

(c) ficava

(a) diziam

(b) andava

(b) se escondia

(b) a transformava

(a) contavam

(c) subia

(c) perseguia

(c) chorava

4.

- a. ..Sempre..... “ficava muito impressionada”. (linhas 06 e 07)

Durante muito tempo, todas as noites, quando todos dormiam “ela subia as colinas e perseguia a Lua na esperança de que esta a visse e a transformasse em estrela”. (linhas 07,08 e 09)

- b. (x) repetiram-se várias vezes ao longo do tempo.

5.

a. () Presente (x) Passado () Futuro

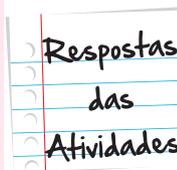
b. Com que expressões de tempo eles estão associados?

Viu – atirou - quis- resolveu - Certa noite

foi (vista) - nunca mais

transformou - então

c. (x) aconteceram uma única vez.



Atividade 2

Esta é uma lenda surgida entre os mendigos que vagam em todas as cidades. As mães contam-na para assustar os seus filhos malcriados que saem para brincar sozinhos na rua. De acordo com ela, um velho malvestido e com um enorme saco de pano nas costas anda pela cidade, levando embora as crianças que fazem "arte". Há ainda versões mais detalhadas em que o velho (mendigo ou cigano) leva as crianças para sua casa e lá faz sabonetes e botões com elas.

(n)a (contam) – a lenda

seus (filhos) – da mãe

(com) ela – com a lenda

sua (casa) – do velho

(com) elas – as crianças

Atividade 3

O cão e a ovelha.

Um cão pôs-se a discutir com uma ovelha, dizendo que lhe havia emprestado um belo osso para evitar que morresse de fome. A ovelha respondeu que nunca lhe pedira emprestada coisa alguma, e ainda menos ossos, pois nem seus dentes nem seu estômago aceitavam este tipo de alimento, pois era herbívora e não carnívora.

Mas, pobre dela! O cão achou como testemunha um lobo, um urubu e um gavião. Os três se associaram ao cão e juraram ter visto a ovelha receber o osso do cão e afirmaram que a viram roê-lo faminta. Com esse testemunho, ela, então, foi condenada.

Atividade 4

Ordenação dos parágrafos do texto: 2, 5, 7, 6, 3, 1, 4

Texto: **O Negrinho do Pastoreio**

Nos tempos da escravidão, havia um estancieiro malvado que gostava de maltratar os negros e os peões que viviam na fazenda.

Num dia de inverno, fazia muito frio e o fazendeiro mandou que um menino negro de quatorze anos fosse pastorear cavalos e potros recém-comprados.

No final do tarde, quando o menino voltou, o estancieiro disse que faltava um cavalo baio. Pegou o chicote e deu uma surra tão grande no menino que ele ficou sangrando. Forçou, então, o menino a resgatar o cavalo. Muito preocupado, ele foi à procura do animal.

Em pouco tempo, achou-o pastando. Laçou-o, mas a corda se partiu e o cavalo fugiu de novo.

Na volta à estância, o patrão, ainda mais irritado, espancou o garoto e o amarrou, nu, sobre um formigueiro.

No dia seguinte, quando ele foi ver o estado de sua vítima, ficou extremamente assustado. O menino estava lá de pé, com a pele sem nenhuma marca das chicotadas.

Ao lado dele, a Virgem Nossa Senhora, e mais adiante o baio e os outros cavalos. O estancieiro se jogou no chão pedindo perdão, mas o negrinho nada respondeu. Apenas beijou a mão da Santa, montou no baio e partiu conduzindo a tropilha.

Texto adaptado <http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=188>

Atividade 5

Responda às questões:

1. A história é a de dois meninos que, depois de enganados por um velho camponês na compra de um porco, resolvem rifá-lo mesmo estando morto.

2. Tomamos conhecimento do que aconteceu com o porco por meio da fala dos personagens . Sabemos que o porco morreu quando o velho camponês fala :..o porco já era. Ele morreu ontem à noite.) e que o porco foi rifado quando os meninos dizem: como já lhe dissemos, rifamos o porco.

Respostas
das
Atividades

Atividade 6

Resposta Pessoal. Sugerimos que você peça ao seu professor para avaliar o seu texto.

Texto 1

Dois amigos encontram-se depois de muito anos e um deles fala:

— Casei, separei e já fizemos a partilha dos bens.

O outro amigo pergunta:

— E as crianças?

Prontamente, o primeiro diz:

— O juiz decidiu que ficariam com aquele que mais bens recebeu.

Sem titubear o amigo pergunta:

— Então ficaram com a mãe?

O amigo que iniciou a conversa exclama:

— Não, ficaram com nosso advogado!

<http://www.piadasnet.com/piada1938curtas.htm> (texto adaptado)

Texto 2

Um homem e uma bonita mulher estavam jantando à luz de velas num restaurante de luxo. De repente o garçom notou que o homem escorregava lentamente para debaixo da mesa. A mulher parecia não reparar que o companheiro tinha desaparecido.



Respostas
das
Atividades

— Perdão, senhora - disse o garçom -, mas eu acho que seu marido está debaixo da mesa.

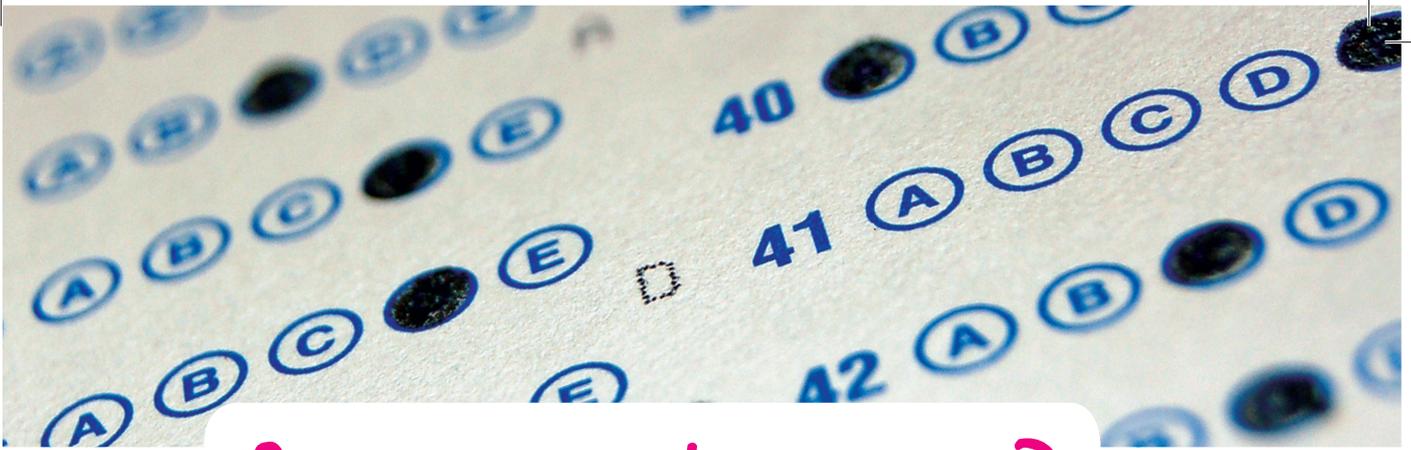
A mulher responde:

— Não está não!

E olhando calmamente para o garçom afirma:

— Meu marido acabou de entrar no restaurante.

<http://www.piadasnet.com/> (texto adaptado)



O que perguntam por aí?

ENEM 2010

Questão 113

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Disponível em: <http://www.passeiweb.com>. Acesso em: 1 maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de

- A fatos ficcionais, relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- B representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.
- C explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- D questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- E apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

Resposta: Letra E

Comentário: As biografias também são textos narrativos.

Questão 116

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. **Mas** o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, **mas** essas apenas.

LISPECTOR, C. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo **mas** no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo **mas**

- A expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- B quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- C ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- D contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- E assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

Resposta: Letra E

Comentário: O uso correto dos conectivos é fundamental para a coesão de um texto.

Até
breve!

Literatura: a arte da palavra

Para início de conversa...

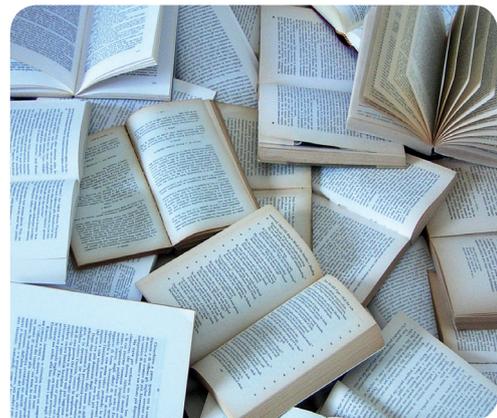
Muito se ouve falar de ARTE. Arte popular, arte erudita, arte moderna, arte clássica... Enfim, percebemos que a arte está em toda parte e em todos os momentos de nossas vidas, manifestando-se por meio da música, do teatro, da dança, das imagens e da palavra, nos momentos de felicidade, de prazer, de reflexão, de indignação, raiva, medo etc. Assim, a Arte manifesta-se de várias formas e em situações diversas.

Ao longo de sua história, o homem utilizou diferentes instrumentos e linguagens como forma de expressão artística: as cores, os sons, os gestos, a expressão corporal, as palavras, entre outros. Surgiram, assim, as diferentes manifestações artísticas: a pintura, a escultura, a arquitetura, a dança, a música, a literatura.

E o que é a literatura? Qual a diferença entre um texto literário e não literário? Por que apreciamos um texto literário de maneira tão diferente do que um texto não literário? O que leva o homem a produzir e apreciar literatura?

Nesta unidade, das várias formas de expressão artística, vamos conhecer e desfrutar daquela que trabalha com as palavras.

Bem-vindo ao mundo magnífico da Literatura!



Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer o que é literatura e sua ligação com a cultura e a realidade histórica.
- Identificar características de textos literários e não literários.
- Interpretar textos literários e não literários.

Seção 1

O que é Literatura?

Você já deve ter lido alguns tipos de texto literário, como poemas, contos, romances, crônicas etc. Alguns desses textos, ou parte deles, foram apresentados em unidades anteriores.

Literatura é a arte da palavra.

Importante

Que diferença você percebe na leitura de textos literários e de outros, não literários, como os manuais de instrução, as cartas, os documentos, as notícias?

Vamos perceber juntos?

Leia este poema de Álvares de Azevedo, poeta romântico do século XIX, que morreu aos 21 anos de idade, vítima de tuberculose.

Texto 1

Se eu morresse amanhã!

Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

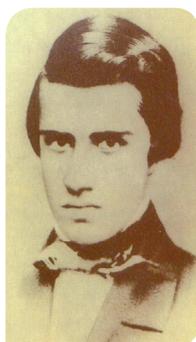
Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais **louçã!**

Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido **afã...**
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

(Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br>)



Manuel Antônio ÁLVARES DE AZEVEDO nasceu em São Paulo, em 12 de setembro de 1831 e faleceu no Rio de Janeiro em 25 de abril de 1852. Foi um dos principais poetas da Segunda Geração do Romantismo, estilo literário da primeira metade do século XIX. Devido a sua morte prematura, todos os

trabalhos de Álvares de Azevedo foram publicados postumamente: *Lira dos Vinte Anos* (1853, antologia poética); *Macário* (1855, peça de teatro); *Noite na Taverna* (1855, contos). Álvares de Azevedo também escreveu muitas cartas e ensaios, e traduziu para o Português o poema *Parisina*, de Lorde Byron, e o quinto ato de *Otelo*, de William Shakespeare

Saiba Mais

Louçã

bela, formosa

Afã

ânsia, grande vontade

Como você pode perceber, o poeta preocupou-se com a organização do texto e com a elaboração da mensagem. Vejamos:

1. o texto apresenta uma formatação organizada em blocos – que chamamos *estrofes*;
2. as linhas não são contínuas – marcando *versos* e, portanto, caracterizando o texto como um poema;
3. não há preocupação em organizar frases completas: o verso 2, “Fechar meus olhos minha triste irmã”, por exemplo, é continuação do verso 1;
4. percebe-se um tom de melodia, pois o poeta usa palavras com sons semelhantes para fechar alguns versos – as *rimas*: irmã/amanhã; manhã/amanhã; louçã/amanhã;
5. muitas vezes, o poeta reordena a linguagem comum e corriqueira, invertendo a ordem direta, a mais comum, da estrutura das frases: “Minha mãe de saudades morreria”, ao invés de “Minha mãe morreria de saudades”, por exemplo;
6. a repetição do verso “Se eu morresse amanhã”, encerrando cada estrofe, expressa um tom de lamento e de tristeza.

A partir desta análise, podemos reconhecer que o poeta preocupou-se com a elaboração da mensagem, com a seleção das palavras e a maneira de combiná-las entre si. Além disso, a forma como elaborou a mensagem criou uma relação entre autor e leitor, pois quanto mais lemos o poema, mais sentimos a melancolia, a tristeza e o lamento do poeta.



Esta é a função do texto literário: fazer-nos perceber um novo olhar sobre um fato comum.

Se o texto fosse escrito, sem a preocupação em como elaborar a mensagem, não conseguiríamos nos identificar com os sentimentos do poeta.

Compare, agora, o poema de Álvares de Azevedo com um fragmento de uma notícia sobre a morte do poeta Vinícius de Moraes:

Texto 2

Há 30 anos, morria o poeta Vinícius de Moraes

Um dos maiores poetas brasileiros do século 20, Vinícius também ficou famoso por músicas e parcerias

Rose Saconi – Estado de S. Paulo



Foi com emoção que o Brasil recebeu, no dia 9 de julho de 1980, a notícia da morte do poeta e compositor Vinícius de Moraes. Depois de passar a madrugada, compondo músicas infantis com seu parceiro Toquinho, sentiu-se mal ao acordar pela manhã. Antes que a ambulância chegasse, morreu ao lado de sua mulher, Gilsa. Estava com 66 anos de idade.

Além da notícia estampada na capa do Estado, duas páginas inteiras foram dedicadas para homenagear o poeta. (...)

(Extrato do texto de Rose Saconi, publicado no jornal Estado de São Paulo em 09/07/2010. Disponível na íntegra em <http://www.estadao.com.br/noticias/arteeazer,ha-30-anos-morria-o-poeta-vinicius-de-moraes,578925,0.htm>. Acesso em 23/01/2011)



Percebeu a diferença? A linguagem do poema, que é um texto literário, é subjetiva, pessoal, figurada e plurisignificativa, isto é, permite vários sentidos, várias interpretações, de acordo com os diferentes leitores em diferentes épocas. Já a linguagem da notícia é clara, direta, permitindo apenas uma única interpretação.

A literatura permite-nos ver o mundo de uma forma diferente, sob outra perspectiva. Os textos literários recriam a realidade, a vida.



Funções da Linguagem

Quando nos comunicamos, existe sempre um propósito, um objetivo que queremos alcançar diante do nosso ouvinte ou leitor, não é mesmo?

Desse modo, através da linguagem podemos querer convencer alguém, informar, emocionar, chamar a atenção do ouvinte, criar novos sentidos para uma realidade banal, ou explicar sobre o que se fala ou escreve. Portanto, podemos dizer que a linguagem apresenta diferentes FUNÇÕES. São seis as Funções da Linguagem, e cada uma apresenta características predominantes que a distinguem de uma outra função.

Assim:

Função **Emotiva** ou **Expressiva**: predomínio da primeira pessoa (eu/nós), preocupação com os sentimentos pessoais, com a subjetividade. Dizemos, então, que esta função tem a preocupação de emocionar o



Saiba Mais

leitor em relação aos sentimentos do próprio EMISSOR - quem está elaborando a mensagem.

Função **Conotativa** ou **Apelativa**: predomínio da segunda pessoa (tu/vós), de pronomes de tratamento (vocês, senhor, V.SA.), de verbos no imperativo (compre/alugue/beba, etc.), de vocativos - termos de chamamento. Assim, estamos usando a linguagem para convencer o RECEPTOR de alguma coisa, como ocorrem nas propagandas, por exemplo.

Função **Poética**: é a função própria da literatura, quando o autor está preocupado com a maneira como vai usar a linguagem para elaborar a MENSAGEM, preocupando-se com a forma (como nos poemas em que vai escrever em versos), utilizando uma linguagem mais conotativa, com diferentes figuras de linguagem. Mas, atenção: não é só a poesia que apresenta função poética. Muitas propagandas, por exemplo, nos dias de hoje, utilizam uma mensagem elaborada, com linguagem figurada e subjetiva, por exemplo.

Função **Refrencial** ou **Denotativa**: é a linguagem própria da informação. Portanto, a linguagem é mais impessoal, com predomínio da terceira pessoa, o REFERENTE, aquele que é o assunto, o objeto da mensagem. É a função da linguagem usada pelos jornais e pela ciência.

Função **Metalinguística**: a linguagem é utilizada para explicar o próprio texto que está sendo elaborado, ou mesmo explicar sobre a própria linguagem, como acontece no dicionário. Assim, dizemos que esta função da linguagem está centrada no CÓDIGO. Na poesia, por exemplo, é comum observarmos a META-LINGUAGEM, quando o autor explica o que é poesia através de um poema.

Função **Fática**: é a função que a linguagem assume quando queremos estabelecer contato com alguém, verificar se o CANAL de comunicação está aberto para elaborarmos efetivamente a mensagem que queremos passar para nosso interlocutor. São situações como aquelas em que, por exemplo, apenas queremos saber se a outra pessoa do outro lado da linha do telefone está mesmo nos ouvindo, ou se é o receptor com que queremos falar.

A seguir, vamos ler outro texto literário? Agora, o texto está escrito em **prosa**!

Prosa

texto escrito em linhas contínuas, organizadas em parágrafos.

Texto 3

Triste fim de Policarpo Quaresma - Primeira Parte



Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão da padaria francesa.

Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito. (...)

(Lima Barreto. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979, 22ª edição, p. 21)

”

Afonso Henrique de Lima Barreto, o Lima Barreto, nasceu a 13/05/1881, em São Paulo, e faleceu em 01/11/1922. Nunca se casou e viveu a vida toda com os pais. Esteve internado diversas vezes por alcoolismo. Foi o iniciador do romance dito engajado, pois sua obra traz as marcas de sua participação e comprometimento com o Brasil de sua época. Era um mulato e, por isso mesmo, sua existência foi marcada pela luta constante contra a discriminação e o preconceito social que eram as características da sociedade do seu tempo. Sua obra é um dos importantes marcos da luta em favor da dignidade humana e da liberdade dos oprimidos.

(Texto produzido para este livro e resultante de fontes diversas sobre o autor.)



Observe como o autor cria uma realidade imaginária, ou faz uma representação da realidade de uma maneira muito pessoal, com a intenção de sensibilizar, provocar estranhamento, envolver o leitor.

O processo de criação do texto literário envolve uma capacidade dos autores para criar uma nova dimensão (estética ou artística) da realidade, com uma **intenção estética**, que não se encontra, necessariamente, vinculada ao mundo real.

Por isso dizemos que, *na literatura, temos um mundo ficcional*, uma visão individual (subjetiva) de aspectos da realidade que não tem compromisso algum com o caráter documental ou com a realidade concreta tal qual ela nos é apresentada de fato. Por isso, também faz parte da literatura a **intenção lúdica**, de criação e de imaginação.

Mundo ficcional

é relativo à ficção. Ficção é toda e qualquer interpretação, criação ou adaptação imaginária da realidade.

Intenção estética

é uma maneira particular de dar vida à experiência humana, ultrapassando e transgredindo os limites da observação de fatos. Pela estética, construímos outros modelos de realidade, mediados pela ficção e reinterpretamos não somente o mundo real, mas também um mundo dos possíveis.

Intenção lúdica

é o jogo de sentidos, criado na obra literária ou artística, visando ativar o lado criativo, imaginativo. Pode se manifestar em dois planos: o real (denotativo) e o figurado (conotativo).



Uma característica especial da literatura é que o seu mundo é *ficção* e seus contornos são ficcionais também. Tudo é possível e passa a existir, quando falamos de literatura.



Monumento a Mário Quintana (sentado) e Carlos Drummond de Andrade, na Praça da Alfândega de Porto Alegre. Obra de Francisco Stockinger.



Indagar

perguntar

Leia o que escreve o poeta Mário Quintana sobre a necessidade de recriação da realidade dos escritores e responda às questões a seguir.

Mário Quintana é um poeta gaúcho. Considerado o "poeta das coisas simples", com um estilo marcado pela ironia, pela profundidade e pela perfeição técnica, ele trabalhou como jornalista, quase toda a sua vida.



PAUSA

"Quando pouse os óculos sobre a mesa para uma pausa na leitura de coisas feitas, ou na feitura de minhas próprias coisas, surpreendo-me a **indagar** com que se parecem os óculos sobre a mesa.

Com algum inseto de grandes olhos e negras e longas pernas ou antenas?

Com algum ciclista tombado?

Não, nada disso me contenta ainda. Com que se parecem mesmo?

E sinto que, enquanto eu não puder captar a sua implícita imagem-poema, a inquietação perdurará.

[...]

E paira no ar o eterno mistério dessa necessidade da recriação das coisas em imagens, para terem mais vida, e da vida em poesia, para ser mais vivida. [...]"

Fonte: Extrato da crônica "Pausa", de Mario Quintana. Mário Quintana. A vaca e o hipógrifo. Porto Alegre: Garatuja, 1977, p. 59-60.

1. Que imagens o poeta vê ao contemplar os óculos sobre a mesa?
2. Como o poeta vê a necessidade que ele sente da recriação das coisas em imagens?
 - () Ele acha que é normal e que todas as pessoas sentem essa necessidade.
 - () Ele acha que é um mistério, algo que não tem uma explicação clara.
 - () Ele acha que é uma necessidade de pessoas desequilibradas.

Anote suas respostas em seu caderno



Outra função da literatura é fazer o homem refletir e questionar a realidade em que vive, conforme seus anseios, expectativas e vivências no mundo que o cerca, dentro da sociedade de que faz parte.

Como uma obra de arte, a literatura representa a manifestação do artista diante da realidade de seu tempo, a maneira como essa realidade é percebida pelo artista, em sua época e em seu espaço, de acordo com sua visão de mundo, suas impressões e emoções diante das várias situações vivenciadas e experimentadas.

E o espectador dessa obra de arte vivencia o estado de espírito do artista, questiona essa realidade recriada na obra, que estimula novas sensações. Por isso, a arte tem uma função social, pois agrega os indivíduos de um grupo social e permite a reflexão do mundo que os cerca.





Compare os dois textos a seguir:

Texto 1: Mão do lixo

A mão que eu cato o lixo
Não é a mão com que eu devia ter.
Não tenho para ganhar
Na mesa da minha casa
O pão bom de cada dia.
Como não tenho, aqui estou.
Catando lixo dos outros,
O resto que vira lixo.
Não faz mal se ficou sujo,
Se os urubus beliscaram,
Se ratos roeram pedaços,
Mesmo estragado me serve,
Porque fome não tem luxo.

(...)

(Mello, Tiago, Mão do Lixo. fragmento. In: http://www.partes.com.br/meio_ambiente/poesia)

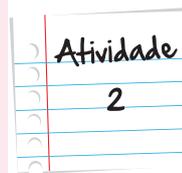
Texto 2:

“(...) No México, são chamados de pepenadores. Na Argentina, são conhecidos como cartoneros. Os brasileiros chamam-nos de catadores; os peruanos, de moscas. Cada país na América Latina e no Caribe tem um termo próprio para designar os catadores de lixo e, em certos países, seu número está crescendo. Eles podem ser vistos, separando sacos de lixo nas calçadas das cidades, parques públicos ou junto a supermercados e prédios de apartamento. Alguns puxam carroças que pouco a pouco vão enchendo com garrafas plásticas ou latas de alumínio. Muitos trabalham no alto de enormes monturos, em aterros sanitários municipais. Homens, mulheres e crianças participam dessa atividade. Em certos países, famílias inteiras de catadores de lixo vivem em cortiços ao lado ou no alto de aterros sanitários que garantem sua única fonte de renda. (...)”

(Fragmento. Milhares de latino-americanos ganham a vida catando lixo. In <http://www.ecolnews.com.br>)

1. Os textos 1 e 2 tratam do mesmo tema: o lixo. No entanto, percebe-se que há uma enorme diferença entre os dois. Aponte essas diferenças, considerando:

- a. Como é a linguagem usada em cada um.
- b. Qual dos dois textos provocou em você maior reflexão? Qual dos dois transmitiu a você mais sentimentos e indignação? Por quê?



Anote suas respostas em seu caderno

Seção 2

Textos literários e textos não literários

A partir das leituras e análises feitas na seção anterior, podemos definir textos literários e não literários da seguinte maneira:

Textos não literários buscam informar as pessoas sobre fatos de uma dada realidade e o fazem de forma direta e objetiva, adequando-os aos fins e aos usos de que as pessoas necessitam. Podem ser usados para documentar informações, registrar atos ou simplesmente noticiar diversos assuntos ou acontecimentos, reais ou não.



Os textos literários são aqueles que possibilitam uma reflexão sobre a realidade, sem compromisso com a verdade ou com os fatos. Nesses textos, percebemos uma visão pessoal sobre o fato, impregnada de impressões que apenas aquele autor vê no evento, e pode apresentar uma carga de sentimentos e emoções.



Vimos que a linguagem usada em textos literários é bastante diferente da que se usa nos textos não literários, não é?

A linguagem ocupa um lugar muito importante, quando falamos da diferença entre textos literários e não literários. Observe o “jogo” de palavras no texto literário, onde se busca atribuir às palavras de nossa língua novos sentidos. Esse uso faz-se em função de uma *intenção lúdica e estética* do autor e resulta de um trabalho criterioso com a língua, para a criação de um mundo outro que pode não ter vínculo algum com a realidade, vivida por ele ou pelo leitor de seu texto.



Tudo na literatura está diretamente ligado ao lado da imaginação, da recriação de realidades diversas e cujos limites são impostos pelos jogos de linguagem.

Denotação e conotação

Uma das grandes diferenças entre o texto literário e o texto não literário são os níveis de significação das palavras usadas nos textos: a denotação e a conotação.

A *denotação* refere-se ao sentido usual ou literal atribuído à palavra, àquele que está no dicionário. Seu sentido é claro, explícito, objetivo, designando os objetos e seres do mundo de forma que todos os reconheçam, a partir de uma mesma descrição.



A linguagem denotativa ou referencial é usada em textos informativos, como em jornais, bulas de remédios, em um manual de instruções, textos científicos, documentos diversos etc.

A *conotação* refere-se à ampliação dos sentidos de uma palavra, de maneira contextualizada. Dizemos que a palavra assume um novo sentido em função da necessidade de se retratar ou referir-se a uma outra realidade ou a um símbolo.

Por exemplo, quando dizemos: “Ele perdeu a cabeça”, não estamos querendo dizer que ele realmente perdeu sua cabeça, mas sim que ele se descontrolou; quando dizemos “Ela é uma Maria vai com as outras”, queremos dizer que ela se deixa influenciar facilmente pelos outros, não tem opinião própria, e assim por diante.

Em várias situações do cotidiano, empregamos uma palavra ou uma expressão em sentido conotativo.

Identifique as palavras ou expressões que estão sendo utilizadas no sentido conotativo nas frases abaixo e, em seguida, substitua-as por outra(s) de valor denotativo. Mas lembre-se que é preciso manter o sentido original da mensagem.

- a. A literatura permite-nos viajar.
- b. A comissão técnica está dissolvida, do goleiro ao ponta-esquerda.
- c. Indispensável à boa forma, o exercício físico detona músculos e ossos, se mal praticado.
- d. Alta nos juro atropela sonhos da classe média.
- e. Você é a luz da minha vida.

Anote suas respostas em seu caderno



Em geral, ao usar a conotação, atribuímos um caráter lúdico à palavra – resultante de um jogo de sentidos – e ela passa a representar ou a evocar outras realidades ou sentidos por associações que esse emprego provoca.

A linguagem conotativa ou figurada é muito utilizada, em textos literários, alguns textos publicitários, piadas, provérbios ou ditos populares etc. Mas é importante que você tenha em mente que também empregamos a conotação em nossa linguagem cotidiana, ainda que não tenhamos consciência disso.



Saiba Mais

Conotação e Figuras de Linguagem

A linguagem conotativa é também chamada de linguagem figurada. Por quê?

Quando queremos criar uma imagem e, para isso, empregamos determinados recursos, como:

- a. repetição de determinados fonemas
Exemplo: "Vozes veladas veludosas vozes"
Observe a repetição dos fonemas /v/e/z/.
- b. atribuir novos sentidos às palavras;
Exemplo: Sua filha é uma boneca!
Nesse exemplo, a palavra boneca assumiu um novo sentido, não é mais um brinquedo, mas uma qualidade, a partir de uma associação entre filha/boneca.
- c. estabelecer associações que fogem da regra geral, do sentido comum;
Exemplo: Estava desesperada! Sua vida havia se acabado!
Veja que, aí, há uma associação entre o desespero e o término da vida - que não corresponde, de fato, com a realidade - estabelecendo, assim, uma ideia de exagero com a intenção de realçar a mensagem.
- d. criamos novas ordens sintáticas para organizarmos uma frase
Exemplo: Ao mar e à lemanjá os pescadores iriam para cumprir suas promessas.
Com a finalidade de chamar mais atenção para os elementos "mar e lemanjá", nesse exemplo, o autor utilizou-se do recurso de inverter os termos sintáticos, já que a ordem mais comum seria "Os pescadores iriam ao mar e à lemanjá para cumprir suas promessas.

Estamos utilizando **uma figura de linguagem** no texto.

Isso mesmo! A imagem que o autor consegue nos fazer perceber através de palavras, e das diferentes combinações entre essas palavras, forma uma FIGURA. E como essa figura foi construída com a linguagem verbal, dizemos: FIGURAS de LINGUAGEM.

Pois bem, as figuras de linguagem estão organizadas em quatro grupos:

- a. figuras sonoras - aquelas em que se dá mais atenção à sonoridade da mensagem, através da repetição de fonemas e de palavras;

- b. figuras de palavras - quando usamos uma palavra em outro sentido, atribuindo-lhe um novo valor na mensagem;
- c. figuras de pensamento - são aquelas que trabalham com a subjetividade, a partir da exploração de novos sentidos que se encontram por trás de uma palavra ou da associação de ideias;
- d. figuras de construção ou de sintaxe - consistem em usar novas construções sintáticas na organização de frases para criar novos sentidos e/ou dar mais expressividade à mensagem.



Meus oito anos

Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que tenho

Da aurora da minha vida,

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores,

Naquelas tardes fagueiras,

À sombra das bananeiras,

Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias

Do despontar da existência!

- Respira a alma inocência

Como perfumes a flor;

O mar é - lago sereno,

O céu - um manto azulado,

O mundo - um sonho dourado,

A vida - um hino d'amor!

O céu bordado d'estrelas,

A terra de aromas cheia,

As ondas beijando a areia

E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!

Oh! meu céu de primavera!

Que doce a vida não era

Nessa risonha manhã!

Em vez das mágoas de agora,

Eu tinha as delícias

De minha mãe as carícias

E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,

Eu ia bem satisfeito,

Da camisa aberto o peito,

- pés descalços, braços nus -,





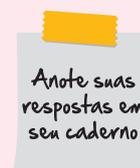
Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!

Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
[...]

Casimiro de Abreu nasceu em 04/01/1839, na Freguesia da Sacra Família da Vila Barra do São João, na então província do Rio de Janeiro. Faleceu em 18/10/1860, vítima de tuberculose. Está entre os grandes poetas da Língua Portuguesa e é um dos maiores do Romantismo brasileiro. Sua poesia teve grande repercussão na alma do povo e muitas de suas produções eram declamadas repetidamente e até musicadas. Corriam de boca em boca, ao ponto de algumas quase se tornarem anônimas.



1. Qual o tema central tratado no poema Meus oito anos?
2. A linguagem nesses versos é denotativa ou conotativa? Explique a sua resposta.
3. Note que o poeta utiliza-se de comparações, associações, entre elementos da natureza e a infância querida e bela. Retire da segunda estrofe duas comparações.



Bem, ao chegar ao final desta unidade, percebemos que ler textos literários é, antes de tudo, estabelecer um acordo com o autor da obra, no qual você aceita embrenhar-se em mundos de ficção a que ele o convida... Ser e estar aberto para participar dos jogos de sentidos que se criam... É se deixar levar, viajar. Mas também é fazer reflexões, questionamentos. Assim, interagimos com esse universo lúdico e ficcional para, novamente, (re) criar novos mundos.

“A literatura é a porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo o que lemos nos marca.”

(Extrato de Marisa Lajolo. Literatura : leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001. págs. 44-45)



Veja ainda

1. No site domínio público (www.dominiopublico.gov.br), você pode acessar obras de diferentes autores.
2. A TV Cultura é um canal de televisão que apresenta vários programas sobre diferentes manifestações artísticas e literárias. Você pode pesquisar no site alguns desses programas: <http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/>
3. A TV Escola é um canal de educação, com programações variadas sobre todas as áreas do conhecimento, como Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Vale a pena acessar: http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=5295

Referências

Imagens



• Acervo pessoal • Sami Souza



• <http://www.sxc.hu/photo/107467>



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:%C3%81lvares_de_Azevedo.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Drummond_e_Quintana.jpg



• <http://www.sxc.hu/photo/490557>



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>



• http://www.sxc.hu/985516_96035528



Atividade 1

1. As imagens de um inseto e um ciclista. Veja: “Com algum inseto de grandes olhos e negras e longas pernas ou antenas? /Com algum ciclista tombado?”
2. (X) Ele acha que é um mistério, algo que não tem uma explicação clara.

Atividade 2

1. a. No texto 1, a linguagem é mais pessoal, subjetiva poética, preocupada com a forma do texto e o ritmo. No texto 2, a linguagem é clara, objetiva, direta e impessoal.
b. Resposta pessoal. Mas, provavelmente é o texto 1, pois nos faz refletir sobre a questão da fome através de sentimentos e emoções. O texto 2 apenas traz informação.

Atividade 3

Há várias possibilidades para essas respostas e, por isso, as respostas aqui apresentadas são meras sugestões. Leve suas respostas para a sala de aula para que seu professor possa avaliá-las.

- a. A literatura permite-nos *viajar*.
A literatura permite-nos **imaginar**.
- b. A comissão técnica está dissolvida, *do goleiro ao ponta-esquerda*.
A comissão técnica foi dissolvida **toda**.

c. Indispensável à boa forma, o exercício físico *detona* músculos e ossos, se mal praticado.

Indispensável à boa forma, o exercício físico **prejudica** músculos e ossos, se mal praticado.

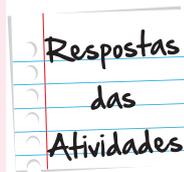
d. Alta nos juro*s atropela* sonhos da classe média.

Alta nos juro*s interrompe* sonhos da classe média.

e. Você é a *luz da minha vida*.

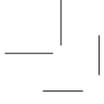
Você é **muito importante pra mim** / Você é quem **dá sentido à minha vida**.

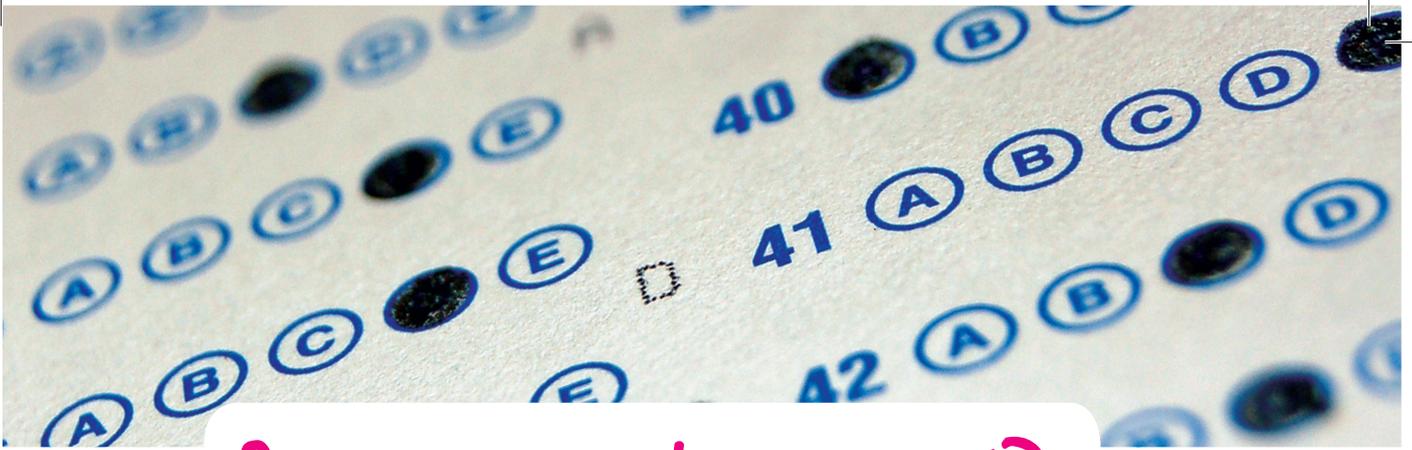
Você é **uma alegria na minha vida**.



Atividade 4

1. A saudade da infância
2. É mais conotativa, pois utiliza muitas imagens e comparações, usando palavras no sentido conotativo, como em O céu *bordado d'estrelas*, As ondas *beijando a areia*, E a lua *beijando o mar*!
3. Associa a infância ao mar e ao céu. Veja: O mar é - lago sereno, / O céu – um manto azulado.





O que perguntam por aí?

ENEM 2010

QUESTÃO 117

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

VANDRÉ, G. Disponível em: <http://www.letras.terra.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor

- A imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos.
- B transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção.
- C busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento.
- D procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção.
- E objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Resposta: Letra A

QUESTÃO 120

Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.

MACHADO, G. In: MORICONI, I. (org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

A memória é um importante recurso do patrimônio cultural de uma nação. Ela está presente nas lembranças do passado e no acervo cultural de um povo. Ao tratar o fazer poético como uma das maneiras de se *guardar o que se quer*, o texto

- A resalta a importância dos estudos históricos para a construção da memória social de um povo.
- B valoriza as lembranças individuais em detrimento das narrativas populares ou coletivas.
- C reforça a capacidade da literatura em promover a subjetividade e os valores humanos.
- D destaca a importância de reservar o texto literário àqueles que possuem maior repertório cultural.
- E revela a superioridade da escrita poética como forma ideal de preservação da memória cultural.

Resposta: Letra C

Até
breve!

A Literatura através do Tempo

Para início de conversa..

Quem sou eu diante do mundo? Que mundo é esse? Nascer, morrer... Por quê? O corpo ou o espírito? O Amor... Ah! O amor... Quanta dor! Oh! Deus, por que sofro? Por que existo?

Questões como essas sempre fizeram parte da natureza humana, não é mesmo?

A arte e a literatura mostram a expressão do homem no mundo, seus sentimentos, suas dúvidas, seus sonhos, seus descontentamentos ou suas aceitações. Por isso, a produção artística passa a ser um reflexo da sociedade de uma determinada época e espaço.

Como leitores, “viajamos” por mundos desconhecidos, vivenciamos outras épocas, percebemos as impressões de um tempo que não volta mais. Questionamos diferentes situações e emoções e, por isso, somos influenciados por artistas e pelas diferentes manifestações artísticas: o teatro, o cinema, a pintura, a música, a dança...

Agora, reflita: você, em alguns momentos de sua vida, já se sentiu tão emocionado que escolheu expressar seus sentimentos escrevendo alguns versos? E, quando criança, passou pela experiência de encenar uma peça de teatro, na escola, ou com um grupo de amigos? Já inventou, recontou ou leu um caso divertido ou impressionante para seus amigos?



Figura 1: Elaborando textos e recontando histórias.

Pois é! Em todos esses momentos, fazendo poema, montando e encenando uma peça de teatro, criando ou lendo uma narrativa, você estava interagindo com os chamados *gêneros literários*. E este é um dos objetos de estudo desta unidade.

Vamos conhecer os três gêneros literários básicos em que a literatura tem sido organizada: *gênero lírico* (principalmente na poesia); *gênero dramático* (teatro) e *gênero épico/narrativo* (histórias narradas, como romances, contos etc.).

E mais: vamos perceber como esses gêneros refletem a época e a realidade em que foram produzidos. Veremos que - se no transcorrer dos tempos, o ser humano modifica sua forma de ver, sentir e pensar sobre o mundo - também, na literatura, essas mudanças acontecem.

Dessa forma, a história do homem pode ser contada através do conjunto das manifestações literárias de cada época. Isso porque as obras de arte expressam os costumes e as várias formas de pensamento do momento histórico, econômico e social em que foram produzidas. Daí a importância de estudar a produção literária de um povo, de uma época, em um país, em uma região. E este é o outro aspecto da Literatura que propomos a você nesta unidade: desvendar os sentimentos e emoções de um tempo; vivenciar os anseios do homem nesse tempo, conhecer costumes, viajar pelos eventos; é sentir como a vida acontecia e fazia acontecer. Pronto para começar?

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer os diferentes gêneros literários.
- Analisar textos de gêneros literários diferentes.
- Compreender o conceito de estilo de época na Literatura, a partir do estudo dos períodos literários.
- Estabelecer relações entre textos de épocas diferentes, situando aspectos do contexto histórico, social e político no Brasil.

Seção 1

O que são gêneros literários

Para iniciarmos o estudo sobre gêneros literários, escolhemos dois textos: o primeiro é o início do conto “A Cartomante”, de **Machado de Assis**; o segundo é um poema do mesmo autor.

Propomos uma atividade inicial para que você possa perceber a diferença entre os dois textos. Vamos lá?

“A Cartomante” é um conto de Machado de Assis que traz a história de Camilo, Rita e Vilela envolvidos em um triângulo amoroso. A cartomante pode ser considerada outra personagem, devido a sua grande influência no conto. A história começa numa sexta-feira de novembro de 1869 com um diálogo entre Camilo e Rita. Rita fala de uma cartomante que visitou e acredita poder ver e resolver todos os seus problemas e angústias. Camilo, que no começo zomba de Rita, depois vai recorrer a esta mesma cartomante para saber sobre o seu caso com Rita e por que Vilela (seu amigo e marido de Rita) o havia chamado à sua casa... Continue a ler o conto em www.dominiopublico.gov.br. O desfecho da história é inesperado!



Texto 1



A Cartomante (fragmento)

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...



Machado de Assis

(Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/>)





Texto 2



Livros e flores

Teus olhos são meus livros.

Que livro há aí melhor,

Em que melhor se leia

A página do amor?

Flores me são teus lábios.

Onde há mais bela flor,

Em que melhor se beba

O bálsamo do amor?



Machado de Assis

(Fonte: www.dominiopublico.gov.br)

Comparando os dois textos, responda:

1. Em que texto houve maior preocupação com a formatação das ideias e com o ritmo da linguagem usada pelo autor? Por quê?
2. Identifique o texto em que o autor se preocupa em descrever o ambiente, em contar uma história em uma sequência temporal.
3. Qual dos dois textos apresenta maior carga de sentimentalismo e de subjetividade? Justifique sua resposta com elementos do texto em foco.
4. Nos dois textos literários, o autor teve o mesmo objetivo comunicativo? Mostre a diferença que você conseguiu perceber.

Anote suas
respostas em
seu caderno



Machado de Assis (1839 - 1908) foi um escritor brasileiro, amplamente considerado como o maior nome da literatura nacional. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista e crítico literário. Testemunhou a mudança política no país quando a República substituiu o Império e foi um grande comentarista, e relator dos eventos político-sociais de sua época. Detalhe: Machado de Assis era mulato, filho de um operário e neto de escravos que receberam a alforria. Pobre, foi criado no morro do Livramento e não tinha condições de frequentar cursos regulares na escola. Como, então, ele se tornou esse grande nome na literatura nacional? Descubra, lendo a biografia completa do autor no site:

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u180.jhtm>



A partir desta atividade, é possível observar que, entre os dois textos, há diferenças:

a. Em relação à **intenção** e à **estrutura**:

- o texto 1 propõe-se a contar um fato; por isso, apresenta os personagens - dois amantes, em determinada situação - a personagem Rita conta que foi consultar uma cartomante, descrevendo o ambiente em que estão inseridos;
- o texto 2 já se preocupa em expressar os sentimentos e percepções do mundo subjetivo do autor, em relação a como ele vê a mulher amada.

b. Em relação à **forma**:

- o primeiro é escrito em prosa (em linhas contínuas) e organizado em *parágrafos*, sem se preocupar em combinar as palavras para criar tom melódico ou rimas;
- o segundo, é escrito em versos e organizado em *estrofes*. Percebe-se uma preocupação em criar os versos que criam um certo ritmo e o tom sentimental.



O *texto em prosa* é aquele escrito em *linhas contínuas*, organizado através de períodos que compõem os *parágrafos*.

No *texto em versos*, o autor *não* se preocupa com a sequência linear das frases e dos períodos. A forma como escreve os versos está ligada ao ritmo que o autor quer colocar no seu texto. Assim, os *versos* são linhas descontínuas que estão organizadas em blocos a que chamamos *estrofes*.

Resumindo: considerando que os dois textos apresentam diferentes objetivos, estruturas e formas de composição, podemos dizer que eles pertencem a gêneros literários distintos.

A seguir, veremos que o texto 1 pertence ao gênero *narrativo*, enquanto o texto 2 é do gênero *lírico*.

A seguir, vamos conhecer mais sobre estes gêneros literários e também sobre um terceiro gênero literário, o *dramático*, que são textos escritos para o teatro.

Seção 2

A Literatura e seus gêneros

Tradicionalmente, as produções literárias têm sido classificadas em três gêneros literários principais, de acordo a estrutura do texto e a finalidade para o qual foi escrito:

1. Épico/narrativo (narrar histórias)
1. Lírico (expressar emoções e sentimentos)
2. Dramático (encenar no teatro)

1. O gênero épico/narrativo

Você já sabe que o conto “A Cartomante” é um texto do gênero narrativo, porque conta uma história que se desenvolve num tempo e lugar, envolve um narrador e personagens. Observou, também, que ele é escrito em prosa e não versos, como a maior parte dos textos de gênero narrativos da atualidade.

Mas será que sempre foi assim?

O que vamos descobrir, agora, é que, na Antiguidade, os textos narrativos eram escritos em versos também!

Na Antiguidade, era comum os escritores narrarem *feitos heroicos* e grandiosos, representando grandes fatos históricos de um povo ou de uma nação. Eram as epopeias, narrativas literárias de grande extensão, que tratavam de grandes viagens, guerras e aventuras, sempre enaltecendo e valorizando os heróis e seus feitos.

Nessa época, essas narrativas grandiosas quase sempre eram narradas em verso e usavam elementos da Mitologia Grega nos episódios, contando aventuras heroicas em que misturavam o real e o fantasioso. Daí ser chamado de *gênero épico*.



Figura 3: Pintura do artista italiano Francesco Hayez (1791–1882).Retrata uma passagem da epopeia A Odisseia, de Homero, escritor da Antiguidade Clássica.

Originalmente, o gênero épico é uma narrativa em versos que apresenta um episódio heroico da história de um povo.



Mas as epopeias não são exclusivas da Antiguidade. Por exemplo, mais tarde, no XVI, durante o Classicismo, Luís de Camões, grande autor português, escreveu uma das maiores epopeias da literatura: *Os Lusíadas*. Nela, o autor português exalta a glória do povo português, a partir da viagem do “herói” navegador Vasco da Gama às Índias, que buscava expandir a fé, o número de cristãos e conquistar novas terras para Portugal.

Leia as duas estrofes do Canto V de *Os Lusíadas*, narrando a passagem da esquadra de Vasco da Gama pela costa africana.



Figura 4: Pintura de Vasco da Gama, protagonista por excelência de Os Lusíadas, na chegada à Índia.



Canto V – estrofes 4 e 5

Assim fomos abrindo aqueles mares,
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso **Henrique** descobriu;
De **Mauritânia** os montes e lugares,
Terra que **Anteu** num tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda; que à direita
Não há certeza doutra, mas suspeita.

Passamos a grande **Ilha da Madeira**,
Que do muito arvoredo assim se chama,
Das que nós povoamos, a primeira,
Mais célebre por nome que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira

Se lhe aventajam quantas **Vénus** ama,
Antes, sendo esta sua, se esquecera

De **Cipro, Gnido, Pafos e Cietra**.



Fonte: <http://www.oslusiadas.com/content/view/22/45/>

Henrique

O décimo-sétimo Rei de Portugal, tendo governado entre 1578 e a sua morte, em 1580.

Mauritânia

Atualmente, é um país situado no noroeste da África, na região do deserto do Saara.

Anteu

Na mitologia grega, era filho de Posídon e Gaia. Extremamente forte quando em contato com o chão (ou a Terra, a sua mãe), desafiava todos os seus possíveis rivais para combates corpo a corpo, que terminavam invariavelmente com a morte do seu adversário.

Ilha da Madeira

Principal ilha do arquipélago da Madeira, situado no Oceano Atlântico, a sudoeste da costa portuguesa.

Vénus

Deusa romana equivalente a Afrodite na tradição grega; é a deusa do Amor e da Beleza

Cipro, Gnido, Pafos e Cietra

O culto de Afrodite, deusa grega da beleza e do amor, era universal. Na Grécia, seus templos principais eram os de Pafos, Amantote e Idalia na Ilha de Chipre; o de Gnido em Carla; o de Cietra no Peloponeso e do Monte Erix na Sicília

Com o passar do tempo, já a partir do século XIX, a narração de histórias passou a ocorrer predominantemente em prosa, e não mais apenas em versos, motivo pelo qual os estudiosos passaram a denominar de *gênero narrativo*. O conto “A Cartomante”, de Machado de Assis, é um exemplo do gênero narrativo.

Os textos do gênero épico/narrativo apresentam um narrador, aquele que conta uma sucessão de ações (*enredo*) dos *personagens* no *tempo* e no *espaço*.



Bem, e a que conclusão podemos chegar?

Os gêneros literários sofrem as mesmas influências do tempo como qualquer outro fenômeno ou traço da arte e da cultura. A *epopeia*, por exemplo, narrativa em versos sobre os feitos e heróis de um povo de que falamos antes, foi importantíssima na Antiguidade Clássica e no Classicismo, já no século XVI. Por outro lado, a partir do século XIX, o homem passou a contar suas histórias *preferencialmente em prosa*, e, com o Romantismo, desenvolveu-se um tipo de narrativa, chamada de romance, e, posteriormente, o conto – gêneros que continuam até hoje.

2. O gênero dramático

Produção Textual

Você já teve oportunidade de ver ou de participar da encenação de uma peça de teatro? Como era o texto da peça? Relate a sua experiência.



O *gênero dramático* é aquele que se realiza no teatro. Quer dizer: o texto dramático é para ser encenado, representado numa peça teatral. Também é o gênero usado para a criação de filmes, séries e novelas de TV, etc.

Para compreender melhor o gênero dramático, propomos a você uma atividade. Vamos lá?



Leia o seguinte fragmento de um texto de teatro. Num primeiro momento, apenas observe a organização do texto na página. Note os vários tipos de letra usados do texto.

Em seguida, cite três diferenças entre este texto e os textos 1, narrativo, *A Cartomante*, e o 2, o poema *Livros e Flores*, apresentados na Atividade 1, no início desta unidade.



O Pagador de Promessas

Padre Olavo surge na porta da igreja.

SACRISTÃO (*Como se tivesse sido surpreendido em falta.*) Padre Olavo!...

ZÉ – Preciso falar com ele.

Sacristão dirige-se apressadamente à igreja. Para na porta, ante o olhar intimidador do Padre. É um padre moço ainda. Deve contar, no máximo, quarenta anos. Sua convicção religiosa aproxima-se do fanatismo. Talvez, no fundo, isto seja uma prova de sua falta de convicção e uma autodefesa. Sua intolerância - que o leva, por vezes, a chocar-se contra princípios de sua própria religião e a confundir com inimigos aqueles que estão do seu lado - não passa, talvez, de uma couraça com que se mune contra a fraqueza consciente.

PADRE (*Para o Sacristão*) – Que está fazendo aí?

SACRISTÃO (*À guisa de defesa.*) – Estava conversando com aqueles homens.

PADRE – E eu lá dentro à sua espera, para ajudar à missa. (*Repara em Bonitão e Zé-do-Burro.*) Quem são?

SACRISTÃO - Não sei. Um deles quer falar com o senhor.

ZÉ (*Adianta-se.*) - Sou eu, Padre. (*Inclina-se, respeitoso, e beija-lhe a mão.*)

PADRE - Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

ZÉ - É que vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas.

PADRE - Sete léguas? Para falar comigo?

ZÉ - Não, pra trazer esta cruz.

PADRE (*Olha a cruz detidamente.*) - E como a trouxe, num caminhão?

ZÉ - Não, padre, nas costas.

SACRISTÃO (*Expandindo infantilmente a sua admiração.*) - Menino!

PADRE (*Lança-lhe um olhar enérgico.*) - Psiu! Cale a boca! (*Seu interesse por Zé-do-Burro cresce.*) Sete léguas com esta cruz nas costas. Deixe ver seu ombro.

Zé-do-Burro despe um lado do paletó, abre a camisa e mostra o ombro. Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão.

SACRISTÃO - Está em carne viva!

PADRE (*Parece satisfeito com o exame.*) - Promessa?

ZÉ (*Balança afirmativamente a cabeça.*) - Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO - Deve ter recebido dela uma graça muito grande!

Padre faz gesto nervoso para que Sacristão se cale.

ZÉ - Graças à Santa Bárbara a morte não levou o meu melhor amigo.

PADRE (*Parece meditar profundamente sobre a questão.*) - Mesmo assim, não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretensiosa também?

ZÉ - Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem de pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE - Foi por causa desse... Nicolau, que você fez a promessa?

ZÉ - Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO - Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dele?!

ZÉ - Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Ele chegou a casa, escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE - Uma hemorragia. ZÉ - Só estancou quando eu fui ao curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE (*Enojado*) Mas, meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ - Foi o que o doutor disse, quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE - Sem dúvida.

ZÉ - Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quede que o doutor fazia o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acabava mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão ele morre!

PADRE - E... o sangue estancou?

ZÉ - Na hora. Pois é um santo remédio. Seu Vigário não sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE - Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ - Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar do Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de seu Zequinha pra saber das novidades – tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia à missa, ele ficava esperando na porta da igreja...

PADRE – Na porta? Por que ele não entrava? Não é católico?





ZÉ – Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que ele não entra na igreja. É porque o vigário não deixa. (*Com grande tristeza.*) Nicolau teve o azar de nascer burro, de quatro patas.

PADRE – Burro?! Então esse que você chama de Nicolau é um burro?! Um animal?!

”

Fonte: Fragmento de: GOMES, Dias. O pagador de promessas. 34.a edição. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997. p. 62-67



O *Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, é uma das peças brasileiras mais premiadas e que, levada para o cinema, recebeu prêmios em festivais internacionais importantes. Tem como personagem principal um homem simples do sertão baiano, que faz a promessa de carregar uma enorme cruz de madeira até uma igreja de Santa Bárbara. Sua mulher acompanha-o, sem a convicção dele. Depois de andar sete léguas, chega à igreja, que está fechada. Ingênuo, ele não percebe a malícia e a má fé de pessoas à volta da igreja, para a festa da Santa. O trecho apresenta a cena em que a igreja é aberta e ele conversa com Sacristão e com o Padre.

Bem, após a leitura do fragmento de *O Pagador de Promessas*, você deve ter percebido que:

1. os nomes das personagens que vão falar aparecem em destaque, em geral em caixa alta (como “PADRE”).
2. o texto dramático não apresenta um narrador, como acontece no texto narrativo; e, por isso, seu autor usa as chamadas *rubricas*, isto é, as orientações que são colocadas entre parênteses, geralmente em letra diferente (*itálico*), para indicar a forma como aquela situação/fala deve ser desenvolvida. Veja, por exemplo, no início do texto:

PADRE (*Para o Sacristão*) – Que está fazendo aí?

SACRISTÃO (*À guisa de defesa*) – Estava conversando com aqueles homens.

PADRE – E eu lá dentro à sua espera para ajudar à missa. (*Repara em Bonitão e Zé-do-Burro.*) Quem são?

(...)

As rubricas podem apresentar informações sobre o cenário, sobre as personagens, sua entrada e saída de cena, suas reações e manifestações. Perceba que elas praticamente substituem as descrições e trechos que, numa narração, seriam do narrador.

Essa apresentação gráfica diferente, com uso de diferentes tipos de letra costuma afastar as pessoas da leitura de peças teatrais. No entanto, se você entender as rubricas como uma substituição do narrador, logo se acostumará com essas características e se sentirá à vontade lendo textos do gênero dramático (teatro).

3. Outra característica do texto de teatro é que ele é dividido em cenas e atos. *Cena* é um momento da peça em que estão no palco as mesmas personagens. *Ato* é um conjunto de cenas que formam uma unidade, dentro da história/conflito.

Agora, vamos compreender melhor o enredo do texto O Pagador de Promessas.

Leia novamente o texto de teatro apresentado e responda às perguntas que se seguem.

- a. O padre surpreendeu-se com a promessa feita pelo Zé-do-Burro? Por quê?
- b. Quais as características principais do protagonista (personagem principal) Zé-do-Burro? Como você o descreveria?
- c. Por que o Padre quis ver o ombro de Zé-do-Burro?
- d. Na sua opinião, o Zé-do-Burro conseguirá entrar na igreja com a cruz? Por quê?
- e. Qual é a problemática social discutida no texto?



Anote suas respostas em seu caderno

Ainda, de acordo com o assunto e a maneira de tratá-lo, o gênero dramático pode se apresentar em diferentes espécies, que variam bastante: a *tragédia*, a *comédia*, o *auto*, o *drama* e a *tragicomédia*.

Na Antiguidade, os gregos cultivavam duas espécies de peças teatrais: a *tragédia* e a *comédia*. A *tragédia* alimentava-se de situações trágicas, vindas da fatalidade, que tornava o protagonista ao mesmo tempo culpado e vítima. Era dirigida aos nobres, numa linguagem requintada e em verso. A *comédia* era oferecida à população plebeia (classe menos favorecida) e retratava pessoas do povo. Sua linguagem era muito mais próxima da coloquial e, por vezes, até mesmo vulgar.

3. O gênero lírico

A origem do nome *lírico* vem do instrumento musical de cordas – a lira - que, na Antiguidade acompanhava os poemas, que eram cantados. Isso mesmo: os poemas eram escritos para serem cantados.



Figura 5: Mulher tocando lira. Fotografia que reproduz a Antiguidade Clássica.

A poesia lírica é aquela que fala de sentimentos íntimos, emoções, e inquietações individuais, geralmente ligadas a questões amorosas e bem subjetivas, como lamentos, melancolia, tristeza, alegria. Esses sentimentos são “falados” por um EU e, por isso, dizemos que é um ‘eu lírico’.

Durante a Idade Média, o movimento literário é chamado de Trovadorismo. Os poemas eram escritos para serem cantados e o poeta era chamado de trovador. Por isso, os poemas são chamados de *cantigas*. Veja, no exemplo a seguir, uma cantiga lírica de amigo de um dos mais famosos trovadores da Idade Média, D. Diniz.



Trovadorismo

O primeiro movimento literário em Língua Portuguesa é chamado de Trovadorismo, que surgiu durante a Idade Média e começou a despontar em Portugal, por volta do século XII. São chamados de trovadores aqueles que compunham as poesias e as melodias que as acompanhavam. Essas poesias cantadas eram chamadas *cantigas*.

As cantigas recebiam classificações, conforme o conteúdo que apresentavam: as que expressavam sentimentos e emoções de um “eu lírico”, ou seja, a voz que nos fala pelos versos, são chamadas de *cantigas de amigo* e *cantigas de amor*; também compunham cantigas de cunho satírico, como propósito de criticar pessoas e costumes – são as cantigas de *escárnio* e de *maldizer*. Em todas elas, os autores eram homens, mas, nas cantigas de amigo, o autor expressa os sentimentos de uma mulher, isto é, o autor é um homem, mas quem fala e expressa os sentimentos é um “eu lírico” feminino.

Repare que a voz que fala nos versos (o “eu lírico”) não é a do autor e sim a de uma mulher que canta a ausência do seu namorado e a aflição de sentir-se abandonada. Ela representa os sentimentos de muitas donzelas que se iam abandonadas pelos homens que iam para a guerra. Por isso, é uma cantiga de amigo.



Ai flores, ai flores do verde **pinho**
se sabedes novas do meu amigo,
ai deus, **e u é?**

pinho

pinheiro.

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado,
ai deus, e u é?

e u é

e onde está?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu **do que pôs comigo**,
ai deus, e u é?

do que pôs comigo

sobre aquilo que combinou comigo.

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que me há jurado
ai deus, e u é? [...]



Veja uma interpretação da cantiga de amigo no site:
<http://www.youtube.com/watch?v=xYcoFmyOfo0&feature=related>



Nesta cantiga, o poeta é um homem, mas “encarna” os sentimentos de uma mulher – uma moça solteira que sente saudades do namorado. Assim, o autor é masculino, mas o eu-lírico – a voz que fala no poema – é uma mulher. Em geral, essas cantigas têm como cenário um ambiente natural e o diálogo se dá entre uma donzela, que expressa seus sentimentos em relação ao “namorado”, e sua mãe ou alguma amiga. É, portanto, uma poesia do gênero lírico.

O gênero lírico tem como característica essencial a exposição de emoções, da *subjetividade*, por meio de um “eu” que fala no poema, que conta suas emoções e sentimentos. Esse “eu” que fala no texto do gênero lírico é chamado de “eu-lírico” e não é o poeta.



Em geral, nos textos líricos, predomina o tempo presente – afinal, o sentimento de que trata o texto está sendo “sentido” no momento em que se fala. Por isso, dizemos que a lírica é sempre atual e atemporal.

Vamos ler e experimentar a seguir, um poema lírico de Luís Vaz de Camões, escritor português de uma época conhecida como Renascimento, no século XV, porque o artista propõe um “renascer” dos valores da Antiguidade Clássica. Classicismo, ou Quinhentismo (pois acontece no século XV), é o nome dado ao período literário que surgiu nessa época do Renascimento, um período de grandes transformações culturais, políticas e econômicas.



Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer

É um não querer mais que bem querer;
É um solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?



(http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_%C3%A9_fogo_que_arde_sem_se_ver)

1. Quanto à composição das estrofes:

Este poema é composto por 4 estrofes (conjuntos de versos): duas estrofes de 4 versos (quartetos) e duas de 3 versos (tercetos ou trios). Essa é a estrutura de um SONETO. Todos os sonetos são organizados dessa mesma forma.

2. Quanto à sonoridade:

O poema apresenta valorização da sonoridade, evidente no ritmo e em várias combinações sonoras.

O *ritmo* é uma sucessão de sons ou movimentos que se repetem regularmente. No poema, o ritmo se constrói, principalmente, pela *métrica*, isto é, pela divisão das sílabas poéticas de cada verso.

Conforme a análise da primeira estrofe do poema, percebemos que a métrica é regular, composta apenas por versos com 10 sílabas poéticas (versos decassílabos ou em medida nova):

A / mor / é / fo / go / que-**ar** / de / sem / se / **ver**;
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

É / fe / ri / da / que / dói / e / não / se / **sen** / te;
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

É / um / com / ten / ta / men / to / des / con / **ten** / te;
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

É / dor / que / de / sa / ti / na / sem / do / **er**
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A Métrica

Métrica é a medida de um verso, definida pelo número de sílabas poéticas ou métricas.

A sílaba poética nem sempre corresponde a uma sílaba gramatical. Na divisão (ou contagem) das sílabas poéticas de um verso, devemos considerar a emissão de voz do verso como um todo. Assim, para contarmos corretamente as sílabas poéticas, devemos ter atenção para alguns aspectos:

1. não contamos as sílabas poéticas que estão após a última sílaba tônica do verso;
2. os ditongos têm valor de uma só sílaba poética;
3. duas ou mais vogais, átonas ou até mesmo tônicas, podem fundir-se entre uma palavra e outra, formando uma só sílaba poética.

Saiba Mais

A *sonoridade* envolve as várias combinações sonoras. A primeira dessas combinações é a que ocorre nas *rimas*, nos finais dos versos. Trata-se de uma coincidência de sons, no final de cada verso, a partir da última sílaba tônica.

Veja as rimas na primeira estrofe do soneto:

Amor é fogo que arde sem se vER; (A)

É ferida que dói e não se sENTE; (B)

É um contentamento descontENTE; (B)

É dor que desatina sem doER (A)

Você observou que as partes marcadas nas palavras se repetem? Perceba a rima de,vER com doER, e de dOR, com fOR. Pois é, para marcar como as rimas acontecem, usamos as letras maiúsculas do alfabeto. Assim, a cada nova rima, atribuímos uma letra do alfabeto.

De acordo com a “arrumação” das rimas nos versos, podemos dizer que Camões usou, nas primeira e segunda estrofes do soneto, um esquema de rimas que se organiza em ABBA.

Assim como o gênero épico, também o lírico se transforma com o homem no transcorrer do tempo, da mesma forma que os homens mudam seus pensamentos, suas formas de expressão, formas de se comportar etc.

Camões, por exemplo, viveu num tempo em que se enfatizava o amor platônico – aquele que fica só no campo das ideias. No entanto, ele demonstrava, em vários de seus sonetos, uma constante luta interior entre o amor idealizado, espiritualizado e o amor material, terreno, carnal, fonte de sofrimento constante.

Em outras épocas, diferentes autores fizeram poemas com o tema do amor. Veja alguns exemplos mais atuais:

1. “

Eu não vou negar

Que sou louco por você,

"Tô" maluco pra te ver;

Eu não vou negar.

(...)

Eu não vou negar

Que sou louco por você,

"Tô" maluco pra te ver;

Eu não vou negar.

(...)

Que a vida é feita pra viver.

É o Amor,

Que veio como um tiro certo

No meu coração;

Que derrubou a base forte

Da minha paixão

E fez eu entender que a vida

É nada sem você.

”

(Fragmento É o Amor. Zezé de Camargo e Luciano, in: <http://letras.terra.com.br/zeze-di-camargo-e-luciano/65177/>)

2. “

E assim, quando mais tarde me procure [...]
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

”

Extrato Soneto de Fidelidade - Vinícius de Moraes

Seção 3

A Literatura reflete o tempo

Além dos elementos que caracterizam o gênero literário de uma obra, exercem grande influência os contextos social, político, econômico, filosófico em que ela foi escrita. Dessa forma, uma obra passa a ter as características desse tempo, comuns a diferentes artistas durante um mesmo período, ou seja, pertence a um *estilo de época*.

Estilo de época é o conjunto de características que um grupo de escritores e artistas apresenta em comum, devido às mesmas circunstâncias históricas, políticas e sociais que os envolveram e os influenciaram. Apesar de os artistas de um mesmo tempo apresentarem características comuns, cada um escreve, expressar sua arte, de acordo com seu próprio estilo, segundo suas características pessoais, ou seja, seu *estilo individual*.



Se, em dado momento, o homem se vê impregnado de pessimismo diante da vida, vivenciando situações de morte ou de desilusões, numa realidade que não o satisfaz, também sua obra, sua arte, irá tratar esses temas e expressar esses sentimentos, determinando um estilo de época literário.

Veja, a seguir, a reprodução de uma pintura do século XVII, do Barroco. Nessa época, as questões religiosas eram conflitantes e a dúvida era uma constante. Note o jogo entre a claridade (à esquerda da tela) e a escuridão (à direita); perceba ainda as sombras e a fisionomia dos personagens que transparecem o que sentem na situação.



Figura 6: A Coroação de Cristo, Van Dyck, 1620, Flandres, exposto em Madrid.

Por outro lado, se a ciência toma um novo rumo, se novas descobertas acontecem, modificando a maneira de se ver a sociedade, a arte também vai representar este momento; apresentará mais razão, mais objetividade, menos emoção e sentimentos. Logo, teremos outro estilo, que caracteriza outra época.

Por exemplo, do século XIV até o século XVI, durante o Renascimento, houve grandes descobertas científicas e tecnológicas que motivaram o homem a pensar de maneira mais racional, preocupando-se com a condição desse homem no mundo.

Diferente da pintura barroca na Figura 6 anterior, a Figura 7, a seguir, de Leonardo da Vinci, representa o Renascimento do século XV. Apesar de retratar também um tema religioso – o Anjo Gabriel anuncia a chegada de Jesus a Maria - observe a claridade da tela ao fundo, a simetria entre os elementos retratados e a ausência de expressão de sentimentos nos personagens. Esses elementos demonstram mais objetividade do artista na forma de retratar as cenas de uma época mais racional, em equilíbrio com as questões do mundo e, portanto, com mais clareza diante das situações.



Figura 7: A anunciação, Leonardo da Vinci.

E agora, vamos observar essa diferença de estilos de época na literatura?

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, Pero Vaz de Caminha escreveu uma carta ao rei de Portugal, relatando a nova terra recém- descoberta. Leia o fragmento desta carta, considerada como o primeiro documento escrito sobre nossa terra e nossa gente.

Texto 1



A Carta

Senhor,

Posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar— o saiba pior que todos fazer!

(...)

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.(...)

(...) Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira, é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

(...)

Pero Vaz de Caminha

(In. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>)

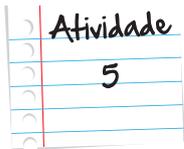


A linguagem desta carta pode parecer meio estranha para nós, não? Contudo, vale lembrar que há uma distância temporal bastante significativa entre a época em que foi escrita e a época de hoje.

1. Retire do texto o trecho em que Pero Vaz de Caminha conta ao Rei:

- a. o descobrimento da nova terra;
- b. que há um povo que vive nessa terra;
- c. a beleza e os recursos naturais dessa nova terra;
- d. a necessidade de catequizar os índios, considerados primitivos pelos portugueses.





Já no início do século XX, Oswald de Andrade, poeta do Modernismo, outro estilo de época, fez uma paródia da Carta de Caminha, fazendo uma crítica à colonização portuguesa.



Intertextualidade e Paródia

Quando um texto faz uma referência explícita ou implícita a um outro, ou quando uma obra faz alusão à outra, dizemos que ocorreu intertextualidade, ou seja, um diálogo entre os dois textos.

A paródia é uma forma de intertextualidade, pois a voz do texto original é retomada, mas seu sentido modificado, levando o leitor a uma nova reflexão, às vezes crítica, às vezes cômica. O autor da paródia utiliza-se de elementos do texto original para criar uma nova versão.

Leia o fragmento em que Oswald de Andrade mostra que os portugueses encontraram o povo que aqui habitava:

Texto 2



Pero Vaz de Caminha

(...)

Os selvagens

Mostraram-lhes uma galinha

Quase haviam medo dela

E não queriam pôr a mão

E depois a tomaram como espantados

(...)



Oswald de Andrade

(in: http://arquivos.unama.br/nead/graduacao/cche/letras/4semestre/form_lit_bras/atividades/pdf/uni_1_atividade1.pdf)

No poema, Oswald de Andrade colocou-se na mesma perspectiva de Caminha no momento em que os portugueses aqui chegaram. Assim, mostra a maneira como os colonizadores se sentiam superiores em relação ao povo que encontraram na nova terra.

2. Que elemento o autor do texto usou para mostrar o desprezo dos portugueses pelos índios?
3. De acordo com o que é relatado na estrofe do poema, como podem ser caracterizados os índios, segundo a visão dos portugueses colonizadores?

Agora, leia o fragmento de outra paródia da Carta de Caminha. Esta foi escrita em nossos dias e está disponível em um blog na Internet:



Paródia da Carta de Caminha

Olá, meu amado Rei, aqui quem fala é o Pero Vaz. Está me ouvindo bem?

Peguei emprestado o celular de um nativo aqui da nova terra. Tudo bem, Capitão Pedro está lhe mandando um abraço. Chegamos na terça, 21 de abril, mas deixei para ligar no Domingo porque a ligação é mais barata.

É aqui tem dessas coisas. Os nativos ficaram espantados com a nossa chegada por mar, não achavam que éramos Deuses, Majestade. Acharam que éramos loucos de pisar em um mar tão sujo.

(...)

É uma terra muito rica, Majestade. Acho que desta vez acertamos em cheio. Isso aqui ainda vai ser o país do futuro...



(por Bond Bilau. In <http://www.oclick.com.br/colunas/humor10.html>, acesso em 02/07/2011.)

Também aqui, o autor do texto se coloca como se fosse o próprio Caminha que relatasse o descobrimento do Brasil.

4. Retire do texto os elementos que descaracterizam o tempo passado, de 1500, e que trazem o fato para os nossos dias.
5. Na Carta original, Caminha diz que as “As águas são muitas, infindas(...)”. Que crítica percebe-se na paródia em questão?
6. Considerando que o ponto de partida para a criação da paródia é uma carta escrita em 1500, que outra crítica percebe-se no final do texto, em “Isso aqui ainda vai ser o país do futuro...”?



E então, você percebeu como, a partir de um mesmo fato - o Descobrimento do Brasil -, os autores dos textos mostraram diferentes visões? Na verdade, cada autor retratou o mesmo fato de acordo com a visão própria da época em que cada um vive, adaptando a linguagem ao seu tempo. Veja:

- a. Em A Carta, de Pero Vaz de Caminha, temos a visão do colonizador que, em virtude do Ciclo das Navegações, vai em busca de novas terras para enriquecer seu povo e seu país;
- b. No poema de Oswald de Andrade, depreendemos uma crítica a este povo colonizador, em uma tentativa de desfazer o caráter heroico que o povo português ainda recebia na época (início do século XX);
- c. Já na paródia do blog, notamos uma preocupação com o Brasil de hoje, com a poluição dos recursos naturais e com o futuro do país que ainda parece incerto, apesar do avanço tecnológico (afinal, ele - no caso Caminha - fala ao celular com o Rei de Portugal!).

Dessa forma, cada texto apresenta um conjunto de características próprias do seu tempo e pertence a um determinado estilo de época.

Cada estilo de época ocorre num determinado espaço de tempo, denominado período literário. Assim, cada período literário corresponde a uma fase em que determinados valores ideológicos, filosóficos, históricos, culturais e **estéticos** propiciam a criação de obras literárias que se aproximam pelo estilo que adotam e pela visão de mundo que apresentam.

Estéticos

relativo à estética - estudo que determina o caráter daquilo que é belo nas produções naturais e artísticas. A estética também aborda o sentimento que alguma coisa bela desperta dentro de cada um de nós.

Seção 4

Os períodos literários

Os períodos literários também são conhecidos como escolas, correntes ou movimentos literários. Estudar os períodos literários ao longo da história é compreender o conjunto de valores artísticos, culturais e ideológicos do homem dentro de uma sociedade.

E o que marca o início e o término de cada período literário?

Há certas circunstâncias históricas – como crises políticas, guerras, mudanças abruptas de poder político e econômico, entre outras condições – que motivam a criação de uma arte nova, de um estilo novo e de uma nova maneira de registrar as coisas. Isso proporciona o surgimento de um novo período literário.

Entretanto, o nascimento de uma nova corrente artística, estética, literária não apaga a beleza, os sentimentos e as características do período anterior – até porque as obras escritas nesse período continuarão a existir e a serem lidas, não é mesmo? Dessa forma, elas continuarão a influenciar as pessoas ao longo do tempo.

No Brasil, por causa da colonização portuguesa, nossa literatura corresponde às influências das manifestações e dos estilos de época que aconteciam em Portugal e na Europa. Até o século XIX, quando o Brasil tornou-se independente de Portugal, as manifestações literárias eram uma espécie de desdobramento da Literatura Portuguesa. Aos poucos, tal qual nossa nação, também a literatura foi se tornando independente e ganhou plena autonomia no início do século XX, dando início a um novo estilo de época, chamado Modernismo.

A história da literatura brasileira está dividida em dois grandes momentos: a Era Colonial e a Era Nacional. Esses momentos acompanham toda a trajetória política e econômica de nosso país. Vejamos:

2. 1. Os estilos de Época da Era Colonial

Períodos Literários	Quinhentismo	Barroco	Arcadismo
Época	Século XVI	Século XVII	Século XVIII
Fatos Históricos	a) Expansão Marítima de Portugal: novos descobrimentos b) A Companhia de Jesus: Movimento católico que leva padres missionários (jesuítas) às novas terras portuguesas recém-descobertas c) O Descobrimento do Brasil.	a) Movimento da Contrarreforma na Europa - movimento da Igreja Católica para retomar o seu poderio pela Europa. b) o ciclo da cana-de-açúcar na Bahia e a chegada dos negros c) escravos vindos da África; as invasões dos holandeses no Brasil.	a) Na Europa: <ul style="list-style-type: none">▪ Iluminismo▪ a Revolução Francesa b) No Brasil <ul style="list-style-type: none">▪ o ciclo do ouro, em Minas Gerais;▪ a Inconfidência Mineira.

Manifestações Literárias	<ul style="list-style-type: none"> A Literatura de Informação: os cronistas portugueses, a Carta de Caminha. A Literatura Jesuítica ou de Catequese: a poesia de Padre Anchieta. 	<ul style="list-style-type: none"> A poesia de Gregório de Matos Guerra, Bahia. Os sermões de Padre Antônio Vieira 	<ul style="list-style-type: none"> A poesia lírica: Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa. A poesia épica: Basílio da Gama, Santa Rita Durão.
---------------------------------	--	--	--

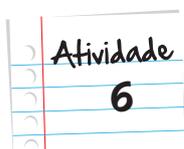
2.2.Os estilos de época da Era Nacional no Brasil

A partir de 1822, com a Independência do Brasil proclamada, iniciou-se uma arte e uma literatura com mais autonomia em relação a Portugal. Nossas obras, poemas e romances dão mais atenção aos problemas, costumes e cultura nacionais. Daí, a Era Nacional, que corresponde aos seguintes períodos literários:

Períodos Literários	Romantismo	Realismo, Naturalismo e Parnasianismo	Simbolismo	Modernismo
Época	Século XIX – 1ª metade	Século XIX – 2ª metade	Fins do século XIX	Século XX
Fatos Históricos	<p>a) Na Europa:</p> <ul style="list-style-type: none"> ideais da Revolução Francesa: liberdade; burguesia no poder; início do confronto de classes sociais. <p>b) No Brasil:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a chegada da família real de Portugal; - abertura dos portos; - Rio de Janeiro como capital da colônia; - ampliação da vida cultural, com teatros, bibliotecas, imprensa. 	<p>a) Na Europa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - cientificismo - socialismo -evolucionismo - as lutas de classe. <p>b) No Brasil:</p> <ul style="list-style-type: none"> -o ciclo do café no Rio de Janeiro e em São Paulo; -a decadência da monarquia; -luta pela Abolição da escravidura; -e pela Proclamação da República. 	<p>a) Na Europa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - período de conflito – pré-guerra mundial; - a divisão da África; - Psicanálise de Freud. <p>b) No Brasil:</p> <ul style="list-style-type: none"> - as revoltas no Brasil – da Armada, da Vacina, da Chibata, de Canudos; - a República de Floriano Peixoto. 	<p>a) Na Europa:</p> <ul style="list-style-type: none"> -a Segunda Guerra Mundial; -a crise econômica mundial. -novas invenções: a máquina, a velocidade, a luz. <p>b) No Brasil:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a política do café com leite (Minas Gerais e São Paulo), - a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, em 1922. - a Era Vargas.

<p>Poesia Lírica:</p> <p>1ª geração: Poesia Nacionalista e Indianista Autor: Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias</p> <ul style="list-style-type: none"> 2ª geração: Poesia Mal do Século ou Ultrarromântica Autores: Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu 3ª geração: Poesia Social ou Condoreira Autor: Castro Alves <p>Poesia Romântica:</p> <p>Romances Indianistas, Social e Urbanos, Regionalistas.</p> <ul style="list-style-type: none"> Contos Autores: José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Visconde D’Taunay, Teatro: Martins Pena 	<p>Prosa Realista:</p> <ul style="list-style-type: none"> romances, contos e crônicas em que predominam a razão, a frieza, ausência de sentimentos e a observação minuciosa dos fatos. Principal autor: Machado de Assis <p>Prosa Naturalista:</p> <ul style="list-style-type: none"> predomínio de romances de cunho social e urbano; narram fatos em que o homem é visto como produto do meio em que vive e, como resultado, é um homem com vícios, desejos incontroláveis e problemas de caráter. Autores: Aluísio de Azevedo, Raul Pompeia, Inglês de Sousa, Júlio Ribeiro. <p>Poesia Parnasiana:</p> <ul style="list-style-type: none"> valorização da estética e da perfeição artística; preocupação formal. Autores: Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Francisca Júlia. <p>No teatro: Artur Azevedo, Machado de Assis</p>	<p>Poesia Simbolista</p> <ul style="list-style-type: none"> valorização da intuição e do sonho; temas subjetivos; aproximação com a música. Autores: Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens 	<p>Rica produção de obras em prosa e em verso.</p> <p>Divide-se em três fases:</p> <p>a) Primeira Fase (1922 a 1930):</p> <ul style="list-style-type: none"> visão nacionalista e crítica da realidade brasileira; Autores: Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado. <p>b) Segunda Fase (1930 a 1945):</p> <ul style="list-style-type: none"> consolidação dos ideais da primeira fase; problemas sociais e políticos do povo brasileiro. Autores: Poesia - Cecília Meireles e Murilo Mendes Prosa - Jorge Amado, Graciliano Ramos e Raquel de Queirós. <p>c) Terceira Fase (a partir de 1945):</p> <ul style="list-style-type: none"> momento cultural muito rico, com produções literárias; diferentes gêneros literários experimentos temáticos e linguísticos. Autores: na prosa, destacam-se Guimarães Rosa e Clarice Lispector; na poesia, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes.
---	---	---	---

Agora que você já tomou conhecimento das características gerais dos estilos de época da Literatura após a Independência do Brasil, vamos fixar melhor o conteúdo?



Os poemas que seguem são, respectivamente, de Álvares de Azevedo, do Romantismo, e de Augusto dos Anjos, do Pré-Modernismo, com influência do Simbolismo.

Lendo e analisando-os, você perceberá uma nítida diferença entre a concepção de mundo expressa por ambos os autores, embora o assunto seja o mesmo – a morte. Dessa forma, procure retratá-las, levando em consideração o fato de que os estilos de época são demarcados por características distintas.

Elabore um texto objetivo e claro em que você compara os dois poemas:



Lembrança de Morrer

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nenhuma lágrima
Em pálpebra demente.
E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.
Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro,
... Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;



Álvares de Azevedo
(AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. São Paulo: Melhoramentos, 1999.)



Versos íntimos

"Vês?! Ninguém assistiu ao formidável

Enterro de tua última quimera.

Somente a Ingratidão - esta pantera -

Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!

O Homem, que, nesta terra miserável,

Mora, entre feras, sente inevitável

Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!

O beijo, amigo, é a véspera do escarro,

A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,

Apedreja essa mão vil que te afaga,

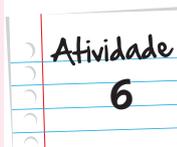
Escarra nessa boca que te beija!"



Augusto dos Anjos

(ANJOS, Augusto dos (1996). Obra Completa. Rio de Janeiro, Aguilar.)

Anote suas
respostas em
seu caderno



Terminada a atividade, você deve ter percebido que, ao longo do tempo, embora de maneira diferente, caracterizando diferentes estilos literários, o homem acaba apresentando preocupações semelhantes. Dessa forma, através do estudo das obras literárias, podemos realmente "sentir" como determinados fatos motivaram as diferentes maneiras de ser e de pensar a vida através dos tempos.

Veja ainda

1. Para vivenciar o gênero dramático, assista aos filmes, que estão disponibilizados em DVD, em qualquer locadora:
 - a. O AUTO DA COMPADECIDA, de Ariano Suassuna, adaptada para a TV e para o cinema, dirigida por Guel Arraes.
 - b. SHAKESPEARE APAIXONADO, dirigido por John Madden.

Referências

Sites

1. <http://literizando.wordpress.com/2011/10/03/barroco-links-analise-de-texto-e-material-para-download/>
2. <http://pessoal.educacional.com.br/up/4380001/1434835/t133.asp>
3. <http://www.colegioweb.com.br/literatura/motivos-classicos-da-poesia-arcade.html>
4. <http://www.algosobre.com.br/literatura/pos-modernismo-e-literatura-no-brasil.html>

Imagem



- <http://www.sxc.hu/photo/1094969> Autor: cierpki



- <http://www.sxc.hu/photo/1145735> Autor: Horton Group



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Machado-450.jpg>



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Francesco_Hayez_028.jpg



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vascodagama.JPG>



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lyre1913.jpg>



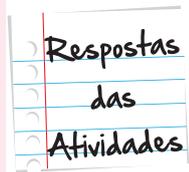
• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Anthonis_van_Dyck_004.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_da_Vinci

Atividade 1

1. No texto 2, pois ele está escrito em versos e em estrofes, apresentando um certo ritmo e rimas com algumas palavras como “flor”/”amor”.
2. O texto 1. Veja que o narrador “avisa” ao leitor sobre a situação que irá acontecer.
3. O texto 2. Ele tem uma linguagem subjetiva, expressando com sentimentalismo e emoção como ele vê a mulher amada. O autor compara os olhos da mulher amada a livros e os lábios a flores, onde se bebe “o bálsamo do amor”. A linguagem é conotativa. “Flores me são teus lábios/Onde há mais bela flor/Em que melhor se beba/O bálsamo do amor”
4. No texto 1, o autor teve a intenção de contar uma história. No texto 2, o propósito foi expressar os sentimentos em relação a como o autor vê a mulher amada.





Atividade 2

Resposta Pessoal

Você deverá elaborar um texto onde relata sua experiência. O tempo predominante deve ser passado, com a presença de narrador personagem e protagonista no texto. Apresente seu texto ao professor para que ele possa tecer comentários referentes à correção.

Atividade 3

Os textos A Cartomante e O Pagador de Promessas são escritos em prosa e contam uma história. Mas o primeiro apresenta um narrador, já o segundo está organizado em diálogos e não descrição das cenas, que serão encenadas. O texto 2, Livros e Flores, é escrito em verso e tem preocupação em passar as emoções e os sentimentos de um eu lírico, diferente dos dois anteriores.

Atividade 4

- a. Sim. A surpresa deve-se ao fato de que a promessa foi feita em um terreiro de Candomblé e não em uma Igreja Católica.
- b. Zé-do-Burro é um homem simples, humilde, da zona rural.
- c. O padre acreditava que a ferida relatada era do personagem, Zé-do-Burro, e não do animal.
- d. Resposta pessoal
- e. A questão do preconceito religioso.

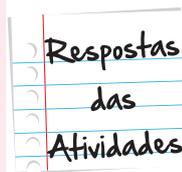
Atividade 5

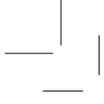
- a. "(...) a notícia do achamento desta Vossa terra nova (...)"

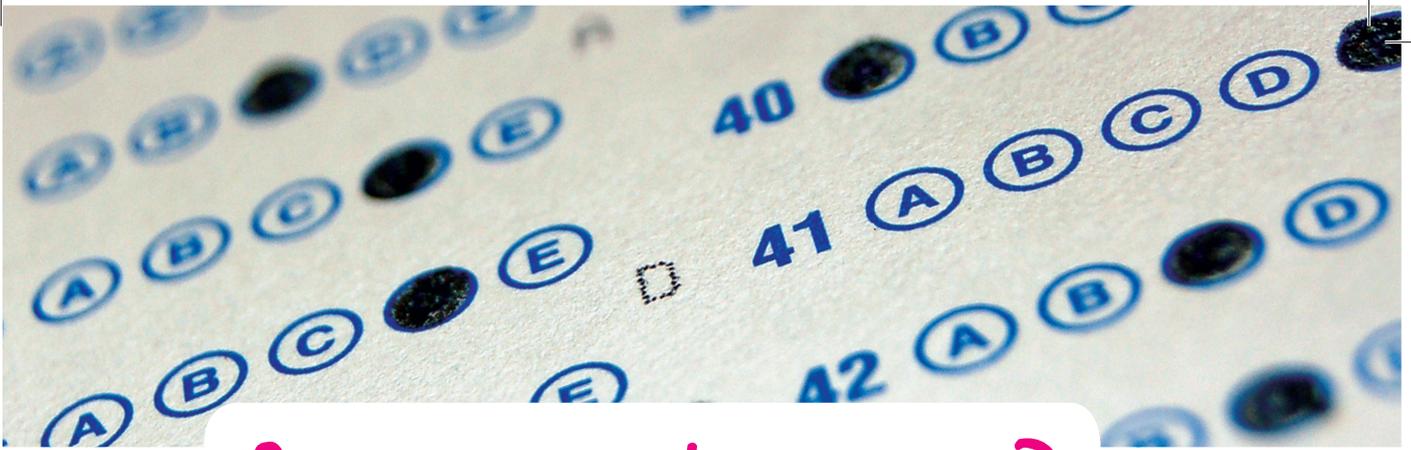
- b. “E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.”
- c. “Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira, é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!”
- d. “Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente.”
2. A forma como se refere aos índios, como selvagens.
3. Como pessoas inferiores, ignorantes (não conheciam sequer a galinha) e medrosos; portanto, passíveis de serem colonizados.
4. A linguagem usada pelo autor é de nosso tempo, bem como a presença de celular e da poluição das águas.
5. O autor faz uma crítica à poluição das águas.
6. Percebe-se que, desde 1500, ainda não conseguimos avançar e crescer verdadeiramente como país, na perspectiva do autor desse texto que reconstrói a Carta de Caminha, colocando-se nos dias atuais, com um novo enfoque (daí ser uma paródia).

Atividade 6

1. Partindo do pressuposto de que o eu lírico romântico se vê como alguém pessimista, como alguém que não alimenta nenhuma perspectiva diante das coisas mundanas, tal posicionamento é fruto da indignidade que o poeta se vê diante das coisas mundanas. Entretanto, tal sentimento, quando comparado ao poeta Augusto dos Anjos, simbolista, por sua vez, vai além de uma simples frustração, cuja característica se define por uma profunda busca do “eu”, só que levada às últimas consequências, chegando a ultrapassar as camadas do inconsciente. Dessa forma, evidenciamos que a morte, para o primeiro, poema do Romantismo, é a salvação para o sofrimento da vida, enquanto que, para o segundo, e a morte é uma maldição a que o homem está destinado e para quem a vida é apenas matéria.







O que perguntam por aí?

Questão 134

Texto I

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas.

RIO, J. A rua. In: *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (fragmento).

Texto II

A rua dava-lhe uma força de fisionomia, mais consciência dela. Como se sentia estar no seu reino, na região em que era rainha e imperatriz. O olhar cobiçoso dos homens e o de inveja das mulheres acabavam o sentimento de sua personalidade, exaltavam-no até. Dirigiu-se para a rua do Catete com o seu passo miúdo e sólido. [...] No caminho trocou cumprimento com as raparigas pobres de uma casa de cômodos da vizinhança.

[...] E debaixo dos olhares maravilhados das pobres raparigas, ela continuou o seu caminho, arrepanhando a saia, satisfeita que nem uma duquesa atravessando os seus domínios.

BARRETO, L. Um e outro. In: *Clara dos anjos*. Rio de Janeiro: Editora Mênito (fragmento).

A experiência urbana é um tema recorrente em crônicas, contos e romances do final do século XIX e início do XX, muitos dos quais elegem a rua para explorar essa experiência. Nos fragmentos I e II, a rua é vista, respectivamente, como lugar que

- A desperta sensações contraditórias e desejo de reconhecimento.
- B favorece o cultivo da intimidade e a exposição dos dotes físicos.
- C possibilita vínculos pessoais duradouros e encontros casuais.
- D propicia o sentido de comunidade e a exibição pessoal.
- E promove o anonimato e a segregação social.

Resposta: Letra D

Comentário: As crônicas, os contos e os romances marcaram as produções literárias no final do século XIX e início do Século XX.

Questão 118

Texto I

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

AMADO, J. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (fragmento).

Texto II

À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes. Curitiba os considera animais sagrados, provê as suas necessidades de cachaça e pirão. No trivial contentavam-se com as sobras do mercado.

TREVISAN, D. *35 noites de patrão: contos escolhidos*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 (fragmento).

Sob diferentes perspectivas, os fragmentos citados são exemplos de uma abordagem literária recorrente na literatura brasileira do século XX. Em ambos os textos,

- A a linguagem afetiva aproxima os narradores dos personagens marginalizados.
- B a ironia marca o distanciamento dos narradores em relação aos personagens.
- C o detalhamento do cotidiano dos personagens revela a sua origem social.
- D o espaço onde vivem os personagens é uma das marcas de sua exclusão.
- E a crítica à indiferença da sociedade pelos marginalizados é direta.

Resposta: Letra D

Comentário: Note que, em ambos os fragmentos, a narrativa apresenta a descrição do espaço como um elemento onde os menos favorecidos vivem: no primeiro, os personagens moram na praia, embaixo da ponte; no segundo, os personagens vivem às margens do rio.



A norma culta e suas diversas ramificações

Para início de conversa...

O que você faria se presenciasse a seguinte situação: uma pessoa entra num bar, vira para as pessoas que se encontram tomando uma cerveja e vendo um jogo de futebol e diz: “– Não há realmente nada mais edificante para o ser humano do que acompanhar um match do velho esporte bretão em meio à degustação de pequenos acespipes”?



Figura 1

Com certeza, você pensaria de imediato: “– ou este sujeito não regula bem, ou ele veio de um outro

planeta”. Por que isto acontece? Porque a situação informal não é compatível com uma linguagem extremamente formal.

Vocabulário

Edificante é um termo para designar algo que desempenha um papel positivo no aprimoramento de alguém.

Acepipe é uma palavra não tão usual para falar de petiscos em geral.

Bem, mas pensemos agora no caso oposto: imagine que você trabalha como responsável pela contratação de pessoal numa empresa de computadores. Uma bela tarde, você recebe um candidato a uma vaga como representante de vendas.

No meio da entrevista, então, o candidato se vira e diz: “Qual é, Mané! Tu tá pensando que a parada tá resolvida? N’um tá não! Quer me contratar me contrata, num quer, eu num tô nem aí”.

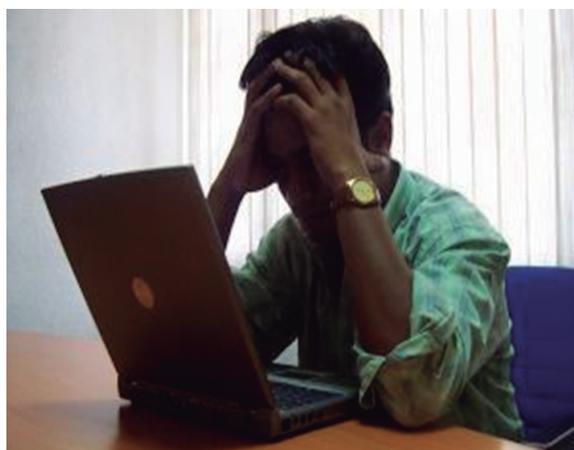


Figura 2

Com certeza absoluta, você também experimentaria neste caso uma sensação de espanto e se posicionaria negativamente em relação à contratação do candidato. Por quê? Porque a situação de uma entrevista de emprego exige uma posição mais formal.

O que temos, então, nestes dois casos? A desconsideração de uma diferença que ocupará incessantemente os nossos esforços na presente unidade: a diferença entre linguagem formal e informal.

Como veremos aqui, um dos elementos mais importantes para o sucesso da comunicação é justamente a capacidade de se adequar ao caráter de cada situação e de saber quando é a hora em que é preciso seguir um registro formal e quando seguir um registro informal.

Pronto para seguir uma tal diferença?

Objetivos de aprendizagem

- Diferenciar linguagem formal e linguagem informal;
- Reconhecer a importância da adequação da linguagem em diferentes situações;
- Associar usos linguísticos formais ou informais com certos gêneros textuais específicos;
- Identificar o papel da organização da língua por meio de processos de seleção (fonologia/morfologia) e de combinação (sintaxe);
- Compreender a importância das normas gramaticais para a manutenção da língua viva pelo povo;
- Empregar as principais regras de acentuação e de uso do hífen, considerando o Novo Acordo Ortográfico;
- Reconhecer a importância dos sinais de pontuação para o registro escrito da língua;
- Pontuar adequadamente enunciados por meio dos sinais ponto final, ponto e vírgula e vírgula.

Seção 1

Linguagem formal e linguagem informal: Um elemento de nosso cotidiano!

Uma das coisas mais importantes no estudo de língua portuguesa, assim como na compreensão ampla do fenômeno da linguagem e de seus códigos, é jamais perder de vista o fato de que tudo o que se aprende em tal campo pertence ao mundo da vida de cada um de nós. Neste sentido, uma tarefa primordial para o estudo de língua portuguesa e da experiência da linguagem propriamente dita é encontrar em nossa realidade cotidiana os elementos que estão em jogo.

Essa tarefa, por sua vez, é bastante simples quando o que está em questão é a distinção entre linguagem formal e linguagem informal.

Em verdade, todos nós conhecemos essa distinção, por mais que muitas vezes não prestemos muita atenção nela. Imagine que uma menina convida o seu namorado para ir pela primeira vez até a sua casa. Como é que você acha que ele se comportará ou que ele deveria ao menos se comportar?

Você acha que ele deveria bater nas costas do pai da menina e dizer: “E aí sogrão, que serviço de primeira a chefia não fez com a gata”!

Duvido muito que, se você fosse o “sogrão”, você ficaria bem impressionado com o rapaz. E o que aconteceria se, em seguida, ele se virasse para a mãe da menina, desse um apertão na barriga dela e dissesse: “E aí sogrinha, andou exagerando nas gordurinhas?” Se ele fizesse isto, é bem provável que a sua entrada na nova família tivesse um final nada feliz.

O que aconteceu na cena acima? o que aconteceu não foi outra coisa senão uma desconsideração do tipo de situação em jogo. Situações formais (o primeiro encontro com os pais de uma namorada é uma situação formal) exigem uma linguagem formal. Se nós não levamos este fato em consideração, as consequências podem não ser nada boas. Mas o contrário também pode acontecer e as consequência também são as piores.

Agora imagina que algum amigo lhe convida para ir a uma roda de samba na casa de uma amiga em comum. Quando você chega lá, todos estão já cantando, bebendo e se divertindo. Em seguida, porém, chega uma pessoa que você nunca viu e começa, então, a cumprimentar as pessoas da seguinte forma: “Muito prazer. Meu nome é Asdrúbal e estou encantado de travar um conhecimento com vossa senhoria”.

Neste caso, seria difícil conter o riso. Por quê? Porque esse modo extremamente formal de se apresentar não é de modo algum compatível com a informalidade da situação.



Figura 3

O que nós podemos concluir a partir daqui?

- Situações informais pedem uma linguagem informal
- Situações formais exigem uma linguagem formal

Bem, mas o que dissemos até aqui envolve a obediência a um certo conjunto de passos que precisamos exercitar aqui:

1. Identificação da situação – sem a identificação da situação, não há como se preparar adequadamente para o tipo de linguagem que é adequado.
2. Apreensão dos graus de formalidade e informalidade – as coisas não são sempre tão divididas assim. Muitas vezes há situação um pouco formais, mais ou menos formais, quase informais, extremamente formais etc.
3. Conhecimento dos registros formais e informais – domínio das regras e princípios que regulam os dois registros.
4. Estudo da língua culta – enquanto a linguagem informal se funda basicamente em nossas vivências

Será que você consegue cumprir as etapas desse processo?

Identifique o caráter da situação e a linguagem que lhe é adequada:

1. situação formal – linguagem formal;
2. situação informal – linguagem informal.
 - a. Seu chefe pede para que você escreva um discurso de final de ano em nome de todos os funcionários e avisa que os donos da firma estarão presentes. ()
 - b. Depois do serviço, seus colegas de trabalho o (a) convidam para jantar e para tomar um chope no restaurante da esquina. ()
 - c. Na escola, você escuta uma conversa sobre corrupção no Brasil e procura expor a sua opinião. ()
 - d. Você tem marcada uma entrevista para receber uma possível bolsa de estudo no exterior. ()
 - e. Você tem um churrasco em comemoração aos 10 anos de formatura na escola, no qual você vai encontrar uma série de antigos amigos que você não vê há muito tempo. ()

Anote suas respostas em seu caderno



Identifique os textos abaixo quanto ao seu caráter formal ou informal:

1. linguagem formal,
2. linguagem informal.
 - a. “Srs. Senadores, a medida que vos venho propor não se inspira somente nas proclamações naturais do meu temperamento e nas antecedências de minha vida, empenhada, como se sabe, em substituir, nos costumes deste regímen, o arbítrio pela justiça, o ódio pela união entre os brasileiros. Essa providência benfazeja consulta, igualmente, as tradições e os sentimentos que têm animado, em geral, os atos desta assembleia: tradições de moderação e equidade; sentimentos





de governo e de ordem. A ordem está no equilíbrio da vida exterior com a vida íntima de uma sociedade, na correspondência normal entre as superfícies aparentes da existência humana e as suas profundezas, onde se geram as correntes, as vagas e as tempestades. Não reside nas exposições e nos triunfos da vaidade e da força, no sacrifício da honestidade e do direito à expansão dos melhoramentos materiais em metrópoles de países arruinados, no cintilar da luz pelas arestas das baionetas vigilantes às portas dos quartéis, no desfilar dos regimentos ao som de fanfarras e tambores pelas ruas das cidades, no sofrer e calar dos povos longamente resignados aos hábitos de servir. No que ela consiste, politicamente, é na conformidade espontânea entre os aparelhos legais de uma nação e os elementos vivos do seu organismo". (Rui Barbosa, Discurso sobre a anistia, Sessão de 5 de agosto de 1905). ()

- b. "Cara, quando eu penso na mulambada que tá jogando no meu time, eu fico muito bolado. A quantidade de perna de pau é algo fora do comum. O meio de campo não existe, a defesa é uma teta, passa até um bicho preguiça, os laterais não apoiam nem defendem, o goleiro é um mão de quiabo... Não sei o que dá pra fazer, mas do jeito que tá não dá. Só tem uma coisa a fazer: mandar todo mundo embora e botar a molecada dos juniores para jogar. Vamos galera!" ()

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 2

O segredo do sucesso: saber o que dizer, a hora de dizer e o registro adequado para dizer

Sucesso: essa é uma palavra que envolve sempre muitos elementos. Não há normalmente como ter reconhecimento das pessoas sem aplicação, dedicação, conhecimento de causa, talento, assim como sem uma boa dose de sorte.

A adequação da linguagem, porém, também é um elemento central desse processo. Não há como alcançar êxito em qualquer profissão, sem ao mesmo tempo saber como se deve falar em cada situação. É por isto que, para uma pessoa que sabe lidar com todo tipo de gente, costumamos usar uma expressão como “ele sabe falar a nossa língua”. Saber falar a língua de cada pessoa com a qual entramos em contato: este é o segredo para evitar incompreensões e atritos desnecessários e para alcançar em cada caso os seus objetivos.

Uma tal capacidade, por outro lado, envolve antes de tudo a correta análise do registro de fala. Não há em verdade nada proibido em linguagem. Mesmo o palavrão e a gíria possuem o momento correto de uso. Do mesmo modo, existe um momento onde a utilização da norma culta pode produzir uma sensação de elitismo e causar, por isso, um distanciamento entre o falante e o ouvinte, o emissor e o receptor.

Há, então, uma importância enorme em saber quem é o seu receptor e qual o caráter específico da situação, para que uma série de consequências indesejáveis não se apresente e para que você possa conquistar uma plena realização da comunicação. Vejamos algumas dessas consequências em situações específicas de fala.

- Se um político ou um padre em um discurso para uma comunidade carente, composta antes de tudo por pessoas muito pobres, escolhe um registro muito formal de fala, opta pela língua culta e por certas características da língua culta, o resultado será certamente o seguinte: um estranhamento e um distanciamento em relação ao político ou padre, ou seja, uma incapacidade de compreensão da mensagem propriamente dita que ele tinha a transmitir.
- Se em situações formais optamos por uma linguagem completamente informal, se nos valemos de gírias e de palavrões e desrespeitamos incessantemente as regras que regem a norma culta, o efeito que se produz é o contrário daquele que obtemos em situações informais. Alguém poderia pensar que a linguagem informal, exatamente por seu caráter mais livre e solto, sempre produziria aproximação. No caso acima, contudo, o efeito seria o inverso. Em situações formais, quando utilizamos uma linguagem informal, o receptor tende a se fechar e a evitar justamente toda proximidade.

Podemos chegar, assim, a uma primeira conclusão: a desconsideração da linguagem adequada para cada situação tende, incessantemente, a produzir um distanciamento e um comportamento negativo no receptor, isto é, incompreensão e dificuldade de comunicação.

Mas há também o caso oposto. É possível analisar as consequências positivas da adequação plena entre a linguagem e a situação:

- Quando em uma situação informal, tal como no encontro com amigos ou num jogo de futebol, usamos uma linguagem informal, esse uso acaba produzindo naturalmente uma proximidade com as pessoas e uma sensação de compreensão mútua. Isto se dá porque a linguagem informal é aqui a linguagem adequada.

- Ao mesmo tempo, quando em uma situação formal como uma entrevista de emprego, um discurso público, a visita a pessoas que não conhecemos, utilizamos o registro formal, esse uso acaba fazendo com que o falante conquiste respeito e seja olhado com consideração e distinção. A linguagem formal funciona neste caso como um elemento positivo na avaliação que as pessoas fazem de você.

O que podemos concluir daqui?

A utilização da linguagem adequada para cada situação tem um grande potencial na aproximação entre as pessoas que nos são conhecidas e na construção de nossa imagem junto às pessoas com as quais não temos um contato mais direto.

Será que você consegue analisar as consequências do que dissemos acima em alguns exemplos?



Analise as consequências da plena adequação ou da desconsideração da linguagem adequada com vistas ao caráter da situação nos exemplos abaixo.

O que você acha que aconteceria se você estivesse acompanhando as seguintes situações? Quais seriam as reações das pessoas envolvidas? Como você se posicionaria diante dos modos como as pessoas estariam falando?

- a. Um rapaz de seus vinte anos vai ao banco para pedir um empréstimo. Chegando lá, ele vira para a gerente de sua conta e diz: "– Qual é, chefia, tudo bem? O negócio é o seguinte. Tô com uns problemas de cascalho e num sei como resolver. Andei gastando meu dinheiro todo com as minas e num sei como pagar agora umas continhas que chegaram. Nego tá no meu pescoço que nem catinga de bode. Eu sei que eu tô sem crédito aqui no banco, mas num tem um jeito de tu quebrar essa pra mim?"

b. Em uma entrevista de emprego, uma moça recém formada procura mostrar suas qualificações para a posição de gerente de vendas e diz: “– Eu sei que não tenho nenhuma experiência na área para além do estágio remunerado que fiz no ano passado. De qualquer modo, toda a minha formação foi pautada por uma total dedicação aos estudos e ao aprendizado dos princípios básicos de uma administração moderna, humana e solidária. Com isto, tenho certeza que possa compensar a falta de experiência inicial com muita dedicação e respeito mútuo. Sou uma pessoa muito responsável, nunca chego atrasada, não tenho qualquer problema em permanecer no serviço até mais tarde, estou disposta a fazer cursos de reciclagem contínuos e a me entregar de corpo e alma para a empresa”.

c. Em uma mesa de bar, depois de uma boa pelada, uma pessoa do grupo, extremamente formal, resolve expressar sua opinião sobre o casamento: “– O que os senhores têm de entender é que o casamento é uma instituição extremamente importante para a vida em sociedade, uma instituição sem a qual nós não conseguiríamos nos distinguir muito dos animais. A traição, por sua vez, coloca em risco o casamento, além de ser um crime perante Deus e a ruptura de um compromisso firmado nos céus. É isto que os senhores têm de manter em mente, antes de ficarem se entregando à luxúria e ao vício”.



Atividade
3



(Conversa de bar – Quadro de Joan Sloan – 1912)

Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 3

Linguagem e gênero textual: como saber o registro de linguagem a ser escolhido?

Não é apenas nas situações cotidianas que a adequação da linguagem é decisiva. Ao contrário, a escolha do registro de linguagem, formal ou informal, também é decisiva no caso de certos gêneros textuais.

Há uma diferença entre a linguagem oral e a escrita, entre a linguagem jornalística informativa e os editoriais formadores de opinião, entre situações solenes ou cotidianas... Um discurso de agradecimento em um aniversário é muito mais informal do que um discurso de final de ano para todos os funcionários de uma firma. Crônicas diárias, por exemplo, têm um registro mais informal e abrem um espaço maior para a utilização de gírias, de modos de falar mais comuns e mesmo para a utilização de certos recursos que são característicos da linguagem informal. É o que podemos ver claramente em um trecho de uma excelente crônica de Luiz Fernando Veríssimo no jornal O Globo, no dia 9 de setembro de 2012:

“

O prêmio de melhor slogan eleitoral até agora vai para um candidato a vereador em Nova Iguaçu: ‘Edilson que o povo gosta’. Não sei qual é o sentimento real do povo em relação ao Edilson, mas isto não importa. O que interessa é que o trocadilho é bem bolado e o Edilson tem senso de humor, o que talvez ajude a ser vereador em Nova Iguaçu.

O Barack Obama bem que gostaria de ter uma frase sintética como a do Edilson para enfatizar sua principal virtude eleitoral, a simpatia. O sorriso de boca apertada do Mitt Romney não se compara ao largo sorriso do magrão (...).

”



Figura 1: Romney (esquerda) e Obama (direita) durante a campanha eleitoral de 2012.

Veja como Luiz Fernando Veríssimo busca uma proximidade com o leitor por meio da ironia, de um texto mais direto e sem floreios, assim como de um tratamento mais informal da questão. Ter senso de humor, claramente, não é a principal virtude para um candidato a político. Ao mesmo tempo, não há nada de formal em chamar o presidente dos Estados Unidos de “magrão”.

Por outro lado, seria completamente descabido manter o estilo informal de uma crônica em um texto científico, por exemplo.

Na verdade, textos científicos precisam se valer de uma linguagem formal, e, quando eles se valem de uma linguagem um pouco mais informal, isto normalmente precisa ser feito com muito cuidado para que tal uso não seja confundido com falta de seriedade e rigor. É o que podemos acompanhar claramente na passagem abaixo de um artigo sobre a questão agrária no Brasil escrito por João Pedro Stedile – este texto é, para nós, particularmente interessante, porque ele não é um texto direto de militância, por mais que Stedile também tenha um trabalho de militância, no qual a linguagem escolhida é naturalmente informal:

“

O conceito 'questão agrária' pode ser trabalhado e interpretado de diversas formas, de acordo com a ênfase que se quer dar a diferentes aspectos do estudo da realidade agrária. Na literatura política, o conceito 'questão agrária' sempre esteve mais afeto ao estudo dos problemas que a concentração da propriedade da terra trazia ao desenvolvimento das forças produtivas de uma determinada sociedade e sua influência no poder político. Na Sociologia, o conceito 'questão agrária' é utilizado para explicar as formas como se desenvolvem as relações sociais, na organização da produção agrícola. Na Geografia, é comum a utilização da expressão 'questão agrária' para explicar a forma como as sociedades, como as pessoas vão se apropriando da utilização do principal bem da natureza, que é a terra, e como vai ocorrendo a ocupação humana no território. Na História, o termo 'questão agrária' é usado para ajudar a explicar a evolução da luta política e a luta de classes para o domínio e o controle dos territórios e da posse da terra. Aqui, vamos trabalhar o conceito de 'questão agrária' como o conjunto de interpretações e análises da realidade agrária, que procura explicar como se organiza a posse, a propriedade, o uso e a utilização das terras na sociedade brasileira.

(<http://portal.sipeb.com.br/santana/files/2010/08/A-QUEST%25C3%2583O-AGR%25C3%2581RIA-NO-BRASIL.pdf>)

”



Figura 2: Foto de um grupo do movimento dos Sem Terra em passeata

Que tal reconhecer agora os gêneros textuais com vistas ao seu caráter formal ou informal?

Procure enumerar as características da linguagem formal e informal de acordo com os gêneros literários abaixo:

- a. Discurso de posse do Presidente Luiz Inácio da Silva em 1 de janeiro de 2003: “Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo; visitantes e chefes das missões especiais estrangeiras; excelentíssimo senhor presidente do Congresso Nacional, Senador Ramez Tebet; Excelentíssimo senhor vice-presidente da República, José Alencar; excelentíssimo senhor presidente da Câmara dos Deputados, deputado Efraim Morais; excelentíssimo senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Marco Aurélio Mendes de Faria Mello; senhoras e senhores ministros e ministras de Estado; senhoras e senhores parlamentares, senhoras e senhores presentes a este ato de posse. ‘Mudança’: esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos. Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades, diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária”.





- b. Blog do jornalista Renato Maurício Prado, texto publicado no dia 16 de abril de 2013: “Com o título estadual quase no papo, a pergunta que mais tenho ouvido dos torcedores do Botafogo é se esse time poderá brilhar também no Campeonato Brasileiro. Creio que sim. Não falo somente pelos resultados do Cariocão, que podem ser enganosos, mas pela forma envolvente de jogar que a equipe de Oswaldo de Oliveira vem demonstrando jogo após jogo”.



Se você gosta de esportes e, principalmente, de futebol, talvez queira conferir o Blog do Renato Maurício Prado. Para isso, basta acessar o link: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/>

- c. Trecho do conto “O homem nu” de Fernando Sabino:



Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

”

Atividade
4



(Preste atenção no fato de que o texto mistura linguagem formal e informal)

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 4

A língua culta: seu papel na unidade viva do povo e suas muitas ramificações.

A língua culta não é apenas importante para alcançarmos pleno sucesso em situações formais e para podermos nos movimentar plenamente no interior de certas experiências de fala ou de escrita. A língua culta é pura e simplesmente decisiva para a constituição do modo de ser e da unidade propriamente dita de um povo. E isto porque a língua corrente, a língua falada no dia a dia não é senão uma variante por demais fluida e multifacetada da língua culta. É o que vemos expresso, por exemplo, em uma passagem de um discurso de Olavo Bilac em 1916 intitulado “A língua portuguesa”:

“

o povo, depositário, conservador e reformador da língua nacional, é o verdadeiro exército da sua defesa: mas a organização das forças protetoras depende de nós: artifices da palavra, devemos ser os primeiros defensores, a guarnição das fronteiras da nossa literatura, que é toda a nossa civilização.

”

O povo, por mais que possa reformar e mesmo renovar a língua, é aquele que se nutre imediatamente daquilo que precisa defender. Na verdade, a língua é aquilo que o caracteriza, que o determina, que promove a sua relação com o mundo, com as pessoas e consigo mesmo. Ela é toda a civilização que temos, porque é ela que marca o conteúdo de nossa experiência civilizatória, o conjunto de nossas ações humanas, demasiadamente humanas.



Saiba Mais

Olavo Bilac (Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1865 — Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1918):

Foi um jornalista e poeta brasileiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Criou a cadeira 15, cujo patrono é Gonçalves Dias.

Conhecido por sua atenção à literatura infantil e, principalmente, pela participação cívica, era republicano e nacionalista; também era defensor do serviço militar obrigatório. Bilac escreveu a letra do Hino à Bandeira e fez oposição ao governo de Floriano Peixoto. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, em 1896.

Em 1907, foi eleito "príncipe dos poetas brasileiros". Bilac, autor de alguns dos mais populares poemas brasileiros, é considerado o mais importante de nossos poetas parnasianos.



Ora, mas o que torna possível a manutenção e mesmo a elevação da língua culta? Quais as características que precisam ser seguidas para que a língua culta possa experimentar uma tal manutenção e elevação?

O que podemos dizer é que a língua culta obedece a ao menos três campos fundamentais: os campos da fonologia, da morfologia e da sintaxe.

- **FONOLOGIA** é o estudo dos sons que compõem as palavras, sem considerar esses sons isoladamente. Para a fonologia, o que importa não é simplesmente identificar os sons, mas sim acompanhar em que medida certos sons alteram significados. Por exemplo, as palavras bala e vala. Nessas palavras, a alteração de um som produziu uma alteração no significado da palavra. Ao mesmo tempo, a fonologia detém-se sobre as regras que definem certos processos cotidianos. Por exemplo, o fato de o “r” normalmente não ser pronunciado na linguagem corrente, quando ele se encontra no final da palavra. O que se costuma dizer é: “gostaria de comprá (ao invés de comprar) um saco de farinha”.

A fonologia é muito importante porque a alteração dos sons tem quase sempre consequências sobre o significado.

- **MORFOLOGIA**: a morfologia trata da composição das palavras por meio de unidades significativas. Em uma palavra, temos invariavelmente a sua raiz e alguns elementos que se ligam à raiz e que determinam gênero, número e pessoa. Por exemplo, na frase corrente: “um chope e dois pastel”, a manutenção da palavra no singular, apesar de sua ligação com o numeral dois, indica uma utilização errada do elemento distintivo do plural. O correto seria “um chope e dois pasteis” porque “eis” é a terminação própria para a indicação do plural. O mesmo vale para frases do tipo “a gente somos inútil” (frase da música do grupo de rock da década de 1980, Ultraje a rigor) e “nós vai tomar a Serrinha” (letra de um funk do Mc G3). Essas frases, que podem ser extremamente adequadas em relação ao seu contexto de fala, não respeitam a morfologia da língua, uma vez que não utilizam os elementos morfológicos próprios para a indicação de plural e da 1ª pessoa do plural. O correto morfologicamente seria: “a gente é inútil” e “nós vamos tomar a Serrinha”.
- Por fim, temos ainda a **SINTAXE** que estuda as relações das palavras nas frases e das frases no discurso. Ao mesmo tempo, a sintaxe dedica-se ao estudo das relações lógicas entre as frases, relações essas que podem ser de dependência e de independência, de qualificação, de complementação, de realização de funções sintáticas entre outras. A sintaxe é a parte mais ampla da gramática, exatamente porque trata de um campo bastante vasto: classe de palavras, funções sintáticas assumidas pelas palavras na frase, construção de períodos a partir da ideia de coordenação e subordinação, concordância nominal e regência verbal, assim como colocação de pronomes oblíquos e uso de crase.

Nós veremos aqui alguns exemplos de fonologia, morfologia e sintaxe que são decisivos para a construção, para a manutenção e para a plena realização da norma culta.



Corrija os erros de fonologia, morfologia e sintaxe presentes nos exemplos abaixo de acordo com a norma culta. Os erros encontram-se em negrito:

- a. Trecho da música “Tiro ao Álvaro” de Adoniran Barbosa: “De tanto levar **frechada** do teu olhar, meu corpo até parece sabe o que? **‘Táubua’**, de tiro ao Álvaro, não há mais onde furar”.

- b. Passagem do romance Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa: “O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: **pão ou pães, é questão de opiniões**”.

- c. “Ô rapá! Vê se **tu limpa** aqui porque **as borda da piscina tá suja**”.

- d. “**A gente estávamos** jogando pra frente, pro ataque, sem pensar na defesa. Os **gringo**, então, **vierum** para cima e a coisa ficou preta. Eu olhei pro dentuço e disse: ‘Dente, **temo de segurá as ponta**, senão num vai dar! **Tu puxa** o cachaça pra cá que eu ajeito **as coisa** por aqui”.





Anote suas respostas em seu caderno

Um dos elementos mais importantes para a realização da norma culta é justamente a pontuação, o uso correto de vírgula, ponto e vírgula e ponto final. Depois de ler atentamente as regras principais de utilização da vírgula, do ponto e vírgula e do ponto, pontue de maneira adequada o texto que se segue abaixo:

Uso da Vírgula:

- Use a vírgula para separar elementos repetidos ou enumerações. Por exemplo: Vieram à festa João, Maria, Pedro e Lúcia.
- Use a vírgula para separar elementos de explicação, que quebram a ordem direta da frase. Por exemplo: Carolina, uma jovem do interior do Pará, demorou muito para se aclimatar na grande cidade.
- Empregue a vírgula para separar a indicação do lugar, do tempo ou do modo como a ação do verbo se realiza, quando essa indicação acontecer no início da frase. Por exemplo: No frio do inverno, Julho passeava pelas ruas desertas da cidade.
- Empregue a vírgula para separar orações independentes, ou seja, orações coordenadas. Por exemplo: Ele viajou por algum tempo, mas seu casamento não sofreu qualquer abalo.





Uso do ponto e vírgula:

- O uso do ponto e vírgula obedece mais ou menos à lógica da vírgula: ele também é utilizado em enumerações e serve para indicar pausas. A diferença aqui é a duração da pausa. Quando temos uma enumeração, por exemplo, muitas vezes procuramos destacar mais cada um dos elementos em jogo e, para tanto, nos valem do ponto e vírgula. Vejamos: “O Brasil tem muitos problemas a resolver: a diferença financeira e cultural entre pobres e ricos; a péssima qualidade dos serviços e a má formação dos prestadores de serviço; a falta de infraestrutura condizente com os níveis de produção; e, por fim, a falta de integração entre os diversos estados da federação”.

Emprego do ponto final:

- A utilização do ponto final se orienta fundamentalmente por um ponto: a conclusão de uma ideia. Nós usamos o ponto, em verdade, quando concluímos um todo de sentido e nos encaminhamos para a articulação com outros períodos. Por exemplo: “A situação ecológica do planeta, apesar de todos os esforços das pessoas preocupadas com o futuro das novas gerações, é uma situação catastrófica. Com o crescimento da população mundial, aumentou enormemente a quantidade de lixo, de resíduos materiais, assim como se intensificou vertiginosamente o processo de deterioração dos recursos naturais”.

O texto abaixo de Arnaldo Jabor, escrito por ocasião da eliminação do mundial de futebol de 2006, não possui nenhum sinal de pontuação. Pontue o texto de acordo com as regras apresentadas acima:



As chuteiras sem pátria

Quando chega um fax com barulhinho de cornetas celestiais eu já sei: é carta do Nelson Rodrigues Não deu outra Nelson me pedia para publicar um texto sobre a Copa, já que está sem contato nas redações: “Eu sou do tempo do Pompeu de Souza do Prudente de Moraes Neto... Não conheço esses meninos da redação...”. Muito bem aqui vai seu comentário sobre o sábado da desgraça:

Amigos a derrota é um grande momento de verdade Só diante da vergonha é que entendemos nossa miséria Num primeiro momento queremos encontrar uma explicação para o fracasso mas fracasso não se improvisa — é uma obra calculada caprichada durante meses anos até Não adianta berrar no botequim que o Parreira é uma besta ou que o Ronaldo é um gordo perna-de-pau Não Nosso fracasso começou antes porque esta seleção não foi a pátria de chuteiras foram as chuteiras sem pátria

Para nossos jogadores ricos e famosos o Brasil é a vaga lembrança da infância pobre humilhada O país virou um passado para os plásticos negões falando alemão francês inglês todos de brinco e com lours vertiginosas Não são maus meninos ingratos não mas neles está ausente a fome nacional a ânsia dos vira-latas querendo a salvação O povo todo estava de chuteiras para esquecer os mensalões e os crimes mas nossos craques não perderam quase nada com a derrota tiveram apenas um mau momento entre milhões de dólares e chuteiras douradas pela Nike

”

Anote suas respostas em seu caderno



A unidade 4 tratou da linguagem formal e informal, assim como da necessidade de se avaliar com clareza em que contextos cada uma delas é a mais adequada, para que se possa obter uma plena realização da comunicação. Ao mesmo tempo, tivemos a oportunidade de acompanhar aqui alguns elementos importantes para a norma culta, elementos tais como os relativos às noções de fonologia, morfologia e sintaxe e como o uso correto da pontuação.

Resumo

Veja abaixo os tópicos centrais de nosso estudo:

- Nós vimos como a diferença entre linguagem formal e informal faz parte de nosso dia a dia.
- Em seguida, tivemos a oportunidade de perceber em que medida a boa avaliação do registro no qual nos movimentamos, ou seja, a plena identificação de se estamos em um contexto formal ou informal, é decisiva para o sucesso da comunicação.

- Depois de acompanharmos a relação entre linguagem e contexto, tratamos da norma culta em suas três áreas fundamentais: fonologia, morfologia e sintaxe.
- Por fim, consideramos algumas regras básicas de pontuação, com vistas à construção do discurso em sintonia com a norma culta.

Veja Ainda

Dicas de leitura e de cinema: como o que estava em questão aqui era a distinção entre linguagem formal e informal, nossas dicas vão na direção de filmes e livros que dão vida a personagens que se movimentam nesses dois registros!

1. Rubem Fonseca. O cobrador. São Paulo: Companhia das letras, 1998. (Excelente exemplo de construção de um personagem a partir da linguagem informal)
2. Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Editora Abril, 2005. (Exemplo de domínio absoluto da norma culta, sem a perda da proximidade com o leitor)
3. Pixote. A lei do mais fraco. Filme dirigido por Hector Babenco com Fernando Ramos da Silva e Marília Pera. Adaptação do romance de José Louzeiro.
4. Orgulho e preconceito. Um filme dirigido por Joe Wright com Keira Knightley e Matthew MacFadyen.

Referências

Livros

- BARBOSA, Rui. Escritos e discursos seletos. Lisboa: Nova Aguilar, 2001.
- BILAC, Olavo. "A defesa nacional". IN., BUENO, Alexei. Olavo Bilac: obra reunida. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. (Liga da Defesa Nacional, Rio, 1917)
- ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2005.
- SABINO, Fernando. O homem nu. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Imagens



• Acervo pessoal • Sami Souza



• <http://www.sxc.hu/photo/1171697> – Michal Zacharzewski



• <http://www.sxc.hu/photo/286892> – Rajesh Sundaram



• <http://www.flickr.com/photos/sergiohsg/6164760823/sizes/m/in/photostream/>



• https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a1/McSorley%27s_Bar_1912_John_Sloan.jpg/586px-McSorley%27s_Bar_1912_John_Sloan.jpg)



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mitt_Romney_by_Gage_Skidmore_6.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:President_Barack_Obama.jpg



• http://farm9.staticflickr.com/8233/8444616400_9d54fc7168_z.jpg)



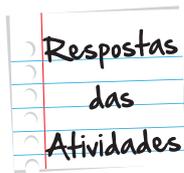
• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lula_-_foto_oficial05012007_edit.jpg



• (Foto do Filme – O homem nu de 1997 – <http://www.flickr.com/photos/ministeriodacultura/8497713023/sizes/m/in/photostream/>)



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Olavobil.jpg>



Atividade 1

- a. 1 – A situação é formal. Trata-se de um discurso de final de ano com a presença dos donos da firma. Por isto, a linguagem adequada precisa ser também formal;
- b. 2 – Tomar um chope depois do trabalho com os amigos é um exemplo de situação informal que pede uma linguagem informal;
- c. 2 – Por mais que a discussão seja na escola, o contexto é antes informal, porque você está expondo a sua opinião para os amigos. Isto requer linguagem informal;
- d. 1 – Uma entrevista para tentar conseguir uma bolsa é naturalmente uma situação formal que exige uma linguagem formal;
- e. 2 – Churrasco de confraternização é claramente uma situação informal que exige uma linguagem informal. Se você se portar de maneira formal, todos os seus antigos amigos vão achar que você ficou esnobe.

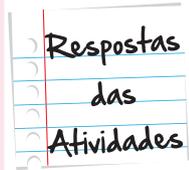
Atividade 2

- a. 1 – O belíssimo discurso de Rui Barbosa se vale nitidamente de uma linguagem formal para tratar de um tema relevante em um discurso para senadores da República;
- b. 2 – O comentário sobre a situação do time se vale de linguagem informal, com a utilização de contrações, de gírias e de expressões algo vulgares.

Atividade 3

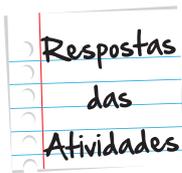
- a. Ao lidar com o gerente do banco de modo totalmente informal, o rapaz certamente causará um certo estranhamento e uma postura reativa do gerente. É claro que o gerente pode se adaptar ao inusitado da situação e lidar com a linguagem informal de maneira aberta, rindo um pouco do modo de falar do rapaz. De qualquer forma, porém, ele terá certamente mais dificuldades em conseguir se fazer ouvir do que alguém que se valesse da linguagem formal;

- b. Ao empregar a linguagem formal, mesmo sem uma experiência na área, a moça vai conquistar para si toda a simpatia do entrevistador. A sinceridade e a correção no uso da língua criam uma atmosfera de boa vontade que tem sempre repercussões sobre o que se pretende alcançar;
- c. Sem dúvida alguma, todos na mesa olharão uns para os outros espantados e, depois de alguma hesitação, vão tender a uma boa gargalhada. Na verdade, ninguém espera que, em uma mesa de bar, alguém faça um discurso sobre o lugar do casamento enquanto instituição.



Atividade 4

- a. O Discurso de posse do Presidente Luiz Inácio da Silva em 1 de janeiro de 2003 possui todas as características de um discurso feito em sintonia com o caráter da situação. Trata-se de um discurso de posse, feito para chefes de Estado de outros países, para figuras proeminentes da política e da sociedade, assim como de uma primeira impressão sobre o que estava por vir. Com isso, Lula obedece a uma pontuação primorosa, capaz de acentuar as pausas do discurso, se vale de termos não vulgares, oriundos da língua culta e conta ainda com o caráter emotivo da situação;
- b. O Blog do jornalista Renato Maurício Prado, publicado no dia 16 de abril de 2013, é todo construído com a linguagem informal. Expressões como “o título estadual está quase no papo” criam uma proximidade com o leitor, que se sente imediatamente tocado pelo texto;
- c. No trecho selecionado conto “O homem nu” de Fernando Sabino, o autor mescla linguagem formal e informal, criando um ritmo bastante interessante. Quando temos o narrador, a linguagem fica formal, com um tom mais distante. Quando o homem fala com sua mulher, por outro lado, a linguagem se torna coloquial, informal, o que traduz bem o clima entre os dois.



Atividade 5

- a. “De tanto levar **flechada** do teu olhar, meu corpo até parece sabe o que? **‘Tábua’**, de tiro ao Álvaro, não há mais onde furar”;
- a. “O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: **pão ou pães, é questão de opiniões**” (Aqui é importante perceber como obedecer a norma culta torna a passagem menos expressiva);
- a. “Ô rapaz! Vê se **tu limpas** aqui porque **as bordas da piscina estão sujas**”;
- a. “Nós **estávamos** jogando pra frente, pro ataque, sem pensar na defesa. **Os gringos**, então, **vieram** para cima e a coisa ficou preta. Eu olhei pro dentuço e disse: ‘Dente, nós **temos** de **segurar as pontas**, senão não vai dar! **Tu puxas** o cachaça pra cá que eu ajeito **as coisas** por aqui”.

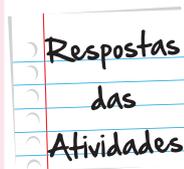
Atividade 6

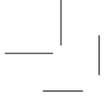
As chuteiras sem pátria

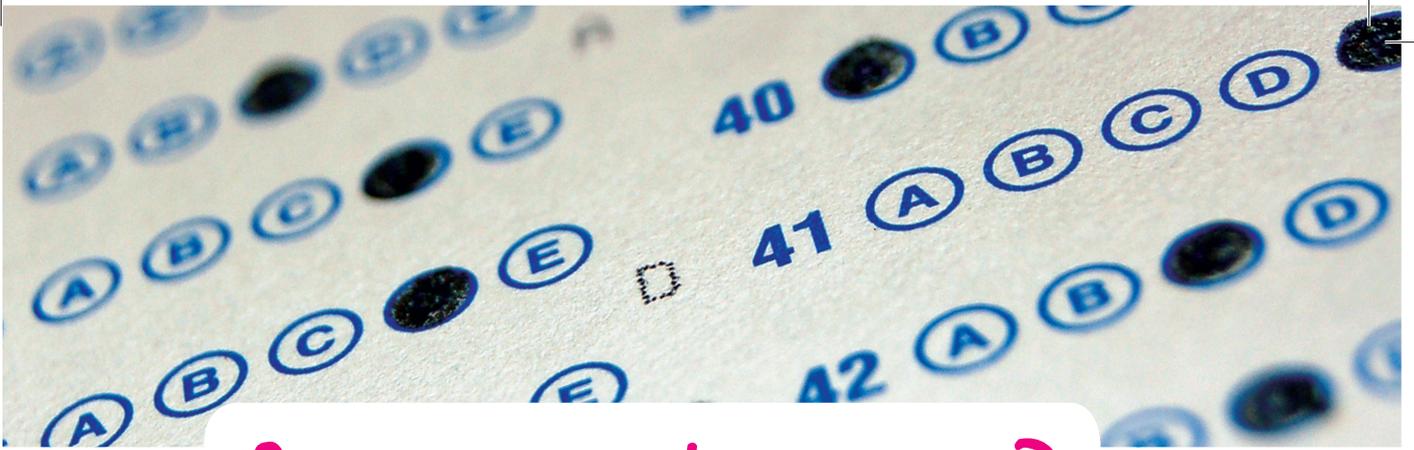
Quando chega um fax com barulhinho de cornetas celestiais, (separação da indicação do tempo) eu já sei: é carta do Nelson Rodrigues. (conclusão de ideia) Não deu outra. (conclusão de ideia) Nelson me pedia para publicar um texto sobre a Copa, (separação de orações independentes) já que está sem contato nas redações: “Eu sou do tempo do Pompeu de Souza do Prudente de Moraes Neto... Não conheço esses meninos da redação...”. Muito bem, (separação de uma expressão de modo) aqui vai seu comentário sobre o sábado da desgraça:

Amigos, (vocativo) a derrota é um grande momento de verdade. Só diante da vergonha é que entendemos nossa miséria. Num primeiro momento, (separação da indicação de tempo) queremos encontrar uma explicação para o fracasso, (separação de orações independentes) mas fracasso não se improvisa — é uma obra calculada, caprichada durante meses, anos até. (conclusão de ideia) Não adianta berrar no botequim que o Parreira é uma besta ou que o Ronaldo é um gordo perna-de-pau. Não. (Conclusão de ideia) Nosso fracasso começou antes, (separação de orações independentes) porque esta seleção não foi a pátria de chuteiras foram as chuteiras sem pátria. (conclusão de ideia)

Para nossos jogadores ricos e famosos, (separação de locução explicativa) o Brasil é a vaga lembrança da infância pobre humilhada. (conclusão de ideia) O país virou um passado para os plásticos negões falando alemão, francês, inglês, (enumeração) todos de brinco e com louras vertiginosas. Não são maus meninos, ingratos não, (enumeração e separação de orações independentes) mas neles está ausente a fome nacional, a ânsia dos vira-latas querendo a salvação. (conclusão de ideias) O povo todo estava de chuteiras para esquecer os mensalões e os crimes, (separação de orações independentes) mas nossos craques não perderam quase nada com a derrota, (separação de orações independentes) tiveram apenas um mau momento entre milhões de dólares e chuteiras douradas pela Nike. (conclusão de ideias)







O que perguntam por aí?

Questão 1 (ENEM 2006):

“

Aula de português
A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.
A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?
Professor Carlos Gois, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.
Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.
O português são dois; o outro, mistério.

(Carlos Drummond de Andrade. Esquecer para lembrar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.)

”

Explorando a função emotiva da linguagem, o poeta expressa o contraste entre marcas de variação de usos da linguagem em:

- a. situações formais e informais.
- b. diferentes regiões do país.
- c. escolas literárias distintas.
- d. textos técnicos e poéticos.
- e. diferentes épocas.

Resposta: Letra A.

Comentários: Carlos Drummond de Andrade fala justamente sobre a diferença entre a língua formal, inacessível, misteriosa, inatingível, e a língua informal, a língua do dia-a-dia, com a qual expressamos nossos desejos e nos relacionamos com as pessoas que nos são queridas.

